

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PREÁ

REVISTA DA FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO
SECRETARIA EXTRAORDINÁRIA DE CULTURA DO RN

Ano 9 | 2011 | Maio · Junho · Julho · Agosto

#24



VOCÊ É PARTE DA CULTURA. A CULTURA É PARTE DE VOCÊ.

O Agosto da Alegria fez a festa da cultura potiguar nos quatro cantos de Natal. Foram centenas de atividades culturais, em 30 dias de festa. Palestras, exposições, danças, shows, entre outros eventos. Agora, o Agosto da Alegria já está consolidado no calendário cultural do RN. Por isso, no próximo ano tem mais mistura da cultura com a sua energia. Isto é fazer o Rio Grande do Norte acontecer.

A ALEGRIA DE TODOS OS GOSTOS EM NÚMEROS: 30 DIAS DE FESTA - 100 MIL ESPECTADORES
 - 400 ATRAÇÕES CULTURAIS - 150 GRUPOS DE CULTURA POPULAR - GRANDES SHOWS MUSICAIS
 - LANÇAMENTOS DE CORDÉIS E PRESENÇA DE VIOLEIROS - 15º FESTIVAL DE FOLCLORE
 - 1º CIRCUITO DE BRINCANTES DO BRASIL / www.m.gov.br | www.cultura.gov.br



RN
GOVERNO
DO ESTADO
 RECONSTRUIR E AVANÇAR

PARTIDA

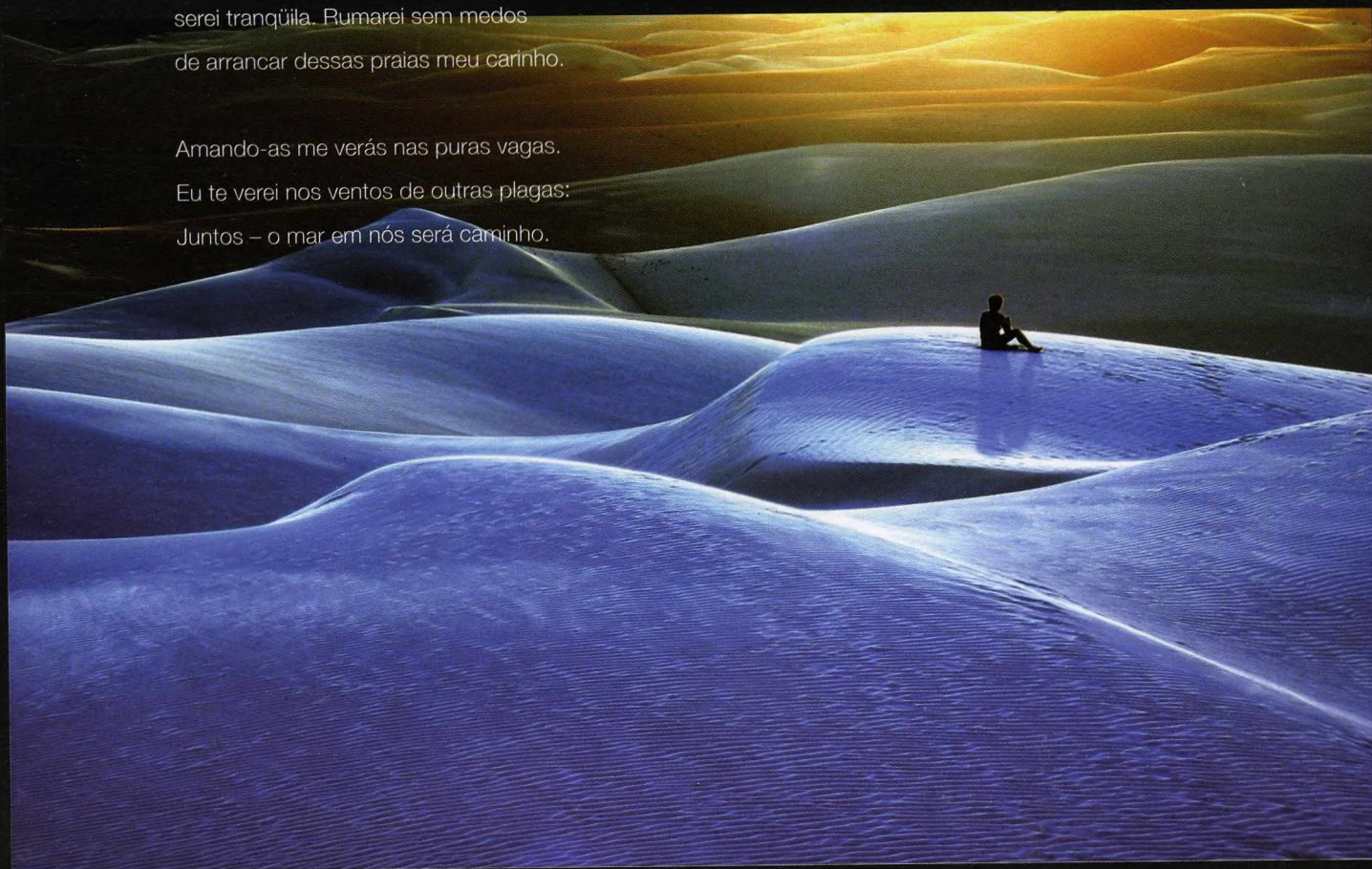
Quero abraçar, na fuga, o pensamento
da brisa, das areias, dos sargaços;
quero partir levando nos meus braços
a paisagem que bebo no momento.

Quero que os céus me levem; meu intento
é ganhar novas rotas; mas os traços
do virgem mar molhando-me de abraços
serão brancas tristezas, meu tormento.

Legando-te meus mares e rochedos,
serei tranqüila. Rumarei sem medos
de arrancar dessas praias meu carinho.

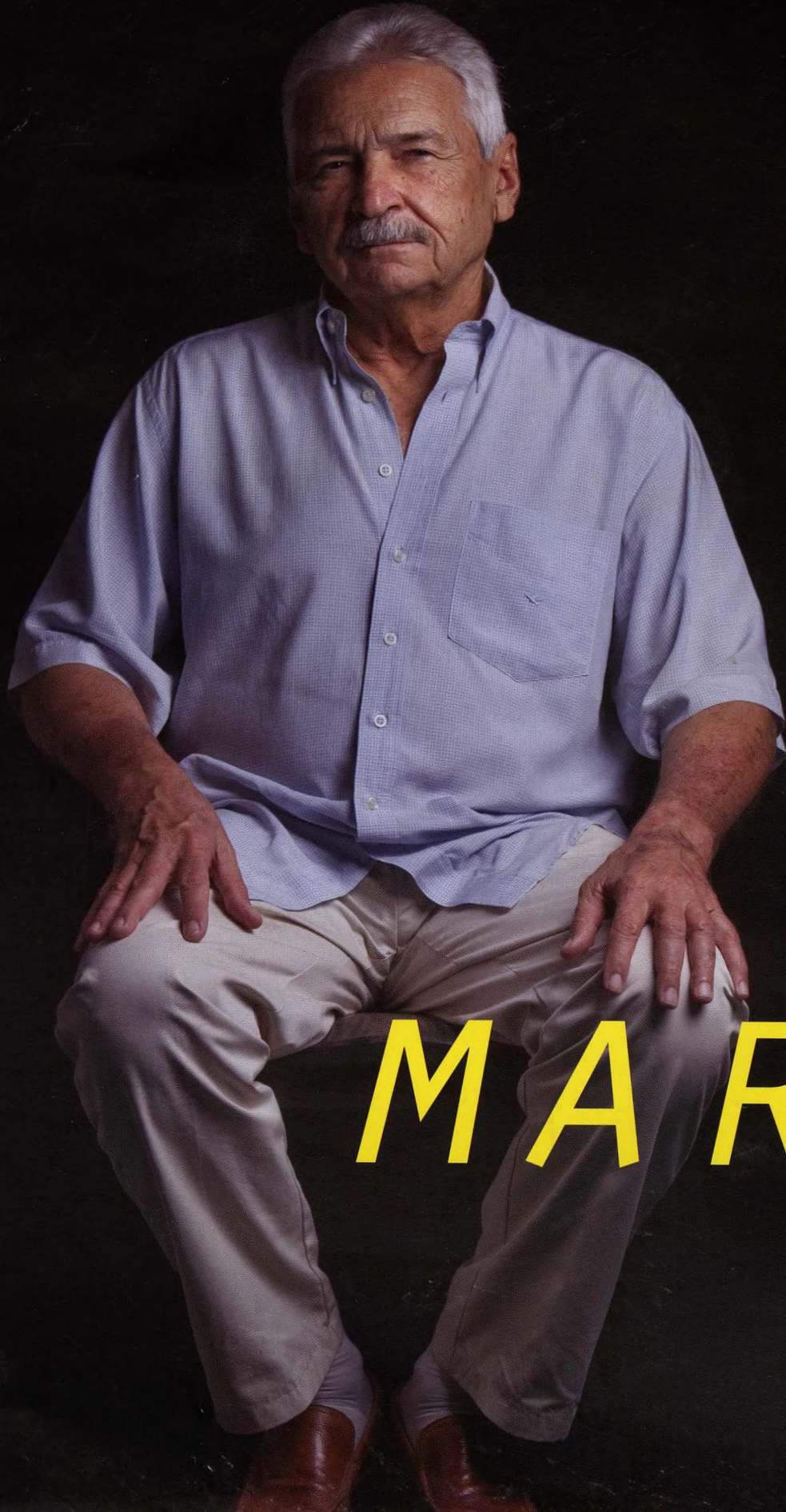
Amando-as me verás nas puras vagas.
Eu te verei nos ventos de outras plagas:
Juntos – o mar em nós será caminho.

Por Zila Mamede | Foto João Maria Alves

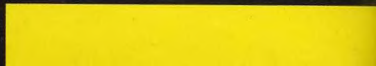


Zila Mamede (Nova Palmeira-PB, 1928 - Natal, Praia do Forte, 1985) foi poeta, bibliotecária e bibliógrafa, autora, entre outros, de *Rosa de pedra* e *Navegos*.

◆ face a face



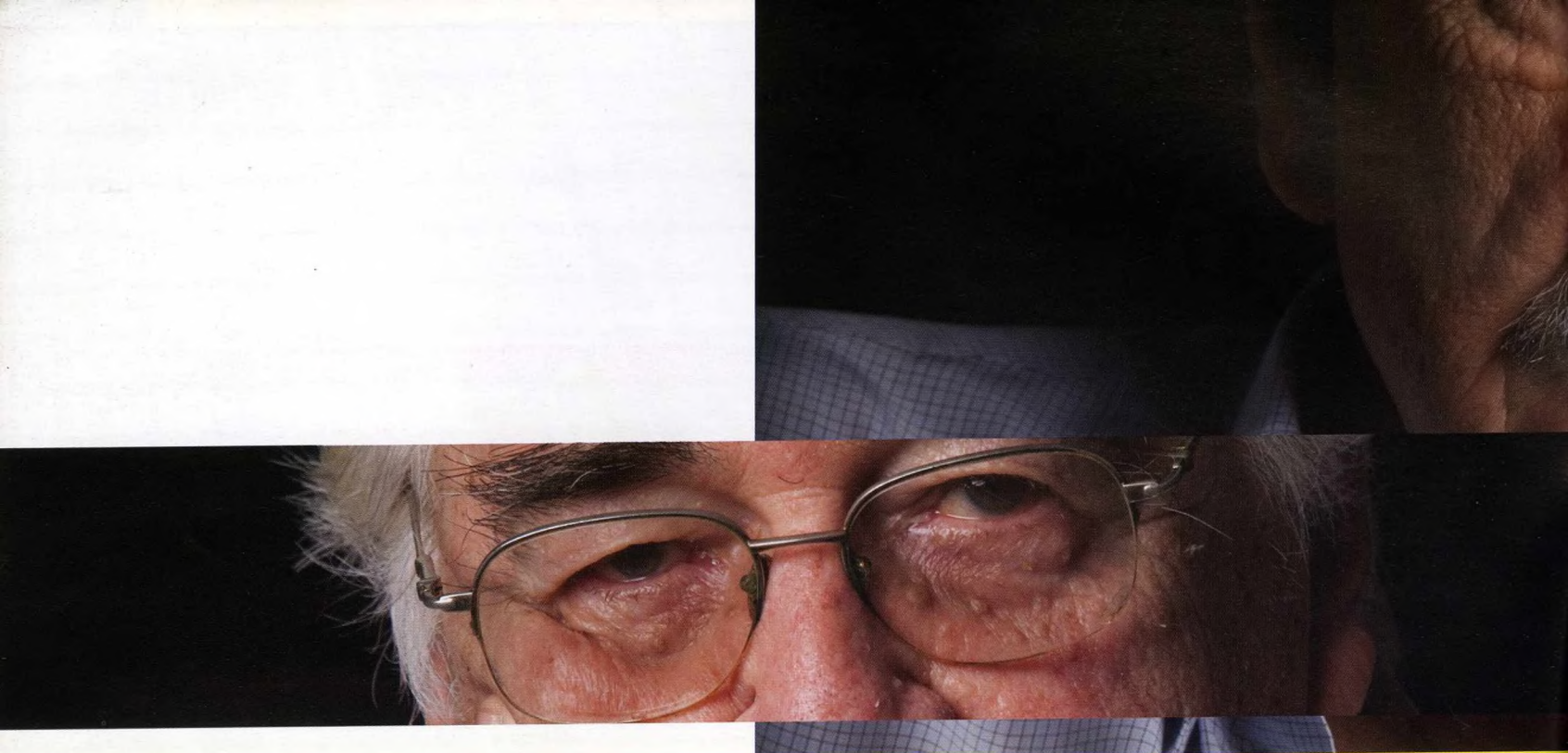
MAR E



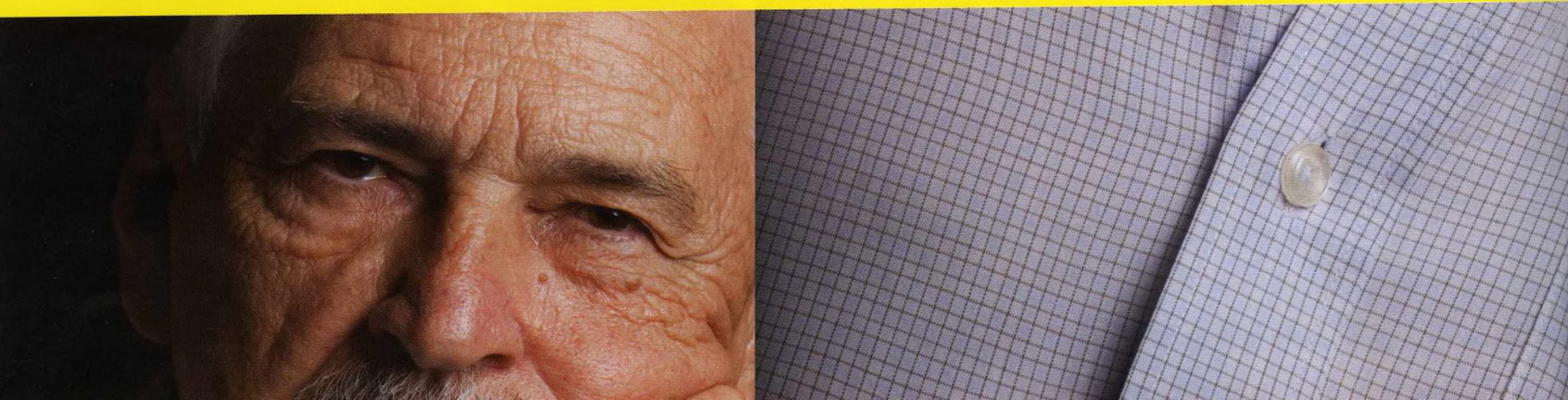


SERTÃO

Por Mário Ivo Cavalcanti ♦ Fotos Giovanni Sérgio



REUNIR DORIAN GRAY CALDAS E PAULO BEZERRA "BALÁ" EM UMA MESMA CONVERSA É PROMOVER O ENCONTRO ENTRE MAR E SERTÃO, ANTECIPAR O VATICÍNIO DO BEATO E SE MARAVILHAR COM A FLUÊNCIA E A CONFLUÊNCIA DE DUAS MENTES BRILHANTES. DA MESMA GERAÇÃO E COM TRAJETÓRIAS DISTINTAS – UM ARTISTA, O OUTRO MÉDICO –, AS DIFERENÇAS FINDAM QUANDO SE FALA EM TRABALHO: OS DOIS SÃO, ANTES DE TUDO, FORTES. SE DORIAN ESTÁ PRÓXIMO DO 11º LIVRO DE POESIA (SEM CONTAR OS DE E SOBRE ARTE), PAULO ESTÁ PRESTES A PUBLICAR O TERCEIRO, NO TERRENO DO EPISTOLÁRIO, SEGUINDO ÀS AVESSAS OS RASTROS DE UM HÉLIO GALVÃO, DANDO AS COSTAS PRA PANCADA DO MAR E SE EMBRENHANDO ENTRE A CAATINGA E O SERTÃO. ENQUANTO DORIAN PASTOREIA REBANHOS IMAGINÁRIOS EM SEUS VERSOS ("OS BOIS/ EM SUAS MORTES/ RUMINANDO/ O PASTO/ E O INVERNO/ QUE NÃO HÁ"), PAULO ANSEIA POR UM CHÃO MOLHADO, "QUANDO AS SERRAS AMANHECEM BAFORANDO E TUDO MAIS APONTA PARA UM BOM INVERNO". NÃO À TOA, AINDA QUE NÃO PROFUNDAMENTE ÍNTIMOS, ELAS BEM SE CONHECEM, DESDE MUITO, DESDE AS ERAS MAIS DISTANTES, QUANDO O MAR BEIRAVA O SERTÃO.



BALÁ *Eu sei muito dele. Agora, de mim é que ele não sabe nada, né?*

DORIAN É o que você pensa. [risos]

BALÁ [risos] É que eu sou novato na estrada, né?

PREÁ Na estrada de escrever?

BALÁ Nessa estrada que nós tamo caminhando aqui.

DORIAN Eu acompanho o trabalho de Paulo Balá desde as primeiras publicações na coluna de Woden [Madruga, na Tribuna do Norte]. Eu vi logo a diferenciação do seu texto em relação ao comum dos outros textos, até aqueles mais elogiados pelo nosso Woden. A sua diferenciação é justamente a linguagem, a maneira como você coloca as coisas. Isso logo me chamou atenção. A mesma linha de Oswald Lamartine, a autenticidade do texto, tudo isso me encantou.

BALÁ Eu tinha amizade com Oswald, nós somos aparentados. Ele morava no Rio, eu aqui, a gente se encontrava eventualmente. Depois que ele se fixou aqui, foi que nós nos tornamos mais assíduos. Eu ia muito à fazenda dele e tal, aí um dia ele perguntou, assim: “Primo, o que é que você tá fazendo?” Eu mantinha uma correspondência com Aurino Araújo, em motes – eu fazia um mote, glosava, mandava pra Aurino, que fazia o mesmo, botava pra trás. Os temas eram acontecimentos que iam surgindo, do correr do tempo. Aí Oswald disse: “Ômi, você deixa esse negócio de banda aí, rapaz, vai cuidar da sua terra.” Eu segui o conselho, o mesmo que Cascudo havia dado a ele um tempo atrás. Eu comecei a pegar aquelas histórias que eu sabia, que meu pai contava no tempo que eu era menino. Pegava um fato, ia atrás dele, analisava, tomava testemunho, se tinha acontecido, se não tinha acontecido. Isso foi se transformando em cartas. Eu passo pra Woden uma boa parte delas e aqui e acolá eu reúno num livro – com o nome que Oswald deu: *Cartas dos Sertões do Seridó*. Só que eu escrevo não com o exato olhar dele, mas das coisas, do viver do Seridó; dos casos; da História; das famílias. É paralelo ao que ele fez, mas ele fez um estudo de mais profundidade.

PREÁ O que aproxima Paulo Balá e Oswald Lamartine não é apenas o tema,

mas o estilo, peculiar, literário, quase sempre, ou muitas vezes, poético...

DORIAN O que eu acho muito interessante nesses escritores é essa linguagem que chega a ser castiça. Há uma reminiscência cultural que transforma essas cartas do nosso Paulo em verdadeiras obras de escrever bem. Quem é cidadão já perdeu esse linguajar sertanejo, as vertentes tão autênticas e tão belas da linguagem arcaica. E Paulo conserva isso. No romance, nós temos um Francisco Dantas que ressuscita, reencontra palavras que já não se usam mais, mas que dentro do texto clássico ficam lindas, se adéquam perfeitamente. Talvez é o maior romancista que nós temos hoje. Voltando a Paulo, a admiração que tenho por ele é justamente porque eu não consigo escrever com uma espontaneidade tão grande e de maneira tão bonita. Faz inveja.

BALÁ Certa vez, eu mandei um livro pra um colega radiologista lá de São Paulo, aí ele foi e mandou um bilhete, dizendo que tinha achado o livro muito bom, muito interessante, mas que não tinha entendido nada.

DORIAN [risos] Isso é às vezes uma escapatória – quem é que não entende um texto de Paulo? Aí é dizer como Drummond: “Se meu verso não deu certo, foi seu ouvido que entortou.”

PREÁ Em entrevista à poeta Marize Castro, certa vez Dorian apontou as diferenças entre a sua poesia e a sua pintura – a primeira seria mais abstrata e sutil, a segunda mais objetiva e pragmática.

DORIAN O bicho homem é um criador, mas a criação poética é uma coisa, a criação artística é outra. Às vezes se confundem, mas em diferentes veredas. A minha poesia realmente é mais intimista; enquanto eu pinto quase sempre coisas do meu universo e raramente saio para a abstração, para uma criação mais fantasiosa. Além das marinas, eu faço também o sertão, tenho trabalhos sobre os campos, sobre temas sertanejos – rendeiras, mulheres pilando paçoca, plantadoras, os verdes dos canaviais, também o algodão... Como também faço os homens litorâneos, as marinas com os pescadores, a pesca artesanal, os marginalizados, as margens do Potengi, os catadores de mariscos... Na pintura estou muito preso

a uma espécie de interpretação social do nosso povo – embora às vezes esses universos se encontram: eu tenho um poema que é sobre essa tragicidade das mulheres do mar e dos rios. Já a minha poesia eletiva versa sobre conflitos íntimos, mais universais e menos regionais. O conflito que um poeta – do Rio Grande do Norte, ou do Rio de Janeiro, ou de São Paulo, ou de Recife – os conflitos que eles têm são os mesmos dos poetas universais. A carpintaria é que é diferente.

PREÁ Seria essa mais uma diferença, então: a sua poesia é mais universal, a sua pintura mais regional...

DORIAN Veja só, existem diferenças também no regional: existe aquele implícito – o naïf, por exemplo, um regional muito atento às raízes nordestinas –, e existe o regional que é mais universal – é aquele que pinta com uma identidade universal. Como *universal*? A maneira de pintar, a técnica, a escolha das cores... Um dia desses um holandês esteve em minha casa e disse: “Ah, você tem um colorido de [Edvard] Munch”. O pintor recebe mais influência visual, talvez, do que o poeta recebe influência literária. A divisão não é muito clara: às vezes um poeta é visto como regionalista – e às vezes não é. E às vezes um pintor é visto como universalista – e às vezes não é. Depois da globalização – que eu chamo até de *contaminação* – a pintura muitas vezes saiu perdendo, pelo uso indevido do que é universal. O pintor brasileiro ao se transformar em universal diz muito pouco do que é local – e perde-se informações etnográficas, sociológicas, que ele poderia passar na sua arte de maneira universal. Por exemplo, alguns abstratos que são só... abstratos.

PREÁ Você é mais conhecido como pintor de marinas. Sanderson Negreiros diz que você “é dos que melhor neste país souberam ver, transfigurar, rever e modificar o grande mar – nordestino e do mundo”. Ou seja, o mar regional e universal...

DORIAN Do mar eu guardo sempre uma coisa permanente. Minha marina não tem o registro da paisagem local: não é Ponta Negra, não é Areia Preta, não é Mãe Luiza. Os elementos que eu levo para a pintura são a pedra, o arrecife, a cor local... o sortilégio do mar me contamina, me agride e me acalenta. É uma espécie

de berceuse. A minha identificação com o mar é somente plástica – sem falar do medo que eu tenho, daí colocá-lo sempre distante. É uma reserva que eu faço [risos]: o mar está sempre lá, mas está distante, com muito chão pela frente. Nisso eu sou muito chão, também como Paulo.

BALÁ Eu não tenho muita relação com o mar, não, às vezes acho até triste. Tem uma coisa que eu não gosto do mar: é a maresia – não me acalenta, não, fico com o corpo pegajoso, coçando. Se eu fosse filho de pescador, eu seria habitante do mar, navegante. Mas como sou filho de vaqueiro, eu sou mais sertão. O que não impede que eu navegue, já naveguei o mar por aí afora. Um dia desses eu tava lá na fazenda em Acari e disse que ia pra Fernando de Noronha, aí o rapaz que trabalha comigo perguntou pra mim: “E vai como?” “Vou de navio.” “Homem, leva uma *cama* de ar...” [risos]. Agora, do mar: gosto muito do peixe do mar, é bom demais. Mas não sou muito de veraneio, não, não sou muito chegado a mar, não... Muito embora, no meu tempo de escola tinha um texto que o título era “O sertão e o mar”. Não sei se era de José de Alencar, não sei de quem foi, mas dizia que o sertão e o mar não se conhecem e nunca se encontram – mas deixa que eles se encontram ali, no litoral norte do estado: você vai de repente, andando na linha da tarde e quando dá fé... tem mandacaru e não sei mais o quê, não sei mais o quê... Mas, uma vista do mar, numa noite de lua, já é outra coisa, né?

PREÁ E culturalmente? Mar e sertão não se encontram? Existe uma, digamos, civilização litorânea e uma civilização do sertão, completamente diferentes?

BALÁ No meu entender existe.

DORIAN É lógico que sim. O pescador, o homem que vive do mar, parece que os olhos dele absorveram muito a linha do horizonte, a cor do horizonte – e ele tem os olhos mais tristes. O homem do sertão tem mais chama em sua visão, são homens mais ativos. É o próprio balanço da jangada, do mar, que faz o homem do mar mais lento. Mas isso são coisas que a gente imagina. Quando eu tinha casa em Búzios [litoral sul do RN], eu adorava, não só porque eu lia mais, mas porque eu tinha a oportunidade de estar diante do mar. O mar forma ilhas, fantasias. Olhan-

do o mar você sonha. O mar nos dá sortilégios e caminhos que desconhecemos. O mar ainda é profundamente desconhecido, mesmo com toda a tecnologia atual, existem coisas raríssimas, bichos que você nunca viu, peixes que não são peixes, mas coisas estranhíssimas, organismos celulares quase eternos. Então, para nós, que somos bichos com uma morte anunciada, isso é muito estranho.

BALÁ A verdade é que o homem que se socou lá no Seridó, ele foi pra inventar uma natureza bruta que não tinha sido trabalhada, que não tinha sido subjugada a ninguém. E ele foi exatamente no coice do boi: quem desbravou o sertão foi o boi – e o homem atrás dele. Quem é pescador de beira de praia vai ali, bota a rede, arranja algum peixe, traz pra cá, tempera e se alimenta. O *cabra* lá no sertão não tem mar, nem tem peixe. Tem que trabalhar, pra arranjar sua subsistência. E esse povo que chegou por lá e veio de longe, da Península Ibérica, que eram cristãos novos, esse povo trouxe uma sabedoria, um patrimônio cultural que existia dentro deles, né? De modo que o Seridó, hoje em dia, é uma civilização diferente – você não encontra em nenhum departamento deste estado, nem fora daqui, uma organização como o Seridó. Não tem. No comportamento do povo, no interesse dos mais velhos pela saúde dos filhos, no interesse de botá-los pra estudar, no interesse que eles fossem homens de bem, qualificados moralmente... Pra você ter uma ideia, pra você ver a importância que o Seridó teve, o Seridó teve cinco governadores. Porque também coincidiu com uma época em que era uma região rica, por conta do algodão. Que findou por dois motivos: primeiro porque os próprios técnicos fizeram a miscigenação do mocó com o *verdão* – e aí ele perdeu em fibra, em qualidade –, ao mesmo tempo que veio o bicudo, que foi uma artimanha-zinha do americano, que botou os bicudinhos dentro de uma caixa de fósforo e falou: “Vamo soltar isso lá no Brasil.” Aí soltaram, aqui, em São Paulo e na Paraíba. Aí apareceu também o minério, que dava uma sustentação... também o minério foi de água abaixo. De modo que o Seridó hoje vive do peito das vacas e matando boi.

Esse pessoal formou uma sociedade diferente, onde todos se ajudam, há uma

*“O PESCADOR,
O HOMEM QUE
VIVE DO MAR,
PARECE QUE OS
OLHOS DELE
ABSORVERAM
MUITO A LINHA
DO HORIZONTE,
A COR DO
HORIZONTE –
E ELE TEM OS
OLHOS MAIS
TRISTES.”*

*“O HOMEM QUE
SE SOCOU LÁ
NO SERIDÓ FOI
PRA INVENTAR
UMA NATUREZA
BRUTA QUE NÃO
TINHA SIDO
TRABALHADA,
QUE NÃO TINHA
SIDO SUBJUGADA
A NINGUÉM.”*

Dorian com Cascudo e o cangaceiro pintado pelo artista em 1955, na casa da Junqueira Aires

interação muito grande entre as pessoas. Você veja a festa de Caicó, quanta gente vem de fora. Um dia desses eu encontrei um amigo que fazia 32 anos que não vinha a Acari. Veio. Pra assistir a festa da padroeira, rever os amigos, conhecer o Gargalheira. O sertão do Seridó é diferente do outro sertão. Daí o encantamento de Oswaldo por esse sertão, que com certeza ele não via nos outros sertões.

PREÁ Quais seriam as diferenças?

BALÁ Talvez o próprio homem – talvez o homem que chegou e laborou aqui não tenha sido o mesmo que trabalhou lá.

PREÁ E esse sertão, ele continua existindo? Ele resiste ainda?

BALÁ Em parte, sim. Mas muita coisa vai desaparecendo, muita tradição vai sumindo. Essas coisas, mesmo, que eu anoto e escrevo, muita coisa aconteceu 20, 30 anos atrás, e não acontece mais. Tem uma razão muito simples: você veja, a população de Acari era 85% a 90% no mato – eram criadores [de gado] e produtores de algodão – e 10% a 15% na cidade. Hoje é o inverso. Aí você já viu que já vai a diferença. Daí o “Sertão do Nunca Mais” de Oswaldo. Mudou muito.

O progresso, que é muito bom, aqui e acolá acaba com certas tradições. Serenata: você antigamente deve ter sido de fazer serenatas, né?

DORIAN Fiz muitas serenatas.

BALÁ Quem diabo ouviu mais falar de serenata, por caridade? Primeiro, tinha que ser no escuro... Essas coisas vão mudando... Repare: eu cheguei lá em Acari, pra o sepultamento de uma irmã minha de 92 anos, num domingo. Comecei a me ajeitar, pra ir pra igreja, pro cemitério, aí eu perguntei pra minha sobrinha: “Me diga uma coisa, não toca sinal, não?” Ela disse: “Não, no domingo não se toca sinal, não.” Coisa absurda, né? Nós, cristãos, tamos acostumados a quando o sujeito morria se tocava o sinal... inclusive, aquilo era uma mensagem pro povo, alguém morreu, aí você ficava em casa, contrito, procurava saber quem tinha morrido... não se toca mais sinal.

DORIAN Esses rituais são importantíssimos pra você ter uma ideia da sua própria formação como pessoa, do lugar onde você vive, onde desfruta, com seus amigos e em família – esses rituais estão desaparecendo. Você veja, ainda hoje é

muito diferente enterrar os mortos no sertão e nas cidades. Hoje as conveniências fazem com que você não traga nem o morto pra casa. Antigamente, não: existiam as rezadeiras, existia o ritual de lavar o corpo, com a participação dos parentes, dos amigos, todos em volta de um ato solene. Hoje é uma banalidade – morreu, morreu; enterrou, acabou.

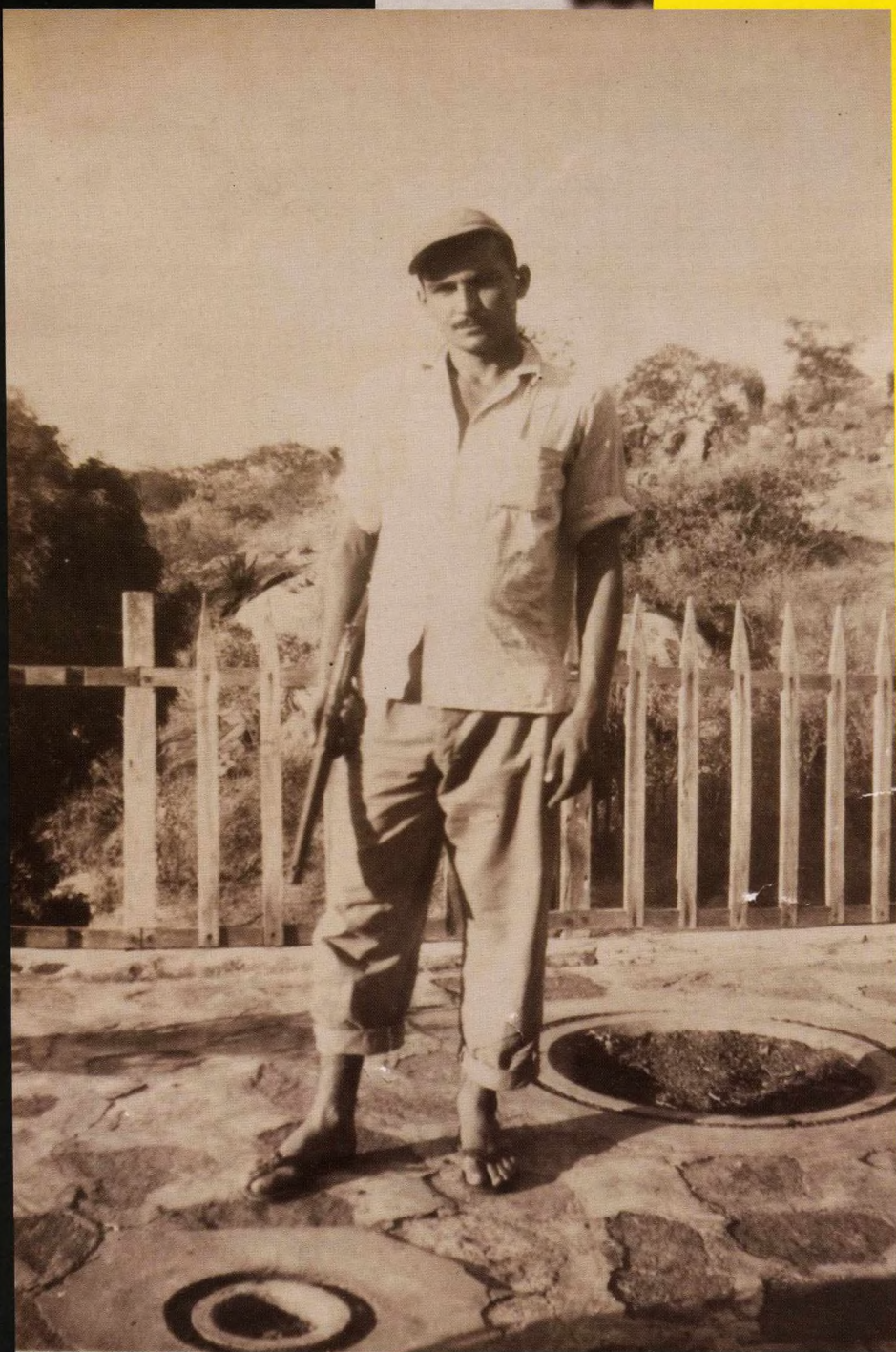
BALÁ Mas aqui está o mar e ali está o sertão, ali tá o sertão, aqui tá o mar. [aponta pra si mesmo quando cita o mar, e para Dorian quando se refere ao sertão]

PREÁ Tudo termina se misturando, se confundindo – você também é um apreciador das artes visuais. Da obra de Dorian, o que você conhece?

BALÁ A primeira vez que eu comprei qualquer coisa dele foi uma tapeçaria... em 1964, se não me engano. Minha admiração vem daquele tempo. E tenho outra, acho que de 67. São bonitas demais. O que você quer mais? O homem é tapeceiro, o homem é pintor, o homem é escritor, o homem é poeta, o homem tem muitos amigos, todo mundo gosta dele – precisa mais do que isso?

DORIAN O maior bem é conviver com pessoas assim, como Paulo. Hoje eu tive





Paulo, aos 24 anos, na Fazenda Pinturas, e Dorian aos 25, fotografado por Emílio do Valle.

“QUANTAS
VEZES EU
PASSEI PELO
SERTÃO E FUI
RECEBIDO PELO
SERTANEJO
COM A MAIOR
AFABILIDADE,
COM CARINHO,
A MELHOR
REDE, A
MELHOR CAMA,
O MELHOR
LUGAR... ISSO
SÓ O SERTÃO
PROPICIA.”

“O SERIDÓ
É UMA
CIVILIZAÇÃO
DIFERENTE
– NO
COMPORTAMENTO
DO POVO, NO
INTERESSE DOS
MAIS VELHOS
PELA SAÚDE
DOS FILHOS,
DE BOTÁ-LOS
PRA ESTUDAR,
NO INTERESSE
QUE ELAS
FOSSEM HOMENS
DE BEM.”

a oportunidade de falar, numa palestra, sobre Veríssimo de Melo. Ter tido, durante a sua vida toda, essa intriga do amor, do bem-querer, da amizade, é muito bom. Porque você fica mais leve, mesmo que você pese 100 kg você fica com a metade disso, por conta da própria leveza da amizade – a amizade é leve, é alegre, é feliz. Todos os anos, no dia 30 de dezembro, nós festejávamos o aniversário de Luís da Câmara Cascudo, que abria as portas para os amigos – abria a qualquer hora, mas principalmente no dia 30. Se você visse a esfuziante alegria de Cascudo em participar do próprio aniversário, com muita comida, com muito abraço, com muita brincadeira, com uma cachacinha também... era uma maravilha, era uma maravilha! Os causos, as conversas, a explosão do riso dele, com aquela maneira tão cavalheiresca de receber as pessoas – isso faz parte desse patrimônio do sertão. Cascudo sabia disso muito bem, porque ele passou muito tempo no sertão, pesquisando justamente essa maneira carinhosa que o sertanejo tem de receber as pessoas. Quantas vezes eu passei pelo sertão e fui recebido pelo sertanejo com a maior afabilidade, com carinho, a melhor rede, a melhor cama, o melhor lugar... Isso só o sertão propicia. O homem da cidade já é mais econômico, já está mais estressado. Isso pra se reinventar é muito difícil, e como disse Paulo, as coisas já estão diferentes. Por conta da televisão, dos meios de comunicação, o mundo vai ficando mais árido.

PREÁ Você sente uma grande mudança na Natal dos últimos anos?

DORIAN As relações ficaram muito mais difíceis. Porque hoje em dia você só se encontra em ocasiões especiais, quando você faz parte de alguma sociedade, de algum clube – Rotary, Lions, Clube dos Cem, Ágape. A cidade cresceu, cada um tem seu universo, seus compromissos, e fica difícil haver essa amizade de calçada, né? Ainda me lembro de mamãe conversando na calçada com os vizinhos. Meu avô reunia todos os filhos e ficava na calçada da [rua] João Pessoa, 6h da tarde, já anoitecendo, pra ouvir as irmãs Lira tocando piano, onde foi a Sorveteria Cruzeiro. Joca do Pará passava, que era quem policiava, era a polícia montada da época, cumprimentava meu avô... São coisas finas, mas que são lindas e elas ficarão.

PREÁ Seu avô aparece em alguns dos seus poemas – um deles diz: “Navegam nas suas veias/ quilhas de proas/ acesas/ e asas de correntezas.”

DORIAN Meu avô era uma figura emblemática, funcionário da prefeitura, paupérrimo. Egresso do Recife, era de uma família proprietária de engenho. Quando o pai do meu avô morreu, os irmãos botaram ele pra fora. Ele era muito novo, tinha 14 anos e saiu mundo afora – chegou até a Amazônia – vendendo ouro. Até hoje há a divisão dos Rabello: os que são ricos e os que são pobres [risos]. Meu avô ficou com a herança pobre da família. Mas era uma pessoa muito interessante. Era um curioso e pra sustentar a família uma vez por ano ele ia pro sertão pra exercer a atividade de curador, como uma espécie de médico – quando voltava era rede pra um filho, um presente pro outro, uma colcha de cama pra esposa. Alguns dos seus filhos se sobressairam: Moura Rabello, filho da primeira esposa, era o intelectual da família, pintor, poeta, versejava muito bem, era um parnasiano, fazia sonetos com rima e métrica perfeitos – até que um dia inventou de escrever sem a partícula “que”... uma loucura [risos]. Deixou um livro, *Memórias de um homem sem fé*, que é interessante, e teve dois filhos, digamos, diferenciados: Ramilson Rabello, que também era pintor, e Genival Rabello, jornalista conhecido em todo o Brasil.

Meu avô deixou uma família numerosa, dez filhos dos dois casamentos – entre eles o nosso poeta Luiz Rabello, que também fazia trovas e glosas, escreveu três mil pensamentos sobre o amor e deixou essa obra todinha pra mim – e eu publiquei numa antologia póstuma. Me influenciou bastante, eu era muito dependente de Rabello, porque ele era rigorosíssimo com a poesia. Dos poetas que conheço, do Rio Grande do Norte, é um dos melhores – e não é porque era meu tio, não. Era porque ele era realmente exigente e grande poeta. Eu tinha medo: ele chegava pra mim e dizia “olha, isso não presta, não”. Mas foi muito bom pra mim, porque meu pai era escriturário, trabalhava com o comércio e era totalmente alijado da coisa literária. Minha mãe sempre teve pendores artísticos, lia para meu pai ouvir, que ele tinha preguiça [risos] – e uma das leituras era o romance de Oscar Wilde, de onde vem meu nome.

PREÁ Balá já descreveu numa das cartas que a sua era uma casa sem livros – como você se tornou um leitor?

BALÁ Um irmão meu, que estudou aqui e era muito amigo de Walflan de Queiroz, chegou lá por casa com um livro de J. G. de Araujo Jorge. Depois outro irmão foi estudar em Recife e voltou com *Eu*, de Augusto dos Anjos. Fora isso, eu lia pequenos textos escolares, de Euclides da Cunha, de Humberto de Campos, de não-sei-de-quem, não-sei-de-quem... Então, até terminar meu curso, no comecinho de 1960, eu lia pouco. Depois, comecei a ler mais, principalmente os nordestinos: José Lins do Rego, Graciliano, Rachel de Queiroz.. o povo daqui, num sabe? Hoje eu sou mais leitor, porque tenho mais tempo de ler. Mas me apego muito aqui, ao que é lançado aqui. Leio, releio – que é uma coisa boa que existe é reler, rapaz, bom demais! Aqui e acolá eu leio coisas que não tinha lido da primeira vez. Mas, olha, romance eu não dou pra ler romance, não – tem que ser muito bom pra eu ir até o fim [*risos*].

PREÁ E poesia?

BALÁ Poesia eu ainda leio, mas sou mais apegado ao tio de Dorian: a poesia lá atrás, o soneto... Guerra Junqueiro... Li muito *A velhice do padre eterno* e decorei uma parte lá que dizia assim: “No topo do calvário erguia-se uma cruz./ E pregado sobre ela o corpo de Jesus./ Noite sinistra e má.” Aí eu cheguei um dia na casa de Oswaldo [*risos*] e entrei assim: “Opa, Oswaldo, tudo bom? tudo bom – e aí ‘No topo do calvário erguia-se uma cruz./ E pregado sobre ela o corpo de Jesus./ Noite sinistra e má.’” Aí ele tomou conta e foi até o fim, recitou o poema todinho [*risos*].

DORIAN Essa façanha de recitar assim, de memorizar, meu tio Luiz Rabello recitava de cor *A ceia dos cardeais* e alguns poemas longos de Guerra Junqueiro. É uma coisa fantástica essa memória.

BALÁ Agora, quando eu já estava terminando o curso de Medicina, tinha um colega aqui do Rio Grande do Norte, Saldanha, que também gostava de ler Augusto dos Anjos. Resultado: durante a semana a gente ficava decorando uns versos e quando era no sábado ia pro chope – e

tome chope e a recitar Augusto dos Anjos [*risos*].

DORIAN A poesia parnasiana tem essa vantagem, você aprende e não esquece mais. Porque tem uma ordem de rima, de métrica, que leva a decorar com mais facilidade. Os poemas que eu decorei são justamente os poemas rimados e metrificados – Manuel Bandeira, Elizabeth Barrett Browning, Walt Whitman, Neruda... mas as minhas mesmo eu não sei nenhuma.

PREÁ Você continua escrevendo, com frequência, poesia?

DORIAN Poesia é uma coisa que você não acaba nunca de escrever. Olha, eu terminei agora de arrumar *Do outro lado da sombra*, três volumes que reúnem os 10 livros meus publicados, dos anos 1960 até 2011, de *Os instrumentos do sonho*, que foi o primeiro, ao último, que é justamente *Do outro lado da sombra*. E o subtítulo é *Poesias quase completas*. A gente não completa nunca [*risos*]. É um vício, rapaz, é como dizia Mário Quintana, é um vício desesperado e inútil. Sobraram algumas, que não entraram no livro, mas eu não quero mais me aperrear, vou deixá-las na gaveta, não sei pra quem, nem como. A maior parte da obra de Fernando Pessoa não foi publicada em vida, e você hoje lê a sua obra completa. Eu não tenho nenhuma pretensão de que a minha poesia seja conhecida, até porque ela é muito intimista, muito diferente da poesia de Pessoa, que é revolucionária – a minha é rabugenta, eu reclamo muito, de ter nascido e de ter vivido, embora seja bom a gente viver, mas eu reclamo [*risos*]. A minha poesia tá aí, quase toda pra ser revista.

BALÁ Mas esse negócio... eu acho que em quase todo mundo existe um poeta, né? Quando eu era menino, um professor de francês lá no ginásio de Caicó deu pra gente uns versos pra traduzir – não era bem traduzir, a gente traduzia ao pé da letra, palavra por palavra, pra depois arrumar e dar um sentido, era um negócio difícil demais. Eu traduzi, os outros também, cada qual ao seu modo, aí depois eu inventei de botar rima no negócio [*risos*]. Aí eu também comecei a rabiscar uns versozinhos, num sabe? Fui fazendo, fui fazendo, fui fazendo... Quando foi um dia desses, minha mulher inventou de

reunir isso. Eu disse: “Isso não vale nada, não presta pra nada.” “Não, mas eu quero mandar imprimir.” “Pra quê?” “Pra dar aos meninos.” “Só se for.” Mas tanto que ela fez que mandou imprimir. “Agora dê o título do livro.” Aí eu botei assim: *Rimas e outros versos vagabundos* [*risos*].

DORIAN Antonio Pinto de Medeiros escreveu *Um poeta à toa*. Aí caíram em cima dele – que título horrível, “à toa”... Ele nem tava ligando. E escreveu outro livro com um título lindo, *O rio do vento*, inspirado em na nossa Caiçara do Rio do Vento.

PREÁ Você conviveu com Antonio Pinto e outros poetas já falecidos, como Walflan de Queiroz – dedicou inclusive um poema a ele.

DORIAN Convivi. Walflan foi colega meu de noitada. Ele... Sanderson [*Negreiros*] não, que era muito novinho... Joani de Paulo Rêgo, que é um grande poeta...

“SÃO COISAS
FINDAS,
MAS QUE SÃO
LINDAS E ELAS
FICARÃO.

“HOJE EM DIA
UM DOS VELHOS
LÁ DE ACARI
SOU EU. ENTÃO,
COMO EU DIGO,
TÁ FICANDO
ESCASSO.



Dorian, o eterno "menino do mangal"

BALÁ Me diga uma coisa, esse meu irmão, que chegou lá em Acari com os versos de J. G. de Araujo etc. e tal, que era companheiro aqui de Joanilo e Walfan: não teve uma história que os camaradas invadiram o cemitério e foram recitar no túmulo da filha de Januário Cicco?

DORIAN Eu soube. Mas não sei detalhes.

BALÁ [risos] Pois foi. Eles eram boêmios e invadiram – os três, meu irmão, Walfan e Joanilo. Foi um chafurdo danado. Quem sabe dessa história é Ticiano Duarte.

DORIAN Ticiano é da mesma geração, foi colega meu de ginásio. E Walfan era amicíssimo meu. Infelizmente muita coisa de Walfan se perdeu. Falava bem, traduzia e lia muito bem em francês. E escrevia sobre os poetas franceses, Verlaine, Rimbaud, Baudelaire. Eu assisti uma palestra dele na Maison de France sobre Novalis.

Era uma pessoa maravilhosamente bem informada.

PREÁ Também estive embarcado, na Marinha Mercante...

DORIAN Ele também foi trapista – até descobrir que os trapistas, como os outros mortais, têm as mesmas idiossincrasias, as mesmas perversões que qualquer um de nós tem. Então, desistiu [risos]. É preciso redescobrir Walfan além do que ele tem nos livros, porque ele deixou muita coisa escrita em jornais, nos anos 1950, 1960, quando ainda tinha saúde mental – fez uns versos muito bonitos. Da geração era um dos mais inteligentes. Infelizmente ele teve aquele problema de esquizofrenia.

PREÁ E as cartas sertanejas, Dr. Paulo, vão continuar?

BALÁ Vão. Eu tenho umas vinte e tantas cartas já prontas. Mas vou dar mais

Paulo com Oswaldo Lamartine e Ariano Suassuna



um tempo, porque essas cartas estão se tornando mais difíceis de fazer, porque não tem mais quem me dê informações sobre determinadas coisas, sabe? Hoje em dia um dos velhos lá de Acari sou eu. Antigamente, chegava lá, tinha uns velhos pra procurar. Hoje o velho de lá sou eu. Então, como eu digo, tá ficando escasso. Tá ficando escasso. Mas eu vou continuar fazendo. É porque uma carta dessa, rapaz, me leva... tem um período de gestação de muitos dias, ou poucos dias... e mesmo depois dela pronta, ela fica lá amadurecendo, madurando, né? Antigamente eu escrevia no lápis, aí quando ia modificar um trecho tinha que apagar tudo – aí apareceu a porqueira do computador, eu faço no computador.

DORIAN É muito mais fácil.

BALÁ É. Aqui e acolá eu mando uma pra Woden Madruga. Às vezes ele telefona pra mim – “rapaz, você nunca mais mandou uma carta...” Rapaz, uma carta dessas é pra *Tribuna* me pagar R\$ 50, cada carta – ela não paga, eu não mando mais [risos].

PREÁ Você volta sempre pra Acari?

BALÁ Volto, eu vou lá duas, três vezes no mês. Eu tenho um pedaço de terra lá, que herdei.

PREÁ A Fazenda Pinturas, né? Coincidência – você aqui do lado do pintor...

BALÁ O nome é porque tem uma pedra lá com umas inscrições antigas. Não é rupestre – são umas inscrições como se a pedra tivesse mole e você tivesse passado o dedo assim, num sabe? Em baixo relevo, parecido com umas letras... Semana passada eu fui com uns *cabra* lá, de fora do estado, quando a gente pegou a estrada eu falei: “Olhe, isso aqui é o caminho pro céu.” Porque, pra mim, é um encanto. Eu sempre vou lá. Tem também uma quantidade muito grande de peças, de casa, do nosso convívio, da família... daí que lá em Acari chamam de museu... É uma casa muito interessante porque as casas do sertão são todas de duas águas – e essa casa tem “n” águas. Não é uma água pra frente, outra pra trás, com um alpendre na frente. Foi construída por um tio-avô meu, vai fazer cem anos agora, mas eu creio que a arquitetura da casa deve ter sido de um cidadão que eu conheci que se chamava Mestre Estevam,

espanhol. Eu nunca andei na Espanha, mas eu tenho informação que no interior de lá muitas casas são do tipo dessa daí, num sabe? Ela não tem alpendre, mas tem umas áreas abertas dentro de casa.

DORIAN Quem sabe esse mestre não trouxe na memória as casas espanholas – é estranhíssima, eu nunca vi casa do sertão desse jeito... [folha fotos da casa reproduzidas nas páginas de Novas cartas dos sertões do Seridó, 2009]

PREÁ E ela é única na região?

BALÁ É única. E tem outra coisa interessante: você sabe que a cobertura tem a telha, tem o caibro, e tem a ripa. Ela não tem ripa, não – é de arame, rapaz. As ripas são de arame, e com cem anos de idade tão lá, estiradinhas. Que ver outra coisa formidável? Há muito tempo atrás, eu levei lá, quando não tinha nem energia, Ronald Gurgel, que é meu compadre. Ele ficou impressionado como em cima dos caibros, em declive, tem um tijolo, de fora a fora, e em cima, a telha. Aí, Ronald disse: “Mas, rapaz, eu hoje tô vivendo de vender lajes pré-moldadas e já fizeram isso aqui em 1913?”

PREÁ É a casa onde você nasceu?

BALÁ Não, eu nasci em Acari. Quando meu pai comprou às primas dele, em 1935, que a gente foi morar lá: eu, que fui o último lá de casa, já era nascido. Meu pai era vaqueiro, depois dono de terras, foi juntando as coisas, plantando algodão, criando gado, mas, veja só, a visão dos caboclos de lá: todos os filhos ele botou pra estudar. Inclusive, longe – em Minas, em Recife. Muitos foram estudar em Lavras. Por conta do velho Lamartine [Juvenal], que descobriu um colégio de americanos, uma aprendizagem de primeiríssima qualidade, e botou os filhos pra estudar lá – Otávio, Silvino, Oswaldo... Aí, pronto: os outros, meu pai, Evaristo, não sei mais quem, não sei mais quem, botava tudo pra estudar lá. De Acari foi gente assim, rapaz, estudar... muito embora muitos tenham perdido o tempo, né? Não adiantou nada [risos]. E assim foi: dez filhos. Dos dez só tem eu contando a história.

PREÁ Dorian é de uma família bem menor...

DORIAN Da parte da minha mãe era uma família enorme, eu tinha dez tios. Da parte do meu pai, eu não conhecia quase ninguém, porque ele nasceu em Ipanguaçu, veio pra Natal com 14 anos, logo começou a trabalhar e nunca mais voltou. Eu conheço Açú de adulto. Quando João Lins Caldas apareceu em Natal foi que eu comecei a me interessar em conhecer meus parentes. Renato Caldas eu já conhecia, mas João Lins, que era meu tio, foi a minha grande referência – é um dos maiores poetas do Brasil.

BALÁ Então você tinha que ser o que é. Agora, pelo meu pedigree era pra eu ser vaqueiro [risos]. Eu estudava no colégio interno de Caicó, o diretor era Walfredo Gurgel, o bispo Dom Delgado. Em 1947, não sei porque cargas d’água meu pai disse: “Esse ano você não vai estudar.” Walfredo procurou meu pai: “Ômi, mande o menino estudar, você não manda e ele perde o gosto pelos estudos. Quando vender o algodão no final do ano, você paga o colégio, agora não paga um tostão.” “Não, eu não quero.” Emperrou, não quis. Aí lá vem Dom Delgado, passa em Acari, fala com meu pai. “Não, não vai.” Pronto. Aí eu fiquei na fazenda, meu amigo... bom como o diabo. Andando a cavalo, correndo atrás de boi, em cima daquelas éguas, tirando leite – matuto, mesmo, encourado, a vida melhor do mundo. Aí quando foi mês de dezembro, minha mãe tava costurando na máquina – que era quem fazia tudo pra gente, só não fazia calça, mas cueca, camisa, pijama, tudo ela era que fazia, tinha uns cortes, uns...

DORIAN ... moldes – essa história de moldes existia até pras rendas, né? Moldes estrangeiros adaptados...

BALÁ ... é... Aí eu disse pra ela: “Mamãe, a senhora quer saber de uma coisa, eu não vou mais estudar, não.” Ela não olhou nem pra mim – deu um muxoxo, fez assim: “Hum, vá dizer a seu pai pra ver o tamanho da pisa que você leva.” Aí eu pensei, diabo é quem vai, eu vou é estudar [risos].

DORIAN Eu tenho uma inveja danada de quem teve uma infância como a que Paulo teve... Eu sou de cidade – uma coisa terrível! Eu vim conhecer o sertão já adulto, não peguei nenhum daqueles vícios gostosos que o sertanejo tem,

aquela coisa da terra... e eu acho tão bonito... Li, apaixonadamente, os livros de José Lins do Rego, Graciliano Ramos... o próprio Euclides da Cunha... Uma paixão, mesmo, porque eu acho que a herança que ele tem é mil vezes melhor do que a minha. Eu tenho herança de cidade – em 1945, em plena guerra, eu morava na [rua] Felipe Camarão, uma rua cheia de galegos, de judeus.

BALÁ Deixa eu contar uma história: Jessier Quirino me deu de presente um calendário de uma empresa de Recife – um negócio bonito, com retratos de vaqueiros, com várias páginas, com textos de Rachel de Queiroz, Euclides da Cunha, Ariano... Passando as folhas, quando chegou no mês de janeiro, eu olhei assim: “Jessier, essa fotografia é aqui no Seridó.” Aí chegou o meu menino: “Papai, isso é Zé, o vaqueiro aqui das Pinturas, e o compadre dele.” “Rapaz, é mesmo.” Jessier ficou assim espantado, eu chamei Zé: “Tá conhecendo esse negócio aqui?” “Tô. Sou eu e compadre Eronildo, eu montado em ‘Veneza’ e ele montado num cavalo chamado ‘Maconheiro.’” [risos] O mundo é pequeno, né?

PREÁ E o sertão e o mar, grandes. Uma última palavra sobre a praia e o chão de cada um...

BALÁ Tem três coisas que me tocam muito no íntimo – não vou dizer em ordem, não, porque as três talvez tenham o mesmo valor: um, é a família – mas não só a minha, minha mulher, meus meninos,

meus netos: são os irmãos, os sobrinhos, a grande família que é o Seridó – o Seridó é uma família inteira. A outra, foi um trabalho que eu fiz durante 50 anos, que é o Instituto de Radiologia, que eu fundei com José Maciel em 1962 e a gente veio tangendo esse negócio de lá pra cá: eu tenho um desvelo por aquilo ali. E a outra, é o meu sertão – e, dentro dele, as Pinturas.

DORIAN O mar pra mim é um sortilégio e uma permanente no meu trabalho. Mas outras coisas são chamamentos, também: eu tenho um compromisso muito grande, em termos de cultura, com o homem brasileiro, principalmente o homem nordestino – nós temos uma reserva muito grande, moral, artística, que nos leva a acreditar que aquilo que nós nordestinos fazemos tem significação universal. E o trabalho: eu sou um trabalhador braçal, na pintura. Eu faço as coisas sem hora e sem dia. Passo a vida trabalhando como se fosse eterno. A minha maior herança será o trabalho que vou deixar, não porque seja importante, mas porque foi um serviço prestado – e eu me orgulho muito disso. Entre tantas outras coisas que as pessoas procuram – fama, dinheiro, glórias –, que são efêmeras, eu procurei uma coisa que é tribal, a coisa mais ancestral que existe: o trabalho.

Mário Ivo Cavalcanti é jornalista e editor da Preá.



Paulo, menino em Acari, 1944



"NAS ERAS MAIS
AFASTADAS, O SERTÃO DE
CADA UM ERA AQUELE QUE
A VISTA ALCANÇAVA INDO
ATÉ ONDE PISCASSE UM
RELÂMPAGO MESMO LONGE,
MUITO LONGE, NA LINHA
DO HORIZONTE."

PAULO BEZERRA BALÁ

"NÃO SEI FALAR MAIS DO
QUE PRECISO
MAS É FORTE EM MIM
ESTE MAR QUE ME
DIVIDE."

DORIAN GRAY CALDAS

UM NOVO TEMPO NA CULTURA

No folclore político e no imaginário brasileiro, agosto é um mês de aura ruim. É o mês do desgosto, como diz a expressão popular. Se a gente pensar no tratamento dado à cultura potiguar pelo poder público estadual nos últimos anos, talvez o sentimento negativo faça sentido.

Mas, a partir deste ano e deste Governo, agosto passou a ser o mês da mudança desse quadro sombrio. Agosto será agora o mês da alegria. O mês do prazer de celebrar, de criar e de usufruir do talento dos nossos artistas, dos nossos criadores de cultura. O Agosto da Alegria é o terceiro gesto, largo e ousado, do nosso Governo para reconstruir o que a incúria havia destruído: a capacidade do Estado de apoiar, estimular e fortalecer a cultura.

O primeiro passo foi a criação da Secretaria Estadual de Cultura, com mais instrumentos para planejar, realizar e avançar, com novas idéias e políticas nessa área. O segundo passo foi a criação do Fundo Estadual de Cultura, que vai eliminar dificuldades como a captação de recursos, que as atuais leis de cultura – muito boas, e que devem continuar – são incapazes de resolver.

Esses passos demonstram a inteireza do nosso compromisso com o fomento à cultura no Rio Grande do Norte. Dois compromissos de campanha, assumidos com os artistas e com o público, e que resgatamos integralmente. O Agosto da Alegria também foi compromisso de campanha. Ele é, ao mesmo tempo, meio

e fim no nosso projeto de redimensionar a força social e econômica da produção artística e cultural em nosso estado.

Respeitamos e valorizamos a cultura, por sua própria natureza, a de exprimir a nossa alma e de exibir nossa capacidade de sonhar mundos, de construir idéias, de intervir e de transformar o nosso tempo. Mas respeitamos e valorizamos a cultura também como fato econômico, de grande importância para o nosso projeto de governo: construir, em parceria com a sociedade, o RN Maior. Maior na justiça social, maior na economia, maior na educação, na saúde, na segurança. Maior na abertura de novas fronteiras econômicas e na criação de oportunidades para os filhos da terra. Maior no respeito e na promoção da sua arte e da sua cultura.

O Agosto da Alegria é um meio de expandir essa dimensão econômica da cultura. Queremos transformar Natal e o Rio Grande do Norte em referência nacional de estudo, criação e difusão da cultura brasileira de todos os gêneros. É o mínimo que a terra de Luís da Câmara Cascudo pode fazer para manter vivo, cada vez mais vivo, o lume da obra do nosso intelectual mais importante.

Queremos que os estudiosos, os artistas, os grupos culturais venham pra cá, ensinar e aprender, criar e trocar experiências com os nossos artistas, com o nosso povo. E queremos que venham também os turistas, os visitantes do país e do mundo, porque o Rio Grande do Norte

não é só as praias, as belas serras, as atrações naturais que encantam a tantas pessoas.

A cultura é importante para ampliar esse repertório de motivos para sermos visitados. Para descobrir, sob a paisagem física, a riqueza da paisagem humana. A beleza do povo que se recria nos sabores da culinária, nas cores do artesanato, na diversidade dos dizeres e cantares, dos jogos de dança, do teatro e da música, da literatura.

Cultura é criação artística. Mas é também inclusão social. É também educação. É também ocupação e renda. E assim será cuidada em nosso governo. Nosso projeto é claro: dar à cultura recursos e políticas que a fortaleçam, que gerem novos talentos, que abram espaço para os nossos artistas, que estimulem nos potiguares a alegria de descobrir a si mesmos como frutos dessa cultura.

O sucesso da primeira edição do Agosto da Alegria – com dezenas de eventos que atraíram milhares de pessoas, ocupando espaços culturais com a diversidade da nossa arte, permitindo a troca de experiências entre os artistas locais e os convidados – foi o marco da virada nas políticas públicas para o setor. Porque apoiar e fortalecer a cultura também é um modo de fazer o Rio Grande do Norte acontecer.

Rosalba Ciarlini

Governadora do Rio Grande do Norte

ALEGRIA, ALEGRIA

O lançamento do segundo número da *Preá* em 2011 – cumprindo nosso cronograma para este ano de edições quadrimestrais – vem na esteira do sucesso do *Agosto da Alegria*. O programa pioneiro do Governo do Estado do Rio Grande do Norte conquistou – em apenas 35 dias e já na sua primeira edição – seu maior objetivo: valorizar e evidenciar toda a riqueza e diversidade da Cultura Popular potiguar, ao mesmo tempo em que promove seu encontro direto com o Turismo, fortalecendo a Economia estadual.

Estima-se que 100 mil pessoas participaram das manifestações culturais do *Agosto da Alegria*, com intenso envolvimento da comunidade e dos alunos das escolas estaduais – numa mostra viva do Folclore, das Artes Visuais, do Artesanato, da Música, da Gastronomia, do Estudo e Pesquisa Acadêmicos – sem contabilizar um único incidente em seu percurso.

Em pouco mais de um mês, o que era intenção e *semente* – inserir o estado no calendário turístico nacional (e futuramente internacional), *frutificou*: o Rio Grande do Norte mostrou que tem muito a oferecer no mês em que é celebrado o Dia Mundial do Folclore, 22 de agosto, e chamou a atenção de outros estados que se destacam na valorização da Cultura Popular. Trouxemos para o debate importantes nomes nacionais para discutir as relações positivas entre Cultura, Turismo e Economia, que falaram da experiência de sucesso de eventos como o Boi de

Parintins, no Amazonas; o Carnaval, o Ciclo Junino e a Paixão de Cristo, em Pernambuco; o Natal em Gramado, no Rio Grande do Sul; e o Festival de Folclore de Olímpia, em São Paulo.

Difícil elencar o grande número de expressões artísticas que vieram a Natal e que aqui interagiram com os artistas potiguares, mas é impossível esquecer – com emoção e alegria – a palestra de Ariano Suassuna, os shows de Paulinho da Viola e Jorge Aragão, a mostra de Fé Cordula, seridoense transplantado para o coração do Brasil, o Salão Nordeste de Arte Popular Chico Santeiro – entre muitos outros.

Muito mais do que 35 dias e 35 noites, muito além de um único mês, o *Agosto da Alegria* estende seus ramos e frutos pelos demais meses do ano, através de uma série de salões, prêmios, feiras, concursos, publicações e incentivos – que inclui, também agora, a Secretaria de Educação, numa ação coordenada de qualificação e requalificação.

O fortalecimento da Cultura Popular – definido como política cultural do MinC – é também uma de nossas sugestões e empenhos para o futuro – em breve – Plano Estadual de Cultura. Porque toda política de estado precisa ser legitimada na discussão democrática. Porque todo ano é da alegria..

Isaura Amélia de Souza Rosado Maia
Secretaria Extraordinária da Cultura

Quando pensamos no mar e sertão potiguares como tema central para este novo número da Preá ainda não conhecíamos a entrevista concedida por Newton Navarro a Anna Maria Cascudo, Juliano Siqueira, Racine Santos, Sanderson Negreiros e Vicente Serejo na década de 1970. Lá pras tantas o poeta diz: "Em tudo que escrevo duas coisas me dominam: o mar e o sertão". E revela, aos 45 anos, dois arrependimentos: o de não ter sido marinheiro e o de não ter permanecido na fazenda que foi do pai e do avô, virando vaqueiro e aboiador – e, portanto, seguindo seu livre raciocínio, ainda mais poeta.

Marujo e vaqueador, duas vidas inteiras que poderiam ter sido e que não foram, aparentemente inconciliáveis, aparentemente contrastantes, os sonhos de Navarro resumem a divisão, dicotomia, desencontro e encontro de cada norterriograndense: ser atlântico, arranhando as costas do litoral, ou ser sertanejo, se embrenhando entre o espinho e a flor.

Encontros, na verdade, possíveis, desde sempre, na literatura e na alma de um povo acostumado às migrações – e que, inclusive, a partir do litoral desbravou e povoou o sertão "no coice do boi" (como explica Paulo Balá na entrevista desta edição). Não à toa, a poeta Auta de Souza, enviada a Angicos para curar a tuberculose que terminaria por tolher-lhe a vida, encontra no céu do sertão elementos marinhos: "Flocos de nuvens pela Esfera adejam,/ Barcos de neve pelo Azul formando... [...]// Eles parecem também velas brancas/ Soltas, à toa pelo Mar vagando...."

Ou o escritor Nilo Pereira que – a meio caminho entre o mar e o sertão profundo – enxerga nos canais do Vale do Ceará-Mirim um vasto oceano ondulante, e no Engenho do Guaporé, a "nau duma quimera [...] singrando o canavial como se levasse uma tripulação fantástica de navegantes mortos".

Aqui e ali, ali e acolá, a divisão – geográfica, cultural, social – se aproxima, se confunde, se funde, torna-se única, realizando a profecia de que o sertão vai virar mar e o mar, sertão. Do praieiro que vai buscar no clima seco a cura para os males do corpo ao sertanejo que descobre, encantado, um grande açude no mar, a paixão e a admiração recíprocas entre os dois extremos sempre existiu – como resume o bilhete que Oswaldo Lamartine, sertanejo por excelência, enviou certa vez, do Rio de Janeiro, a Vicente Serejo: "Mande urgente semente de dunas que eu quero plantar no meu sítio."

Afinal, Lamartine sabia mais do que ninguém que "Cada vivente tem o seu sertão. Para uns são as terras além do horizonte e para outros, o quintal perdido da infância".

Que vivam – e convivam – em nós, o nosso mar e o mar alheio, o nosso sertão e o sertão de outrem.

Mário Ivo Cavalcanti
Editor

AS TERRAS ALÉM DO HORIZONTE E OS QUINTAIS DA INFÂNCIA

ROSALBA CIARLINI Governadora
ISAURA AMÉLIA DE SOUZA ROSADO MAIA Secretária Extraordinária de Cultura
ANA NEUMA TEIXEIRA DE LIMA Diretora da Fundação José Augusto



MÁRIO IVO DANTAS CAVALCANTI Coordenador de Comunicação
SHEYLA DE AZEVEDO Sub-coordenadora de Imprensa
CLÉA MARIA GALVÃO BACURAU Centro Educacional de Artes - CENA
WANIE ROSE DE MEDEIROS SOUZA Escola de Dança
FRANCISCO ARAÚJO ALVES Escola de Música
WANDECI DE OLIVEIRA HOLANDA, JOMAR JACKSON NOGUEIRA DO NASCIMENTO Escola de Artes Plásticas
DIONE MARIA BARROS CALDAS XAVIER Teatro Alberto Maranhão
SÔNIA MARIA SOARES SANTOS Teatro de Cultura Popular Chico Daniel
ROBSON ARAÚJO PIRES Centro Cultural Adjuto Dias
WANDECI DE OLIVEIRA HOLANDA Pinacoteca
HÉLIO DE OLIVEIRA Museu
DALIANA CASCUDO ROBERTI LEITE Memorial Câmara Cascudo
SANCLAIR SOLON DE MEDEIROS Planejamento e Monitoramento de Projetos
JOANA D'ARC XAVIER Casas de Cultura Popular
ANDRESSA LENUSKA SOUSA DE MACEDO Agentes de Leitura
CLENIA MARIA DE LUNA FREIRE Pontos de Cultura
PEDRO FERREIRA DA COSTA Regente da Orquestra Sinfônica e do Coral Sinfônico Canto do Povo
IVANIRA RIBEIRO MACHADO Conferência Estadual de Cultura
JOSÉ TARCÍSIO ROSAS, JOSÉ ALBANO DA SILVEIRA Centro de Pesquisas Juvenal Lamartine
SILVANA MACEDO DE SOUZA Lei Câmara Cascudo
MÁRCIO RODRIGUES FARIAS Biblioteca Pública Câmara Cascudo
MARIA DO SOCORRO SOARES, ESTER ALVES DOS SANTOS Gráfica Manimbu

Agradecimentos a todos que colaboraram, especialmente a **Fé Córdula, Flávio Freitas, Giovanni Sérgio** (pelo apoio constante), **Isaías Ribeiro, João Maria Alves, Rejane Cardoso** e à família de **Bartolomeu Correia de Melo**.

Endereços

site www.cultura.rn.gov.br
blog www.secretariadeculturarn.blogspot.com
twitter [@secultrn](https://twitter.com/secultrn) e [@Revista_Prea](https://twitter.com/Revista_Prea)
telefone (84) 3232.5321
e-mail asecomfjarn@gmail.com

Os artigos assinados são de responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente a opinião da revista. É proibida a reprodução total ou parcial de textos, fotos e ilustrações por qualquer meio sem prévia autorização dos artistas ou do editor da revista. A **Preá** é um espaço aberto para novas e velhas idéias, tendências artísticas e experimentos. Para colaborar, envie seu material por correio ou e-mail.

Impressão **CCS Gráfica**
Tiragem 4.000 exemplares
Distribuição gratuita

Preá

Revista de Cultura Fundação José Augusto
Secretaria Extraordinária de Cultura do RN
Número 24 | Ano 9
Maio - Junho - Julho - Agosto | 2011

Editoria e projeto editorial

Mário Ivo Cavalcanti

Projeto gráfico e diagramação

Dimetrius de Carvalho Ferreira

Capa

Marcelo Buainain

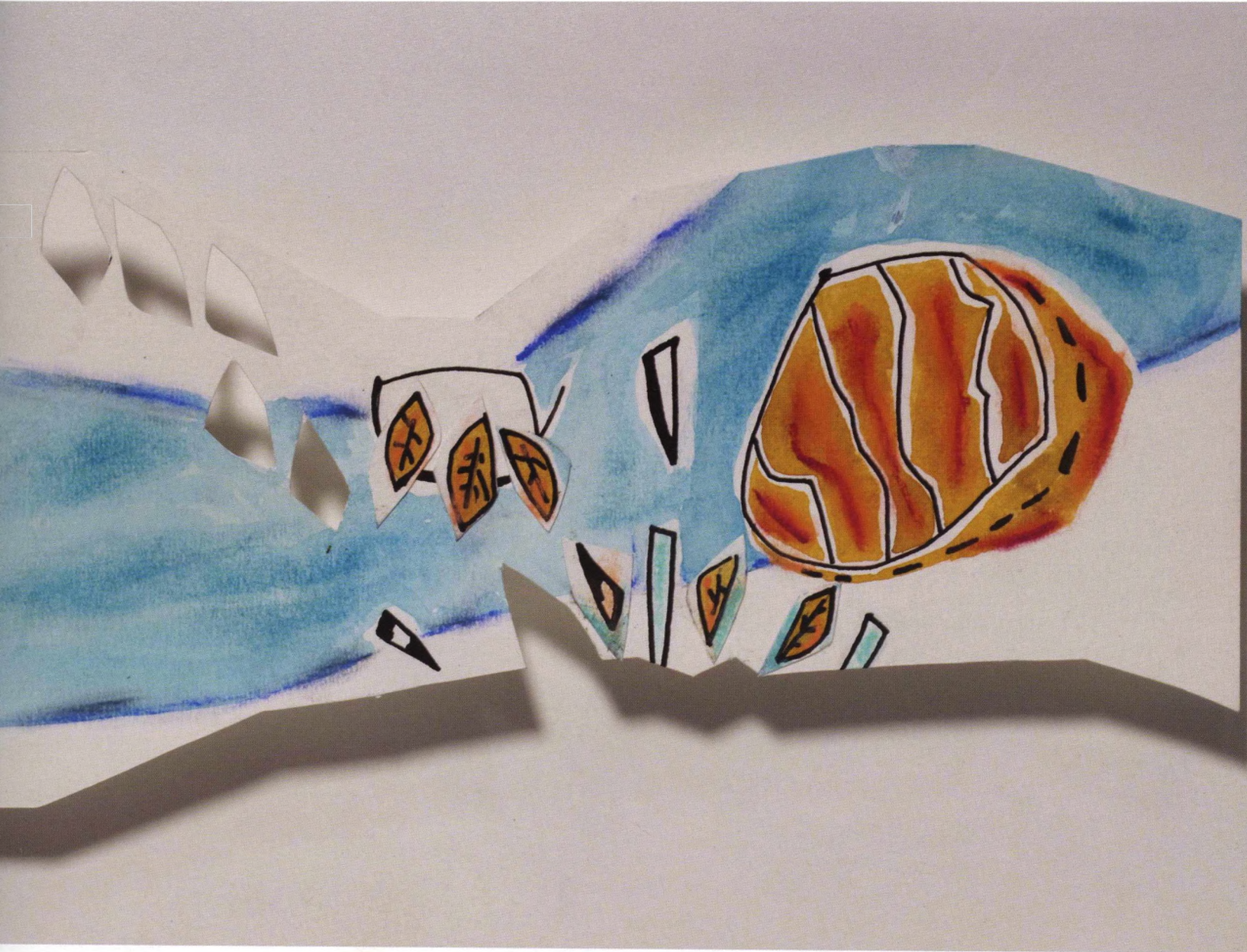
Colaboraram nesta edição

Alex Fernandes
Alexandre Gurgel
Ana Laura Barreto de Araújo
Anchieta Xavier
Aparecida Fernandes
Augusto Lula
Carito
Cid Augusto
Cláudio Marques
Dorian Gray Caldas
Everton Dantas
Fé Córdula
Flávio Freitas
Geraldo Edson de Andrade
Giovanni Sérgio
Gladis Vivane
Iaperi Araújo
Isaías Ribeiro
Jarbas Martins
João Maria Alves
Joane Luiza Batista
Marcelo Buainain
Márcio de Lima Dantas
Márcio Nazianzeno
Maria Marluce Gomes
Michelle Ferret
Nei Leandro de Castro
Pablo Capistrano
Pablo Pinheiro
Paulo Araújo
Paulo Bezerra "Balá"
Sheyla de Azevedo
Silvío Santiago
Suely Souza

Em memória de

Bartolomeu Correia de Melo
Newton Navarro
Oswaldo Lamartine de Faria
Zila Mamede

- p. 03* ♦ **vagas** | Por Zila Mamede
- p. 04* ♦ **face a face** | Mar & Sertão | Por Mário Ivo Cavalcanti
- p. 18* ♦ **outras palavras** | Um novo tempo na cultura | Rosalba Ciarlini
- p. 19* ♦ **outras palavras** | Alegria, Alegria | Isaura Rosado
- p. 20* ♦ **outras palavras** | As terras além do horizonte e os quintais da infância | Mário Ivo Cavalcanti
- p. 24* ♦ **artistas** | A maior praia que Natal já teve | Por Everton Dantas
- p. 40* ♦ **canudinho** | Ponta Negra ou o lado água de coco da vida | Por Márcio Nazianzeno
- p. 46* ♦ **marco zero** | As muitas portas de Touros | Por Silvio Santiago
- p. 54* ♦ **sorvete** | Pistache | Por Ana Laura Barreto de Araújo
- p. 56* ♦ **horizonte** | Muito além do mar | Por Geraldo Edson de Andrade
- p. 59* ♦ **ensaio** | Marinas | Por Dorian Gray Caldas
- p. 66* ♦ **veraneio** | Do sertão ao mar: a descoberta da praia como lazer e moradia | Por Joane Luiza Batista
- p. 70* ♦ **brisa** | Reflexões e inquietações sobre uma possível arquitetura de mar e sertão | Por Carito
- p. 78* ♦ **margem** | Zonas de fronteiras: cultura viva entre o sertão e o mar | Por Aparecida Fernandes, Pablo Capistrano e Suély Souza
- p. 84* ♦ **receita** | Grande Sertão Atlântico – A culinária e a gastronomia do Rio Grande do Norte | Maria Marluce Gomes
- p. 88* ♦ **viagem** | Por Oswaldo Lamartine de Faria
- p. 90* ♦ **poemas** | Oswaldo Lamartine | Por Márcio de Lima Dantas
- p. 92* ♦ **memória** | O que nos restou de civilização | Por Paulo Araújo
- p. 96* ♦ **profecia** | O Sertão vai virar Mar | Por Iaperi Araújo
- p. 100* ♦ **veredas** | Um certo Guimarães Rosa | Por Nei Leandro de Castro
- p. 104* ♦ **brogodagem** | Moda e Estética do Sertão | Por Gladis Vivane
- p. 110* ♦ **sessão** | Harmonia dos Séculos | Cid Augusto
- p. 112* ♦ **causo** | Diabetes | Por Bartolomeu Correia de Melo
- p. 114* ♦ **película** | Sertão em transe | Por Augusto Lula
- p. 116* ♦ **centelhas** | SER TÃO SERTÃO SER TÃO | Por Jarbas Martins
- p. 124* ♦ **fja & cia** | Agosto da Alegria | Por Sheyla de Azevedo
- p. 126* ♦ **fja & cia** | Além das sombras | Por Sheyla de Azevedo
- p. 130* ♦ **eles passarão, eu passarinho** | eu tuíto | Michelle Ferret
- p. 132* ♦ **saideira** | Sertão | Por Alexandre Gurgel



◆ a r t i s t a s



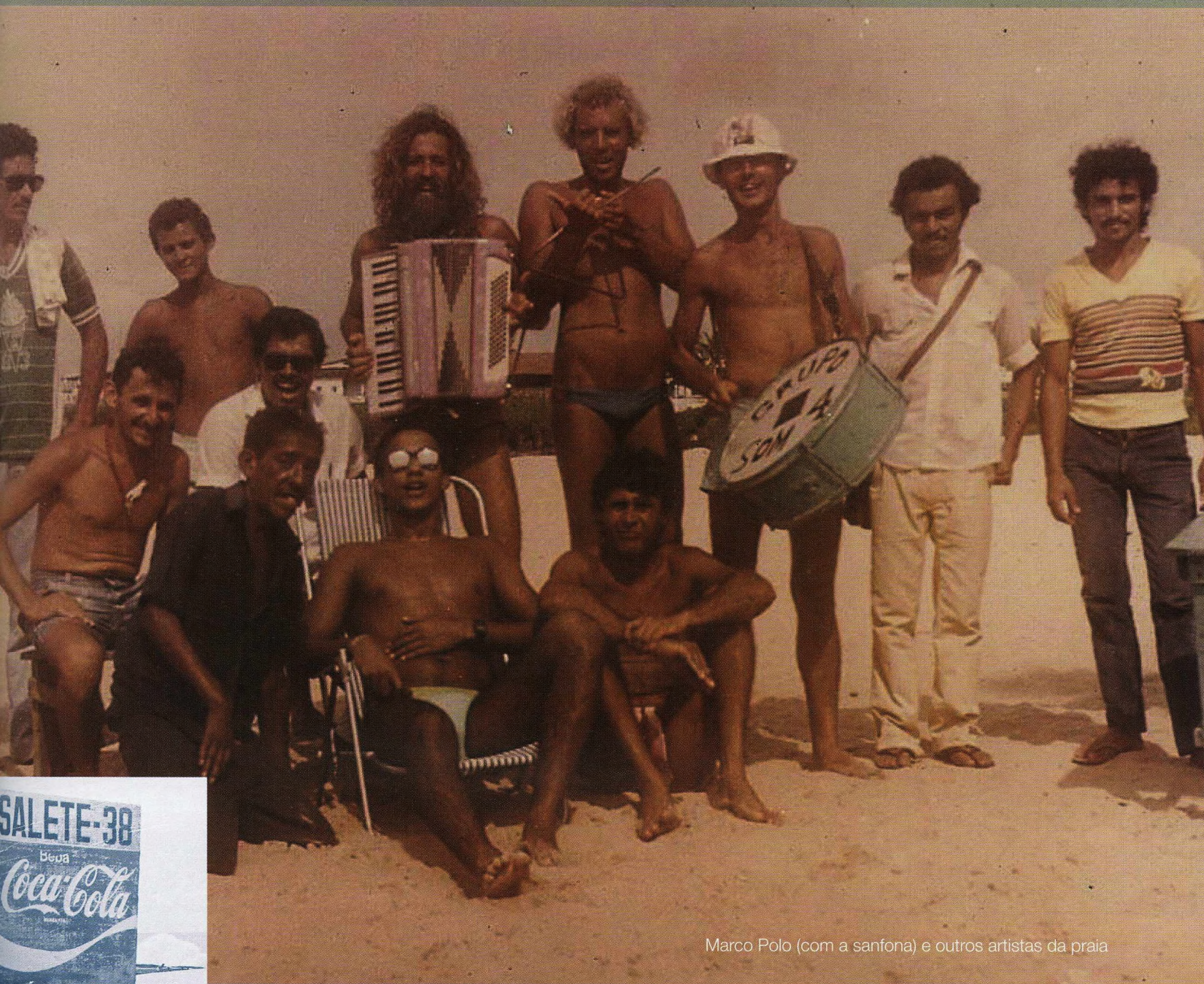


PORQUE FOI ALI O PRIMEIRO PONTO SOBRE O QUAL A CIDADE LANÇOU SEUS BRAÇOS DE CIMENTO E PEDRA SOBRE A ORLA PARA DEPOIS CONQUISTÁ-LA E DOMÁ-LA COMPLETAMENTE. PORQUE NUM DADO MOMENTO ALGUNS CABELUDOS ESTREARAM AQUELA ÁREA PARA ACAMPAR E FUMAR. PORQUE ERGUERAM ALI UM HOTEL INTERNACIONAL ONDE OS VISITANTES MAIS ILUSTRES, FAMOSOS E IMPORTANTES SE HOSPEDAVAM. PORQUE PASSAR POR NATAL E NÃO IR À PRAIA ERA O MESMO QUE NÃO CONHECER LUGAR ALGUM. PORQUE MUITOS ARTISTAS MORAVAM POR ALI. PORQUE A CASA DE MIRABÔ (LADEIRA DO SOL Nº 13) ERA UM POINT DE REUNIÃO DE MÚSICOS DE TODO O PAÍS. PORQUE FORAM ELES QUE DERAM NOME AO LUGAR – JAMAIS REGISTRADO OFICIALMENTE. PORQUE ERA UMA RESPOSTA À DITADURA DA ÉPOCA. PORQUE TODOS QUE IAM LÁ QUERIAM BRILHAR. PORQUE UM DIA FIZERAM UMA FILMAGEM NA BEIRA DA PRAIA. PORQUE FOI UM PONTO DE EXTREMA EFERVESCÊNCIA CULTURAL E MUITAS OUTRAS COISAS. PORQUE BRILHOU: PRIMEIRO SOB A LUZ DO SOL, DEPOIS À NOITE, COM BARACAS E BARES INESQUECÍVEIS. PORQUE DECAIU. PORQUE RESISTE. PORQUE DEIXOU SAUDADE. PORQUE RENASCE E MORRE A CADA DIA. PORQUE PODE AINDA RENASCER. PORQUE ERA SUA VOCAÇÃO NATURAL. PORQUE FOI DURANTE UM TEMPO O CENTRO AO REDOR DO QUAL A CIDADE ORBITAVA. ARTISTAS: UMA PEQUENA FAIXA DE TERRA À BEIRA DO ATLÂNTICO QUE, NAS DÉCADAS DE 70 E 80, FOI

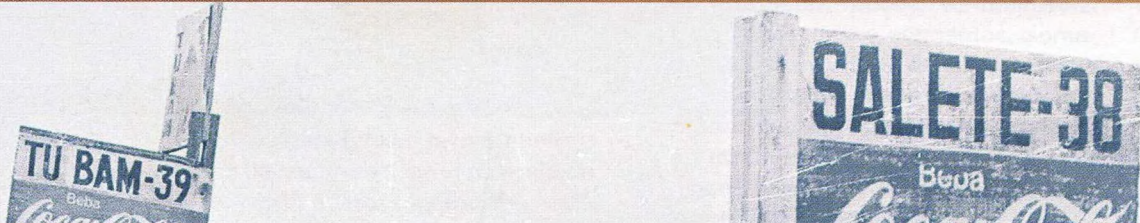
A MAIOR PRAIA QUE NATAL JÁ TEVE



Por Silvio Santiago / Ilustração: José Diniz



Marco Polo (com a sanfona) e outros artistas da praia



Por Everton Dantas | Fotos Everton Dantas, João Maria Alves, Emerson do Amaral e Acervo Pessoal de Marco Polo Veras



COMO UMA P

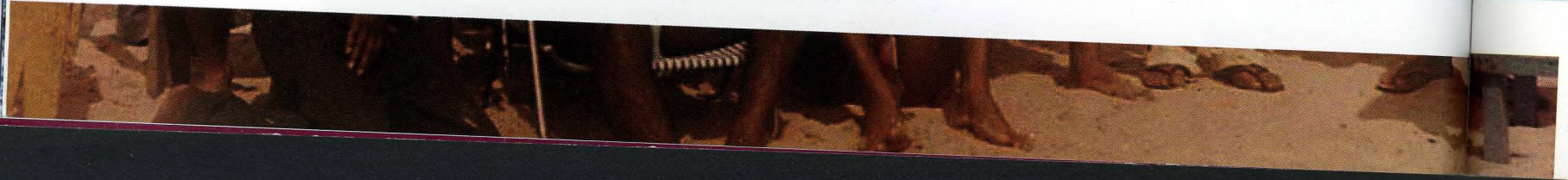
Num domingo, o oficial rodoviário A... largou o trabalho e roupas na feira emprestado o j... cidiu que ia à p... as opções na ép... Praia de Areia P... "Bastico" – apel... rodoviários – opt

Quando eu chego de salvamento. ci. Tinha um pes... abacaxi. Aí eu ol... fazer um bar, co... quise. Pensei: Vo... descer as pared... aqui embaixo pa... o que eu fiz.

Era 1962, Bastico... a hoje conhecida... era calçada com p... nêgo", e a popula... o IBGE, não chega... tes – pra ser exato... o bar, claro, Bastico

O primeiro requer... Djalma Maranhão... do a marquise. Po... a marquise. Depoi... telhado, porque ar... me patrocinou um

Faltava apenas o no... batizar o novo negó... um amigo – o tamb... Hermes Barbosa –... tão inusitada: "Basti... loca 'Caravela Bar'?... ver com as embarca... as viagens de desco... que naquele trecho... o aparecimento de á



COMO NASCE UMA PRAIA

Num domingo, como de costume, o policial rodoviário Antônio Francisco Bezerra largou o trabalho extra – de vendedor de roupas na feira de Ceará-Mirim –, pegou emprestado o jipe Willys do irmão, e decidiu que ia à praia em Natal. Eram três as opções na época: a Praia do Forte, a Praia de Areia Preta e a Praia do Meio. “Bastico” – apelido dados pelos colegas rodoviários – optou pela última.

Quando eu cheguei ali, vi aquele posto de salvamento. Então, eu parei e desci. Tinha um pessoal vendendo pinga e abacaxi. Aí eu olhei e vi que ali dava pra fazer um bar, com a estrutura da marquise. Pensei: Vou pegar essa marquise, descer as paredes e fazer um barzinho aqui embaixo para vender lanche. E foi o que eu fiz.

Era 1962, Bastico tinha apenas 26 anos, a hoje conhecida Ladeira do Sol ainda era calçada com pedras tipo “cabeça-de-nêgo”, e a população de Natal, segundo o IBGE, não chegava aos 200 mil habitantes – pra ser exato, 178 mil. Para instalar o bar, claro, Bastico recorreu à prefeitura.

O primeiro requerimento que fiz foi a Djalma Maranhão [1915-1971]. Pedindo a marquise. Porque eu só fiz fechar a marquise. Depois fui ampliando, fiz o telhado, porque antes era lona, e a Pitu me patrocinou um tempo.

Faltava apenas o nome. A ideia inicial era batizar o novo negócio de “Rei Pelé”, mas um amigo – o também policial rodoviário Hermes Barbosa – veio com uma sugestão inusitada: “Bastico, porque tu não coloca ‘Caravela Bar’?” O nome não tinha a ver com as embarcações portuguesas e as viagens de descobrimento, mas porque naquele trecho de praia era comum o aparecimento de águas-vivas, também

conhecidas como caravelas. O conselho foi aceito e o nome “Rei Pelé” perdeu a parada. Consolidando nome e negócio, o Caravela Bar especializou-se em vender peixe-frito e caranguejo, preparados ao longo dos anos pela esposa de Bastico, Dona Albenize Angela Bezerra (1941-2001). Estava construído um dos elementos que ajudou a fazer surgir uma nova praia.

Nesta mesma época, primeira metade da década de 1960, o Rio Grande do Norte era governado pelo jornalista Aluizio Alves. No último ano de governo, em 1965, ele inaugurou um hotel para receber os visitantes do estado. Quem acompanhou o trabalho de perto foi seu oficial de gabinete itinerante, Luís Antônio Porpino, o “Marechal Porpa”, então com 23 anos, que explica:

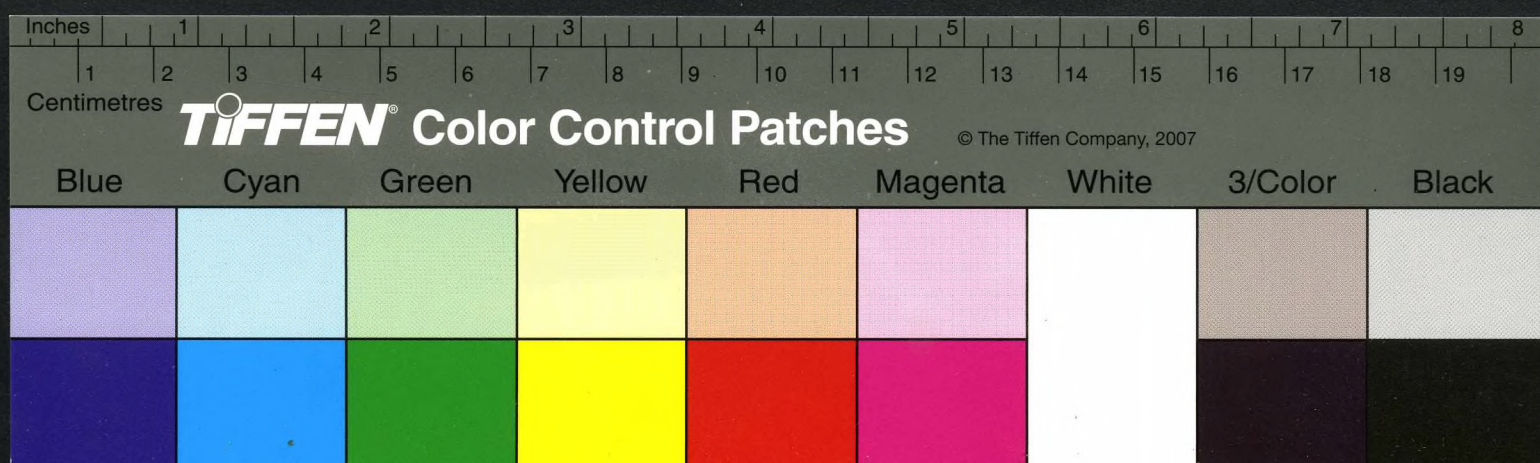
Tínhamos um gargalo no que diz respeito à recepção de turistas. Não tínhamos onde acomodar os visitantes. Um hotel dos anos 30, o Grande Hotel [na Ribeira], era a única solução para abrigar, com certa decência, turistas e homens de negócio. Paralelamente, o último andar do Hospital Onofre Lopes recebia autoridades e personalidades ligadas ao Governo. Era a extensão do Grande Hotel. Isso perdeu durante a [Segunda] Guerra e depois.

Inicialmente pensou-se em duas opções de localização para o novo prédio: a primeira, no alto da Ladeira do Sol, onde hoje funciona o Tribunal de Contas. O projeto, que incluía um restaurante com vista panorâmica, demonstrou ser muito caro, garantindo a vitória da segunda opção: na Praia do Meio, tendo à frente os recifes, onde as marés formavam piscinas naturais que poderiam ser usadas pelos turis-

tas. O Hotel Internacional dos Reis Magos – com linhas modernas e sinuosas, três andares, 63 apartamentos, parque aquático e boate – foi inaugurado em 7 de setembro de 1965, em plena campanha política, quando Alves tentava eleger seu sucessor, o Monsenhor Walfredo Gurgel. Logo, tornou-se referência não só para os que vinham visitar Natal mas também para quem morava na capital e queria (e podia) desfrutar do restaurante e da boate. Lembra Porpino:

Mesmo sendo um hotel considerado “de Aluizio”, era frequentado por todos os políticos. Boêmios e intelectuais também iam, entre eles Newton Navarro e Luís Carlos Guimarães. E, junto com eles, aquela nação de intelectuais.

Em 1968, foi dada uma última contribuição para que toda aquela área se tornasse capaz de suportar o que estava por vir: a “Operação Sol”, programa de urbanização levado à frente pelo então prefeito Agnelo Alves. A ladeira foi reformada, as pedras cabeça-de-nêgo trocadas por paralelepípedos, a faixa de rolamento alargada e duplicada e, por fim, a determinação de que a artéria que liga a avenida Getúlio Vargas à Café Filho passasse a ser chamada oficialmente de Ladeira do Sol. Foi também neste ano que a Prefeitura instalou barracas à beira da praia para receber os banhistas. Com todos esses elementos, somados à beleza natural do lugar, a então Praia do Meio – que já tinha devorado a área que antes pertencia somente ao topônimo “Morcego” – começava a perder território. E a Praia dos Artistas estava prestes a nascer.





TODOS OS CAMINHOS LEVAM AOS ARTISTAS

No início da década de 1970, Natal tinha uma população estimada em 265 mil habitantes. A cidade não tinha shoppings e também não possuía outras praias urbanas como opção. A Via Costeira não existia e a Rota do Sol muito menos. Nem mesmo a hoje internacionalmente famosa Ponta Negra podia ser acessada facilmente. Naquela época, quando a frequência à praia começou a aumentar consideravelmente, todos os caminhos levavam à Praia do Meio – não só pelo fato de ser quase a única opção, mas também porque lá estava instalado o Hotel Internacional dos Reis Magos. E porque foi lá também que se instalou o primeiro conglomerado de barracas de praia para atender aos banhistas.

Depois de exercer o cargo de oficial de gabinete itinerante de Aluizio Alves, Luís Antônio Porpino foi chamado para a chefia de recepção do Reis Magos, após um estágio na Bahia. Como o hotel era uma concessão da Companhia Tropical de Hotéis, que pertencia à Varig, quem vinha de fora não podia escapar desse destino. Assim, todos os voos também acabavam conduzindo à praia.

O artista plástico Eduardo Alexandre de Amorim, o "Dunga", 58 anos, lembra que antes da Praia dos Artistas o principal ponto de convergência em Natal era o Grande Ponto:

Com o advento da televisão, o Grande Ponto perde aquele encanto de ajuntamento. Então, o ajuntamento natalense passa a ser a Praia dos Artistas. Com características completamente diferentes.

Na primeira metade da década de 70, essa característica se acentuou, com o surgimento de dezenas de bares que tornaram a praia ainda mais movimentada, com todos – ou quase todos – frequentando o espaço. Inclusive os artistas. Uma das que acompanhou esse boom foi a escritora Clotilde Tavares, então com 22 anos:

Quando cheguei em Natal, em 1970, a Praia dos Artistas não existia. Essa história de dizer que teve uma filmagem lá é estória. O auge mesmo da praia começou no início da década, em 72, 73, foi quando começou o muido ali, naquele pedacinho. E o auge foi em 75, 76.

"Dona Clô" (como era chamada pelos amigos) descia para a praia de chapéu, decorado com uma imensa fita vermelha, e no caminho sempre passava pela casa do músico Mirabô Dantas, que servia de albergue improvisado para muitos dos artistas que vinham visitar Natal.

Quando eu descia a Ladeira do Sol, passava na casa de Mirabô. Às vezes estavam tomando café Fagner, Alceu [Valença]... Me lembro uma vez que eu cheguei e encontrei Mirabô e Gonzaguinha cantando dinheiro – e o dinheiro estava todo amassado: foi um show que tinham feito no Campus porque os teatros não abriram por conta da repressão. Dali a pouco pára um carro na porta: eram duas garotas que vinham seguindo Gonzaguinha desde Alagoas.

Outros que frequentavam a área antes mesmo de ser "dos Artistas" eram o poeta Carlos Gurgel e o jornalista e fotógrafo Marco Polo Veras – revela o primeiro:

É curioso isso. Não eram só os artistas. Tinha os mauricinhos, tinha as patricinhas, os surfistas... Ali era um point. E esse pessoal convivia numa boa. Os artistas que eram da periferia se reuniam lá. Isso no início dos anos 70 – foi por aí que o pessoal começou a se reunir. E tinha um pessoal de uma classe mais abastada. A Praia dos Artistas tinha isso mesmo, de congregar muita gente. E o pessoal convivia na boa.

Marco Polo confirma a convivência pacífica numa época em que quase todos – até pelo tamanho da cidade – se conheciam:

Quem frequentava a praia tinha alguma ligação com a praia: ou jogava frescobol, ou jogava futebol, ou surfava. Ia para a praia porque na praia existia a prática do esporte. Ia para lá porque era aonde todo mundo ia. Existiam muitas turmas, mas eu mesmo tinha mais de uma turma. Por exemplo: eu jogava frescobol –

*então tinha com a qual...
va uma pe...
da pelada...
dirigia à p...
me quer...
só para se...
todo mun...
A praia ta...
pelo grupo...
pre teve al...
os famosos...
barracas...
conta corre...*

No início da...
tinha 18 an...
"o filho da j...
quem diz –...
mãe, Wanc...
(falecida en...
gada (inscri...
promotora...
Isso numa...
geral, eram...
"o filho da j...
va por outr...
aponta o pr...
de Moraes N...

PRANCHAS DE SURF E MESAS DE BARES

Em meados dos anos 1970, a praia feria de gente. E, nessa mesma época, já contava com a presença dos primeiros surfistas. O empresário **Sérgio Henrique da Fonseca Teixeira** – o “**Sérgio Testinha**” –, hoje com 48 anos, lembra muito bem do período – desde os 15, surfando diariamente e participando de dezenas de campeonatos, foi lá, na Praia dos Artistas, onde se tornaria um dos surfistas mais conhecidos da cidade:

Eu comecei a frequentar a Praia dos Artistas em 76. Nessa época eu surfava de prancha de isopor. Só Felipe Dantas e Ronaldo Barreto tinham pranchas de surf, mesmo [de fibra de vidro].

A trajetória profissional de Sérgio Testinha – que continuou frequentando a praia até a década de 1990 – se confunde com a de outro famoso surfista potiguar, Felipe Dantas. Juntos, formavam a dupla de rivais mais comentada da época. Rivalidade essa até hoje lembrada pelos que frequentaram o local e também por aqueles que conhecem um pouco da história do surf northerriograndense. Ele recorda que os campeonatos vinham coroar o grande movimento que a praia já

tinha e que, quando os campeonatos eram etapas regionais, o público era bem maior:

Nos dias de campeonato ficava gente até lá em cima, no mirante da Ladeira do Sol. Tinha também a rivalidade entre as torcidas dos surfistas, mas a maioria das pessoas iam mesmo para o burburinho, não iam para ver o pessoal pegar onda – iam porque era a passarela de Natal.

Quem também guarda lembranças desses campeonatos é Clotilde Tavares que registrou em crônica:

Os campeonatos de surf também eram famosos, apresentados ao microfone com muita gíria e loucura por Big Terto (hoje transformado no publicitário Tertuliano Pinheiro), que tinha também um programa na rádio – não lembro qual – em que tocava muito rock.

Enquanto os surfistas se equilibravam sobre as ondas, outra turma se equilibrava sobre tamboretos: um dos motivos que ajudou a fazer com que a Praia dos Artistas marcasse seu espaço na memória da cidade foi toda uma constelação de bares, até hoje lembrada – com saudosismo – por quem a conheceu. Agora, um detalhe importante: não pergunte aos antigos frequentadores, muito menos aos seus proprietários, os anos exatos do funcionamento desses estabelecimentos: era festa demais para memória de menos. Sabe-se que, no início, o movimento maior acontecia apenas durante o dia. O Caravela Bar foi provavelmente o primeiro, mas houve

outros que também garantiram seu lugar na história da praia – como a Barraca da Marlene, que ficava na beira da praia e era bastante frequentada. É Seu Bastico quem ajuda a engrossar a lista:

O Braseiro... A Tenda do Cigano... O Maresia... O Castanhola – que ficava ali onde estão construindo o novo centro de artesanato... tinha esse nome porque ali em frente tinha uma castanhola enorme...

E o jornalista Petit das Virgens acrescenta à primeira lista de Bastico outros nomes, num resumo que dá o tom da época:

O clímax começou sem dúvida quando os amigos Witame e Luiz Emílio alugaram uma casinha perto da Ladeira do Sol e fizeram o bar Casa Velha. Aí vieram outros nos arredores: Tirraguso, Bodega do Boliviano, Asfarn, Chernobyl, Café de Paris, Clube Bandern etc. Até Flavinho Rezende botou um bar ali, o Nu Grau, e foi um sucesso. Depois Witame fundou o Artemanhas... O Bar Postinho e a Tenda do Cigano eram mais afastados mas reuniam a mesma turma de boêmios. Ambos viravam a noite. O Chapéu Virado e o Iara Bar já existiam. Eram em Areia Preta mas convergiam para os Artistas.

Clotilde Tavares suplementa a descrição – quase infinita – esclarecendo o porquê de um outro apelido da região:

A gente ficava de um bar para o outro, a noite inteira nesse negócio. Mas o mio-



lo era ali. Chamávamos aquilo ali de O Baixo. Porque naquela época, no Rio de Janeiro, tinha o Baixo Leblon. Então chamávamos aquilo ali de O Baixo.

Carlos Gurgel sustenta a comparação:

Tem essa correlação: o que ocorreu na Praia dos Artistas também ocorreu no Rio de Janeiro. Existia essa semelhança. Essa convergência dos artistas que se juntavam e começavam a celebrar com muito LSD, com muita doideira, com muito sexo, drogas e rock'n'roll. Porque o lema era esse: Curtir, curtir e curtir. É o que eu me lembro. Foi um período muito legal.

E João Batista de Moraes Neto conclui, resumindo:

Era efervescente demais. A gente vivia um Rio de Janeiro aqui em Natal.

Witame Gomes – hoje com 53 anos e à frente do restaurante Piazzale Italia, um dos mais famosos de Natal – foi proprietário de dois dos bares mais saudados da época: o Casa Velha e o Artemanhas. O primeiro foi aberto na década de 1980, junto com um amigo, Luiz Emílio. Ele recorda que no local havia sido “a Cantina de Seu Mário, depois a Casa da Batida”. Depois virou o Casa Velha. O lugar, diz, não era pra qualquer um, não:

O meu bar era noturno. Eram os artistas que iam. Os artistas de teatro, de cinema. Eram os loucos. Os malucos da cidade estavam lá. Era a boemia. Nos finais de semana sempre era muita gente, porque a cidade não tinha opção. Era só a praia.

Ele lembra ainda que, após vender o Casa Velha, abriu o Artemanhas, que ficava após o Caravela, na direção da Praia do Forte. E que, onde hoje é o Chaplin, houve um dia o Cá Te Que-

ro Bar. E que, no lugar do Casa Velha, Ângelo “Burrão” abriu O Boteco. E que muitos desses bares foram palco para a estréia de artistas como Pedrinho Mendes e Sueldo Soares.

Nomes, endereços, bares, proprietários e clientes se confundem – Carlos Gurgel lembra ainda o Artelier – comandado por um cearense, Chico Kurroutek – e o AMAI, restaurante macrobiótico criado por Vécio Lisboa.

Em 1984, o Chaplin se instalou ali. O empresário Paulo Galindo, proprietário do complexo, lembra que quando chegou a Natal, em 1981, a praia era o equivalente ao que os shoppings são hoje. Antes de montar o Chaplin, ele dirigiu a boate Royal Salute, dentro do Hotel Reis Magos, e O Rezinho, no quiosque do hotel, que pegava carona no famoso “quem me quer”.

Em 1986, coroando essa via láctea de bares, surgiu o Chernobyl, nome dado em referência ao acidente nuclear ocorrido em abril daquele ano, na Ucrânia. A ideia veio da cabeça do gaúcho Max Fonseca, que antes já havia criado na mesma praia o Barumbas. O Chernobyl era um bar onde o rock e o pop conviviam em harmonia e onde se podia ouvir todas as novidades musicais da década de 1980, incluindo as ditas “mais alternativas”. O movimento era diário, mas era nas noites de sábado quando atraía com mais intensidade todos os malucos da – ou que estavam na – cidade.

O apogeu – quando a praia ardeu mais forte, por conta da consolidação de seu roteiro noturno – coincidiu também com o declínio – quando o

brilho do local começou a esmaecer. Em 1988, o Artemanhas fechou. Logo depois, as barracas que ficavam na beira da praia foram retiradas pela Prefeitura, que construiu em seu lugar os quiosques que até hoje resistem. Em 1990, foi a vez do Chernobyl. Cinco anos depois o Hotel Reis Magos fechou – de vez –, mesmo ano em que Seu Bastico teve de abandonar o Caravela, após sofrer um infarto. O novo século começou, vieram outros bares, mas nada repetiu a era do Baixo de Natal. A cidade cresceu ainda mais e mais rapidamente, surgiram os shoppings e outras atrações turísticas. A Praia dos Artistas não tinha como competir com tanta novidade. O que restou de tudo isso? Quem responde é Carlos Gurgel:

Restaram algumas amizades que permaneceram. Umhas lembranças boas. Uma fase que era extremamente louca e tudo mais, mas que foi muita rica para a vida das pessoas que viveram esse período na cidade, fazendo que percebessem que, além do horizonte – como naquela música de Roberto Carlos – tem algumas outras coisas além do próprio horizonte. A Praia dos Artistas era isso – era desbunde, mas todo mundo queria viver em paz. Sem violência. Não tinha violência. Não tinha AIDS. Naquela época, a internet era a beira da praia.

HISTÓRIAS DA HISTÓRIA

A CRIATURA DO MAR

O Caravela Bar tem uma marca consagrada na paisagem: um cavalo-marinho, de onde jorra água, escultura feita por volta de 1975 pelo artista plástico José Jordão de Arimatéia, popularmente conhecido como Jordão, frequentador assíduo e amigo do dono do bar, seu Bastico. Antes da escultura só havia um chuveiro. Um dia, Jordão propôs:

Bastico, eu faço uma escultura aí e a gente bota a água jorrando pelo bico: vai ficar um negócio bonito.

O pagamento pelo trabalho – revela Bastico – foi feito em comida e bebida:

Ele era muito meu amigo. Ele falou: compre isso, isso e isso que eu venho fazer. Quer dizer: saiu muito mais caro do que se eu tivesse contratado ele pra fazer. Porque ele usava muito o Campari – ele só tomava Campari. Era Campari e comida e tal. Tinha dia que ele botava pra frente, mas tinha dia que ele pegava outros serviços, que ele era biscateiro. Mas até que não demorou muito, não. Porque ele sempre vinha porque tinha de beber. Bebia de graça. Aí fazia. Era ele e Mundoca, o assistente dele. Quando terminou ficou muito bonito e todo mundo queria tomar banho ali e bater fotografia. Fotografia daquilo ali tem em toda parte do mundo, porque chegava muito estrangeiro – um dia teve um navio de coreanos que só veio oficiais, tudo novinho. Rapaz, esses caras riam demais.

CAATINGA E OCEANO

O mineiro Henfil (Henrique de Souza Filho, 1944-1988) – famoso por personagens como o Capitão Zeferino e seus amigos da caatinga, Graúna e o Bode Orelana, entre outros – chegou a morar na Praia dos Artistas, quando da sua temporada em Natal, de 1976 a 1978. O cartunista veio à cidade a convite do ex-piloto Graco Magalhães e morou numa casa na Ponta do Morcego na mesma época em que a Praia dos Artistas fervia. Curiosamente, um dos motivos da mudança – além da ínfima quantidade de edifícios – era conhecer de perto a caatinga.





CHICO E SÉRGIO

Ainda hoje, Chico Miséria e Sérgio Dieb são dois dos nomes mais lembrados por todos os que conheceram e viveram o auge da Praia dos Artistas. O primeiro era marchand, militante cultural e responsável por trazer à capital potiguar muitos artistas da MPB – gente como Rita Lee, Jorge Mautner e Gilberto Gil eram hóspedes em sua residência e sempre terminavam sendo levados à praia, contribuindo para a fama do lugar.

Já o arquiteto Sérgio Dieb, outro grande frequentador da orla, onde chegou a fazer artesanato em couro, tornou-se o grande representante político da turma da praia ao se eleger vereador em 1978, prolongando o mandato até 1988, quando assumiu a vice-presidência da Câmara Municipal de Natal. Certa vez, durante uma visita de políticos russos a Natal, Dieb levou os estrangeiros para conhecer o bar Chernobyl.

Numa infeliz coincidência, ambos foram assassinados.

FESTIVAL DO FORTE

Tanta efervescência e ebulição cultural terminou desaguando, em 1978, no *Festival de Artes do Natal*, também conhecido como *Festival do Forte*.

Carlos Gurgel, um dos organizadores, à época morando em Salvador, relembra um telefonema que o fez voltar a Natal para participar do projeto:

A ideia surgiu de Lóla [o músico Luís Lima, hoje morando na Itália], irmão de Fon [Afonso Lima], que se juntou a Mirabô, a Venâncio Pinheiro, a Sandoval Fagundes, que me ligou.

Artistas como Chacal, Jards Macalé, Aguilhar e a Banda Performática, Chico César, Grupo Cinco Estrelas, Marcela Cartaxo e Pedro Osmar, entre outros, participaram dessa primeira edição.

O Festival do Forte só foi possível por conta dessa aglomeração ali na Praia dos Artistas.

A fala de Gurgel, acima, coincide com a do poeta João Batista de Moraes Neto, uma vez conhecido como “João da Rua”:

O Festival de Artes praticamente surgiu ali, na praia. Toda concentração era no apartamento de Sandoval Fagundes, artista plástico paraibano, amigo de Zé Ramalho.

O HOMEM MAIS BONITO DE NATAL

Na época que a Praia dos Artistas era o grande ponto de encontro de Natal, a cidade costumava promover concursos de beleza, chegando até mesmo a realizar um concurso do homem mais bonito da capital. O vencedor foi nada mais nada menos que um assíduo frequentador da praia: o poeta Carlos Gurgel.

O MAIOR BEATNIK DE NATAL

Segundo Eduardo Alexandre, o grande guru de muitos que frequentaram a Praia dos Artistas foi Joanilo de Paula Rêgo, pai do fotógrafo Giovanni Sérgio:

Nós frequentávamos a casa dele. Íamos escutar música e ver os livros. Foi ele quem introduziu para a gente Bob Dylan, Led Zeppelin, The Who, Janis, Gonza-

guinha. Tudo o que estava influenciando mundialmente a juventude, a gente tinha acesso na casa de Joanilo. E tinha fartamente. Joanilo foi o maior beatnik de Natal.

PRIMEIROS BEIJOS

Segundo alguns contam, o primeiro beijo gay em público, em Natal, teria acontecido na Praia dos Artistas, mais exatamente no bar Chernobyl.

SEM DINHEIRO

O ator paulistano Raul Cortez (1932-2006) foi presença constante na Praia dos Artistas, desde antes do lugar ter o apelido consagrado até os seus últimos dias de brilho, frequentando tanto o Caravela quanto o Chernobyl. Os proprietários dos bares, Seu Bastico e Max Fonseca, respectivamente, lembram bem do ator de novelas e teatro. O dono do Caravela, inclusive, não esquece até hoje uma dívida de Cortez:

Ele só vivia ali. Até me pedir dinheiro emprestado, pediu. Ele foi pra uma balada lá pra baixo, pras bandas do Forte, e quando voltou, veio sem dinheiro. Aí queria pegar o táxi para ir ao Ducal [hotel no centro da cidade] e eu emprestei 100 Cruzeiros. Dispensei porque ele já se foi.

SEM ONDA

Nem as ondas permaneceram na Praia dos Artistas: a mudança ocorreu depois que construíram quebra-mares em Areia Preta e Miami – entre a Praia dos Artistas e o início da Via Costeira – para impedir a ameaça do mar aos espigões construídos na orla. A alteração nas correntes matou as ondulações na praia alguns quilômetros mais ao norte. Para completar, em dias de chuva a sujeira toma conta da praia. A opinião é do surfista Sérgio Testinha:

Não surfo mais lá. Mas não é só por que não dá mais onda, não. É por causa também dos esgotos que não tenho coragem de pegar onda ali. Dia de chuva então, é impossível. Desce aquelas galerias de águas cheia de esgoto dentro.

QUEM ME QUER?

Se pela manhã a praia era frequentada pelos banhistas e pelos esportistas, ao cair da tarde o espaço ganhava outros ares: era a hora do “quem me quer”, a paquera na qual as meninas (em geral) ficavam na calçada enquanto os rapazes passavam de carro, num ir-e-vir contínuo. Marco Polo Veras conta que era comum as pessoas passarem o dia na praia e depois irem se trocar para poder participar do “quem me quer”:

Tinha muita gente que ia à praia somente para o “quem me quer”, só para se exibir e ser visto.

O filho de Seu Bastico, Francisco Olinto de Bezerra Neto, era criança na época, mas recorda quem era os atores que participavam desse momento:

Era a burguesia desfilando com seus carros.

Outro que rememora o movimento também é o empresário Witame Gomes:

Não era todo tipo de gente que frequentava a praia. Quem frequentava muito eram os filhinhos de papai, que tinham carro e circulavam no final da tarde – dava umas cinco voltas: isso é que era o “quem me quer”.

Outro proprietário de bar, Max Fonseca, lembra os engarrafamentos constantes:

Todo mundo dirigia. As meninas iam ou o pai levava. Elas caminhavam e os caras passavam de carro. Por isso o nome “quem me quer” – para ver quem queria. Natal era um interiorzinho.

Mas não era só isso. Houve mais de um “quem me quer”. Quem conta é o jor-

nalista Petit das Virgens, que chegou a produzir reportagem sobre o fenômeno:

O “quem me quer” foi um grande momento romântico de Natal e se deu em dois momentos e lugares diferentes. No fim dos anos 60, nos dias de semana, o “quem me quer” ficava no centro, na Rua João Pessoa, em frente à extinta Lanchonete Kishow do saudoso Evaldo Maia. A Kishow era ultramoderna com equipamentos importados e parecia mais com o que seria hoje um McDonald’s ou Burger King. Ficava ao lado da atual agência da CEF. Em frente tinha a loja de Helison, de seu Helio – era também quem vendia a última palavra em rádios, gravadores, microfones etc. E ainda havia a lanchonete Dia e Noite. Era nesse corredor que os jovens ficavam batendo papo e olhando as meninas que passavam depois das sessões dos cinemas Rex, Nordeste e Rio Grande.

Já na praia o “quem me quer” funcionava mais nas tardes de domingo. A juventude ficava passeando de um lado para outro no trecho entre a Ladeira do Sol e o Hotel dos Reis Magos. A maioria ficava escorada nos carros vendo os outros passarem. Muitos passavam o dia na areia da praia, seja na Barraca de Marlene ou no Caravela Bar. Na parte de cima, o bar preferido era o Castanhola que tinha a árvore que dava nome ao bar e uma visão privilegiada.

O “quem me quer” foi um fenômeno da época, que desapareceu da mesma maneira que a Praia dos Artistas deixou de ser a mais frequentada.





OUTROS ARTISTAS

BOY DA PRAIA

A Praia dos Artistas gerou suas próprias figuras históricas – e folclóricas. Uma das mais lembradas é sem dúvida o “Boy da Praia” (ou “Paxaraca”, ou “Boy da Área”), um morador de rua que chamava a atenção por suas frases de efeito disparadas na direção das moças que frequentavam o pedaço. As frases iam da simples e inocente “Garotas, chegou o Boy da Praia” até a mais ousada “Quem quer f... aí?”.

Marco Polo lembra que muitos não gostavam do estilo do Boy:

Ninguém gostava do Boy. Só a gente. Depois que ele tomava umas seis ou sete [doses, normalmente de cachaça]. Aí passava uma menina, ele dizia: “Ô, já viu o Boy da Praia? Deixa eu dar uma beijo na sua flor”. Ou então quando passavam dois caras mal encarados: “Nem é Garrincha nem é Pelé. É dois mané”.

Segundo o jornalista e fotógrafo, o Boy havia sido garçom e se tornou morador de rua após ser traído pela esposa. A visão de Marco Polo coincide e é contrariada em alguns pontos com a versão de Carlos Gurgel:

O Boy era uma figura que tinha um problema na perna e curtia com todo mundo. Era uma figura antológica. Uma figura que todo mundo curtia e que todo mundo gostava. Era extremamente pobre. Todo dia estava lá na praia. Era uma

figura assim, como se tivesse sido eleita por todo mundo como um cicerone de quem frequentava lá. Ele conversava com todo mundo, que tinha ele como alguém que devia ser celebrado.

Já Petit das Virgens associa o personagem ao nome da praia:

O Boy da Área era um desses “artistas”. Era um mendigo de muletas, sempre embriagado, que assediava turistas bonitas com a frase arrasadora: “Quem quer f... aí?” No entanto, o Boy era inofensivo e ridicularizava a própria condição.

Ao que consta, o Boy morreu. Mas durante o tempo que caminhou, quase sempre trôpego e arrastando as chinelas na areia, tornou-se tão conhecido que começaram a produzir miniaturas dele, feitas em barro. Seu Bastico lembra que as estatuetas vendiam bastante.

VIOLETA PORRA

Outra figura mitológica da praia foi Violeta “Porra”, uma – dizem – paraguaia que circulava à beira-mar, empunhando um violão e com enormes chapéu e óculos escuros. Tentava arrancar alguns trocados dos banhistas e turistas, dedilhando umas poucas notas e cantando. O nome era uma paródia com a famosa cantora chilena, Violeta Parra (1917-1967). Seu Bastico a conheceu antes mesmo que

morasse em Natal e dividisse com o Boy da Praia, as atenções:

Eu conheci aquela mulher em Mossoró. Ela vivia de boate. Era prostituta. Mas era metida a fazer show. Ela veio do Paraguai para Mossoró. Sei bem por alto. Depois de Mossoró, eu vim vê-la aqui em Natal. Mas quando chegou aqui já estava derrubada. A fala dela chamava a atenção: era muito enrolada.

Marco Polo contesta a nacionalidade da cantora sem esquecer suas qualidades musicais:

Violeta Porra era uma uruguaia de nome Marina, que se vestia de uma maneira extravagante: botava uma saia, se maquiava, botava muitas jóias, pulseiras, tudo muito baratinho. Era uma figura engraçada, não tinha dentes e cantava. Eu, apesar de ser ignorante musical, identificava umas duas notas. E com essas duas notas ela cantava tudo. Cantava ruim e tocava pior.

VERA BRIZOLA

Fornecedora oficial de LSD da rapaziada mais chegada ao lisérgico, Vera “Brizola” morava em São Paulo e vinha regularmente a Natal com sua carga de doces para abastecer a demanda. Segundo um artista que a conheceu e foi seu cliente era “a rainha da praia”.



UMA GALERIA DE TODOS

Em outubro de 1977 o Brasil ainda vivia sob o regime militar. O artista plástico Eduardo Alexandre Amorim tinha 24 anos e, após ter trabalhado como jornalista em Brasília vivia a angústia de não ter voz diante da situação política. Naquele mês, motivado pelas ideias do filósofo italiano Antonio Gramsci, ele encontrou uma forma de protestar e de ao mesmo tempo levar sua arte às ruas: estava fundada a Galeria do Povo, um espaço público onde qualquer um que desejasse podia vir e expor sua arte.

A Galeria do Povo – isso é importante – surgiu de uma necessidade de voz. Porque como jornalista, eu via que estávamos num momento que não podíamos dizer nada. Eu dizia: “Se eu não posso dizer no jornal, eu vou dizer no muro.” Então o muro era a válvula de escape contra a repressão que a gente sofria na época.

Na Natal da segunda metade da década de 1970, não havia ponto mais visitado do que a Praia dos Artistas. Foi por este motivo que Eduardo Alexandre – mais conhecido como “Dunga” – pegou suas telas e poemas e foi em direção ao local. As primeiras exposições foram no entorno da Ladeira do Sol. As seguintes foram num muro na Avenida Café Filho, próximo ao Caravela Bar.

Eu saía daqui de casa com martelo, prego, fita adesiva, dois ou três quadros meus, duas ou três poesias minhas, alguns artigos de jornal da semana e chegava lá expunha meus quadros, minhas poesias e os artigos. Uma esteirinha e um tamborete. Eu colocava e ficava lá. E as pessoas iam chegando espontaneamente. Bota essa poesia aí. Bota esse quadro aí. E a coisa ia se formando. Era uma exposição não planejada. Eu nunca sabia qual seria o resultado de uma exposição da Galeria do Povo.

A ação de Dunga atraiu outras pessoas, entre eles o poeta Carlos Gurgel, o fotógrafo Giovanni Sérgio e os jornalistas Marcos Otoni e Leonardo Sodrê. A ideia era que a Galeria do Povo se multiplicasse pelas outras capitais do país até chegar a Brasília, onde em frente ao Congresso Nacional seria realizado um grande evento artístico para protestar contra o que estava acontecendo no País. Isso não aconteceu. Mesmo assim, o autor da ideia considera o projeto vitorioso.

A Galeria do Povo funcionou na Praia dos Artistas até 1986, sempre com novas exposições (mais de 500 ao todo) aos sábados e domingos. E teve bandeira, logotipo e chamamento:

Que venham as rendeiras; os cantadores; os meus amores; vocês, pintores, os trovadores, os cancioneiros, o poeta urbano, o poeta rural; os sanfoneiros, os

saxofonistas, os pistonistas; você artista, alma do povo – amplexo, reflexo, homem sem nexos, anexo o nome o corpo a voz a manifestação.

Foi através da Galeria do Povo, segundo Dunga, que Natal viu surgir o poeta João da Rua (João Batista de Moraes Neto):

João era um menino que morava nas Rocas e passeava por ali, na praia. Um belo dia ele passa do outro lado da calçada, vê o movimento da Galeria do Povo, chega e começa a conversar – e a gente fala sobre poesia e sobre artes plásticas e tudo. Aí ele diz: “E pra gente expor?” É só chegar e trazer – respondi. Aí dei um papel e uma caneta. E ali mesmo, no pé do muro, ele fez a poesia. A partir daquele momento ele passou a ser um poeta de Natal. Assim como vários outros.

OS PORQUÊS DO FIM

Foi um boom. Uma explosão de contracultura, de coisa muito doida e tudo... Depois houve um arrefecimento, uma coisa assim, para ir minando essa energia da galera. A praia começou a perder o brilho. A ficar uma coisa sem encantamento. Sem aquela psicodelia. Sem ser uma coisa bonita, ficou uma coisa normal.

[Carlos Gurgel]

Quando a Praia dos Artistas bombou à noite, a galera começou a ir para Ponta Negra durante o dia – aí começou a morrer o dia lá. Quando virou a noite, Ponta Negra nasceu.

[Max Fonseca]

Eu acredito que o processo de urbanização de Natal foi muito forte e muito desordenado. E aí começou uma onda de drogas e prostituição que interferiu e desencadeou essa decadência. Porque aí as pessoas foram se afastando. A classe média saiu fora. E aí, o movimento se deslocou para Ponta Negra.

[João Batista de Moraes Neto]

Eu acho que começou a decair depois do boom turístico. Depois que fizeram a Via Costeira. Porque aí acabou o sossego. Você tinha uma casa, o cara ia e colocava um bar do lado da tua casa. E não havia respeito pela hora. Então acho que foi essa exploração desordenada que acabou com a praia.

[Mirabô Dantas]

Quando a Prefeitura resolveu tirar as barracas [final da década de 1980], aquilo tudo mudou e a Praia dos Artistas nunca mais foi frequentada como era.

[Eduardo Alexandre]



Não é um único motivo que leva um casamento a se desfazer. São vários. Eu identifico vários motivos que levaram a essa decadência. Um deles é a falta de ação do poder público. Outro foi a mudança de geração.

[Marco Polo Veras]

O burburinho acabou quando inauguraram o Natal Shopping. Porque todo o pessoal jovem de Natal antes descia para a Praia dos Artistas e de repente todo mundo foi para o shopping.

[Sérgio Testinha]

Com a criação dos shoppings, e a insegurança, as coisas mudaram. Quando houve a urbanização de Ponta Negra – e conseqüentemente o abandono da orla da Praia dos Artistas – houve um declínio aqui. Outro fator que atrapalhou muito foi a mão única: foi muito ruim porque proibiu a passagem de mais carros – as pessoas vinham, mas não voltavam. Isso fechou 27 bares e restaurantes aqui.

[Paulo Galindo]

A mudança total ali foi com o trânsito. Acredito que caiu porque colocaram a mão única. Não tinha para onde ir. Como é que ia e não voltava?

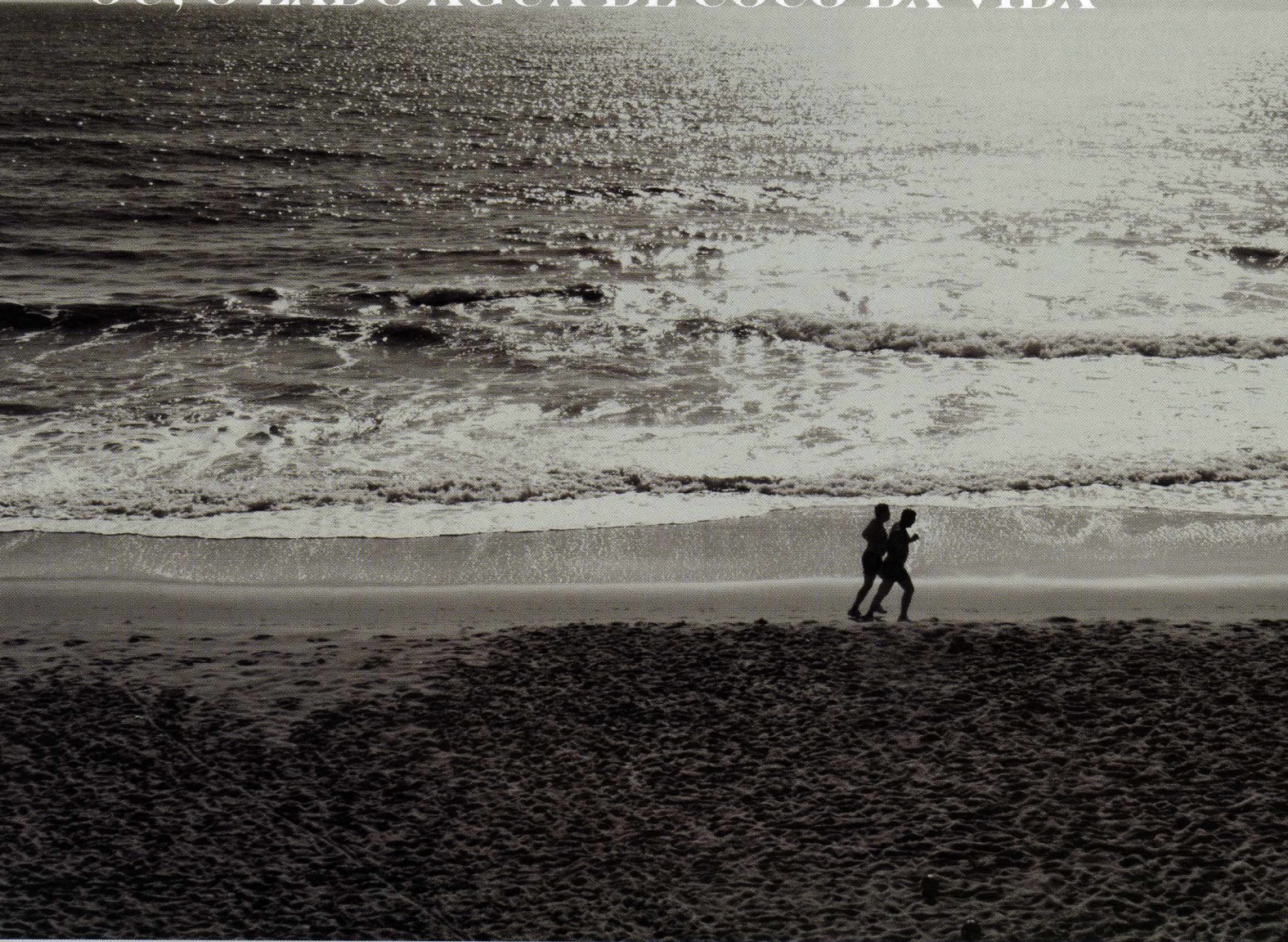
[Witame Gomes]

*PORQUE A CIDADE
CRESCEU E SE ESTENDEU
PARA ALÉM DA PRAIA
DO MEIO. PORQUE O
DESENVOLVIMENTO FEZ
SURGIR NOVAS OPÇÕES.
PORQUE A PROSTITUIÇÃO
E O TRÁFICO DE DROGAS
TOMARAM DE CONTA.
PORQUE O CRESCIMENTO
NÃO FOI ORDENADO.
PORQUE OS SHOPPINGS
SURGIRAM. PORQUE
OS BARES FECHARAM.
PORQUE ENVELHECERAM.
PORQUE HAVIA CURSOS
A TERMINAR, CONTAS A
PAGAR E FILHOS PARA
CRIAR. PORQUE SE
DISPERSARAM E OS NOVOS
QUE SURGIRAM JÁ FORAM
PARA OUTROS LOCAIS.
PORQUE ACONTECE.
ARTISTAS:
UMA PRAIA
INESQUECÍVEL
QUE PARA SEMPRE VAI
HABITAR AS MEMÓRIAS
E SONHOS DE MUITOS
QUE POR LÁ PASSARAM
E AJUDARAM A COMPOR
E LAPIDAR TODA ESSA
HISTÓRIA.*

Everton Dantas é jornalista.

PONTA NEGRA

OU, O LADO ÁGUA DE COCO DA VIDA



Por Márcio Nazianzeno
Fotos Márcio Nazianzeno



LIMITE

Há algo no mar que define as pessoas de uma cidade. A zona de fronteira com limites demarcados pelo oceano é uma referência geográfica real para os seus habitantes – como um marco que diz aos que querem se encontrar: “– Ei, é por aqui”. Assim é Natal, posicionada na esquina do Atlântico, uma ilha que insiste em permanecer conectada ao continente. A Leste está o nosso Norte; seguimos a brisa, orientamo-nos pelo sol à maneira de antigamente, e convivemos na extensa faixa branca que circunda o litoral.

DESTINO

Agora, vamos imaginar uma outra realidade, talvez desagradável, que é a de não viver em uma cidade costeira. Por exemplo, Brasília: a dez quarteirões, existem apenas outros dez quarteirões, e depois outros dez e outros... replicados continuamente, até não ser mais Brasília, até ser outra cidade, até chegar ao mar. Ele é o fim e também o ponto de partida. Foi no mar onde a vida começou e é nele onde ela acontece.

BERMUDA

Cada pessoa tem o seu mar – do estrangeiro que sonha com a velhice em um país tropical ao pescador que vai superfaturar o peixe a este mesmo estrangeiro – todos têm seu mar. O mar que eu tenho está em Natal, na praia de Ponta Negra. Gosto de lá não apenas por ser o lugar onde cresci, mas porque foi nele que desenvolvi essa relação que faz de mim o que sou hoje. Hoje, sou um cara de bermuda; e está bom assim.

DESCALÇO

No início dos anos 1980, eu ainda moleque, os meus pais mudaram-se para Natal e fomos morar em Ponta Negra – para mim, então, o único lugar possível na face da terra. Naquela época, não havia localização mais afastada para se morar, e o modo de vida era essencialmente local. Os adultos saíam de manhã e só voltavam à noite. As crianças cresciam livres de qualquer regra; pedalavam, pulavam os baixos muros das casas, jogavam bola em ruas de paralelepípedo, ralavam-se e fraturavam seus ossos, fugiam para a praia ignorando os alertas de afogamento ou as ameaças do “velho do saco” – a lenda do comunista infanticida –, cavavam túneis nos morros, invadiam construções, esticavam-se nos jardins bebericando Tang – binóculos nas mãos à espera do Cometa Halley ou dos seios da vizinha. Sobrevivemos a uma infância inspirada, anárquica e descalça.

ASSEPSIA

Quando saí do jardim de infância para estudar a sério, fui matriculado em uma escola católica no bairro de Petrópolis – meu primeiro contato com a cidade real. Não parecia tão interessante: aquele cenário ultra-urbanizado me entediava. As crianças de Petrópolis agiam de um modo diferente do nosso, nem melhor, nem pior, mas diferente: eram mais... assépticas. Isso foi muito antigamente. De lá pra cá, as distâncias diminuíram. Talvez tenha começado com as obras de duplicação da Roberto Freire, um evento para nós tão curioso quanto os tremores de terra no interior do Estado, que resvalavam às nossas casas de paredes rachadas.

DA PUTARÍSTICA ADQUIRIDA

Veio então o turismo crescente a atrair dinheiro e edificar a região; a fumaça da maconha agora reagia com a dos automóveis, e o modo de vida ganhou um ar mais cosmopolita como observado no inglês selvagem das meninas da praia: “– Forty dóla, forty dóla”, entusiasmasdas com a nova mais antiga profissão do mundo.

Na minha adolescência, lembro que havia perto de casa uma carrocinha de cachorro-quente que vendia droga, era só chegar lá e fazer o pedido “para viagem”.

Ponta Negra estava na puberdade.

DOS MAUS COSTUMES

Parece ser ainda opinião geral de que uma exploração mal planejada trouxe problemas como o turismo sexual, a especulação imobiliária e os subprodutos da vida noturna. Sim, temos algumas putas, as drogas fazem sucesso e uma cobertura na praia não custa pouco – para quê afinal um apartamento com vista para o mar se as prestações custam os olhos da cara? Não sei, nem importa. Mas, para alívio nosso, algumas expectativas foram frustradas e deixamos de ser uma potência mundial em perversão.

Pode ter sido por causa da crise que afastou os dólares, ou mesmo as mãozadas de Miguel Mossoró, mas o perfil do turista mudou. E, se para muitos Ponta Negra tornou-se um produto turístico, a verdade é que ela continua uma cidade à parte; diferente da Natal fechada em si mesma dos outros bairros, diferente de qualquer cidade.

TUBARÕES E JACARÉS

Saio de casa cedo, o tempo fecha e anoitece de novo. Nos dias nublados até o sol tem preguiça de levantar. Chove, e o melhor da praia na chuva é que o banho

de água doce é de graça. Maré cheia, rajadas de vento, ondas quebrando em toda a parte. O mar, não turbulento, mas desgovernado. Manhã chuvosa é de uma melancolia bonita. O frio quebrado por conversas eventuais, pela água morna e, claro, pelo esporte do atleta ocasional – o jacaré. Entro no mar.

– Nessa chuva tem onda, né? Hoje tá agitado...

– Vixe... tem até tubo.

É o único surfista na água. Explica que posso alugar uma prancha por doze reais. Seu nome é Max, tem vinte e dois anos e surfa desde os quatro. Vive da pesca e do comércio nas barracas.

– Ia comprar uma prancha da Radical, mas achei caro... uns trezentos.

– Faz isso não... Milton, lá da Vila, tem usada por cinquenta.

Uma linha sobe formando uma das grandes. Ele pega impulso e desce a onda que estoura na areia. Vejo-o longe, remando de volta. Fico sozinho no fundo, o mar deserto, lembro dos tubarões dos filmes.

– Rapaz... e tubarão? Tem medo não?

Ele lembra o caso que aconteceu ano passado nas “Tartarugas”, a baía formada aos pés do Morro do Careca. A história foi contada por um pescador que, além de capturar os dois tubarões que investiram contra a sua jangada, pelo visto sabe inventar um causo como ninguém.

– Eu nado por ali... – digo.

– Naaam... entro ali por nada – resmungo.

Atrás do morro há uma praia isolada com ondas grandes, mas é perigoso e muita gente já machucou-se feio nas rochas. Pergunto das barracas.

– Tavam querendo tirar, os fiscais... ouvi dizer... – comenta.

Se tiram a única estrutura oferecida hoje aos banhistas, a praia vira um lugar exclusivo para hoteleiros e turistas.

– Muito gringo, ainda?

– Nada... quase não se vê estrangeiro.

– E natalense, tem muito?

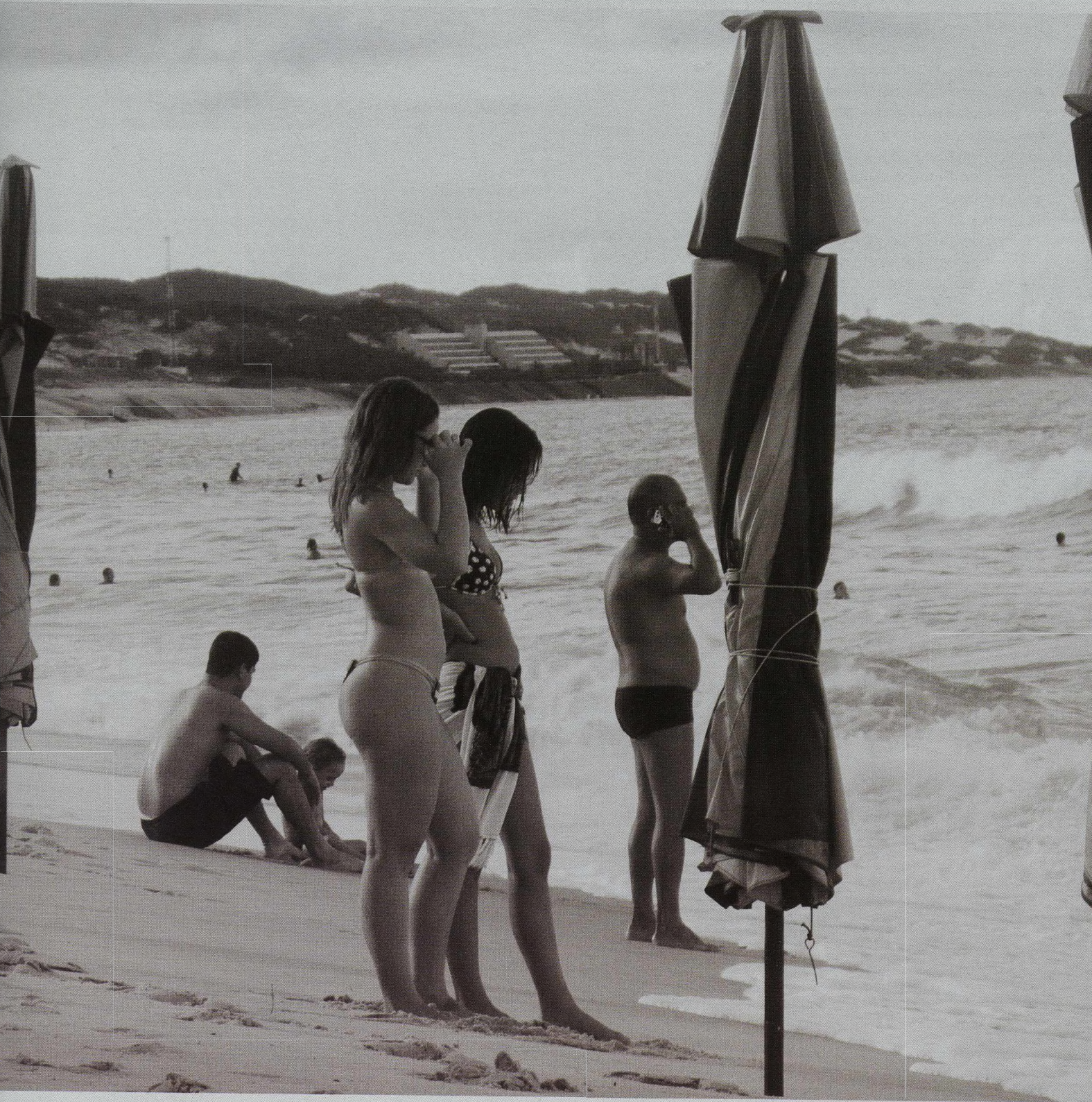
– Também não...

CONSIDERAÇÕES SOBRE O JACARÉ

Jacaré é o que alguns chamam erroneamente de “Surfe de Peito”. Uma denominação mais próxima da anatomia das coisas seria o “Surfe de Bucho” – o bucho que é a quilha do surfista de jacaré. Este é um esporte essencialmente limpo: são só você, as ondas, e eventualmente a areia. Na falta de uma prancha para erguer a moral na disputa com os surfistas, o atleta conta somente com os dentes para impor respeito. O jacareísta é o rei dos mares. Para se ter ideia, nunca soube de um que tenha sofrido ataque de tubarão: é que esses bichos não se metem com qualquer um. Se no Rio Amazonas o jacaré é um animal que espanta as piranhas, em Ponta Negra causa efeito reverso, e atrai. É o esporte do macho em estado puro. Enquanto o surfista usa parafina, o jacareísta usa a parabruta. Não nos alimentamos de açaí com granola, mas de caldinho – seja o da barraca, ou o que se toma no turbilhão de espuma, areia e sargaço. Falando nele, o sargaço, aqui fica uma dica importante: ao enfrentar o apuro de perder a sunga num caldo, o surfista de jacaré deve nadar para a área dos sargaços e improvisar ali uma vestimenta. Que é para não chocar as damas.

DOIS TIPOS DE BUMA

1. O bumerangue. O que eu queria mesmo era um cachorro, desses que você arremessa um pau e ele traz de volta; mas, comprei um bumerangue. O bumerangue é o cachorro na praia dos que não tem cachorro. Você arremessa um graveto que volta sozinho. Na verdade, o bumerangue é melhor que um cachorro. Não suja a areia, não late e está disponível em várias cores. O bumerangue pode ser ainda o frescobol do solitário, ou a Amélia dos Brinquedos, companheira inseparável que sempre volta para si. O meu bumerangue é de longe (e de perto) o melhor investimento que fiz. Quinze reais em qualquer loja de esportes, eterno garantido.



2. O cão. Buma é o nome que eu daria ao vira-lata que vi na praia, mas ele já tem um nome: Snoopy. O cão vive ao pé do morro e foi adotado pelos vendedores de coco. Perguntei do cachorro a um vendedor, e ele, com um orgulho danado, comentou como o cachorrinho era inteligente. Nisso, fez uma demonstração: pegou um coco e jogou longe na água, quase numa turista que nadava fundo, e Snoopy atçou-se e avançou para o coco. Foi aí que percebi a esperteza do bicho: naquele dia frio, em vez de mergulhar na água, Snoopy deixou ondas fazerem o trabalho. Quando o coco voltou pra perto da praia, ele pegou... quase não molhou-se.

RAZÕES DA CALVÍCIE

Antes de ser interditado, subir o Morro do Careca era uma diversão. A vista compensava o esforço e, para o desespero dos mais velhos que ficavam ofegantes só de imaginar, as crianças insistiam na escalada. Lá pelos seis anos de idade, domingo de manhã, pedi à minha mãe para me levar ao Morro. Minutos depois, eu estava posando para uma foto em cima do morro. Não o do Careca, mas um montinho de areia de construção na calçada de casa. O que eu não sabia à época é que o improvisado foi bem vindo: eram aquelas frequentes visitas que estavam acabando a vegetação daquela reserva.

MARESIÁ

Inevitável: quando você olha para o mar, vira as costas para a cidade. Na praia, a vida prática não faz sentido. Nem mesmo os aparelhos eletrônicos trabalham – ao invés disso, aposentam-se corroídos pelo sal. Talvez seja bem essa a função da maresia: fazer você deixar o seu laptop de lado.

ENTREPEIXES NATAÇÃO CLUBE

No tempo que vivi em Luanda, um dos únicos lazeres possíveis era nadar na



◆ m a r c o z e r o



AS MUITAS PORTAS DE TOUROS

Por *Silvio Santiago* | Fotos *Anchieta Xavier*

Como de costume, José Lorrani Martins despertou no alvorecer daquele dia com o canto dos pássaros. Eram galos-de-campina, sanhaços, azulões, sabiás, parte da fauna da região, integrada aos biomas da caatinga e da mata atlântica. Lorrani, como ele é chamado pela família e pelos amigos, abriu seus olhos verdes – da mesma cor do mar que banha a praia de Touros, no município homônimo, de 840 km² e a 96 quilômetros ao norte da capital do estado – e permaneceu na cama mais um pouco.

Pensou no que faria logo em seguida. Pensou no que faria dali a poucas horas. Pensou em um futuro. Depois, seguiu sua rotina de criança de 12 anos e foi brincar com os irmãos menores no alpendre e no terreiro da casa onde mora, uma fazenda de 900 hectares no Boqueirão, onde seu pai, Marcos Antônio, 38 anos, é caseiro.

Antes de seguir para a escola, Lorrani também alimentou e acarinhou seus animais de estimação – dois arredios e velozes preás – e ao meio-dia já estava na porteira à beira do asfalto da estrada, esperando o ônibus da prefeitura. Naquele dia, Maria de Fátima Assis – três dos seus 22 anos dedicados ao magistério –, professora da Escola Estadual Coronel Antônio do Lago, onde Lorrani cursa o 5º ano do ensino fundamental, ministrou o tema “Descobrimiento do Brasil”. A turma aprendeu que, numa tarde de quarta-feira, 22 de abril do Ano da Graça de

1500, o navegador português Pedro Álvares Cabral, então com 32 anos de idade, avistou terra firme – num lugar hoje chamado Porto Seguro, Bahia. Ou seja, eles aprenderam, exatamente, o que ensinam os livros didáticos há muitas gerações.

O que Lorrani e seus colegas não sabem, assim como a maioria dos 190 milhões de brasileiros, é que existe uma controversa teoria a contestar essa página da história oficial. Segundo o octogenário historiador Lenine Barros Pinto, que publicou dois livros sobre o tema – *Reinvenção do Descobrimiento* (1998) e *Ainda a Questão do Descobrimiento* (2000) –, o Brasil teria sido descoberto ali mesmo, em Touros.

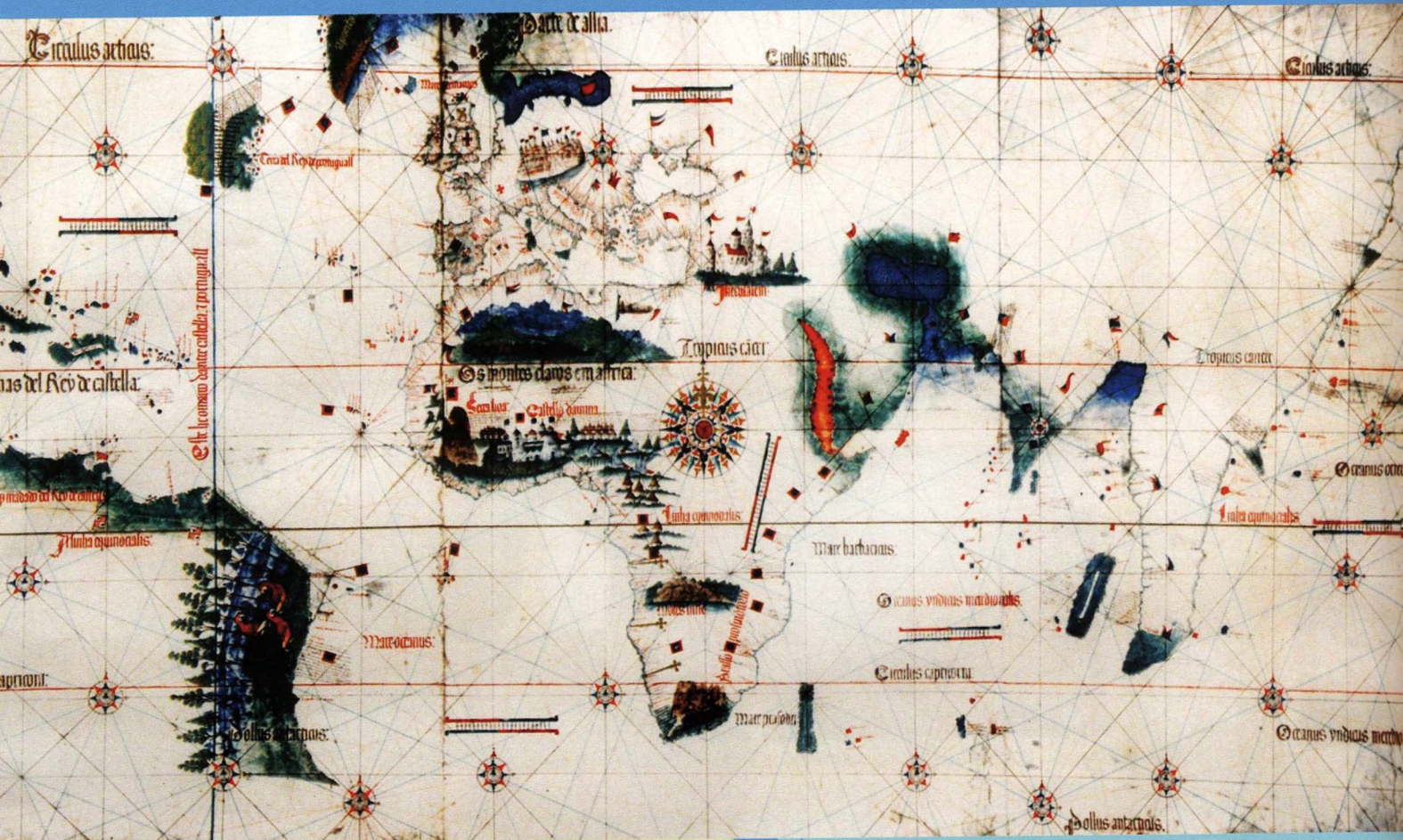
PORTA PORTUGUESA

Para sustentar sua afirmação, cita uma carta, datada de 1500. Na missiva – um entre os muitos documentos pesquisados em países como Brasil, Portugal, Estados Unidos, França e Argentina –, o rei de Portugal, Dom Manuel I, comunica aos reis da Espanha, Fernão de Aragão e Isabel de Castela, que mandara o explorador galego João da Nova à procura de Álvares Cabral. “Eles [os soberanos ibéricos] já sabiam da rota para se chegar ao nordeste brasileiro. João da Nova não foi para o sul da Bahia e, sim, para as imediações do Cabo de São Roque, em Maxaranguape, próximo a Touros”, explica Pinto, autor de outros quatro títulos e

cuja obra integra o acervo da Biblioteca Nacional brasileira e está catalogada no site estadunidense Open Library.

Muitos o contestam. Mas outros tantos defendem a congruência de sua teoria. Entre eles está Marcelo dos Santos Chaves, vice-chefe do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Para o professor de Geografia Física, é uma teoria válida. “Essa discussão deveria ser mais ampla, envolvendo órgãos públicos e instituições acadêmicas”, avalia. “Eu mesmo avistei o Pico do Cabugi a partir de Galinhos [praia a 174 km ao norte de Natal e a 76 km a oeste de Touros].” Chaves se refere à afirmação de Lenine Pinto, de que o Monte Pascoal, supostamente avistado por Álvares Cabral, seria, na verdade, o vulcão extinto de 590 metros de altura, localizado entre as cidades de Lajes e Angicos, na região central potiguar, e distante 70 quilômetros do litoral.

Outro entusiasta da controvérsia de que Touros foi o ancoradouro e a porta de entrada do Brasil para os colonizadores portugueses é o jornalista Alexandre Garcia, da Rede Globo. Em um artigo intitulado “No começo, era o erro”, ele afirma que “está na hora de termos a inteligência e a humildade de reconhecer que nos enganamos no lugar da chegada [do descobrimiento do Brasil]”. Para Garcia, a esquadra – composta por dez naus, três caravelas e 1.200 homens, e comandada



pelo fidalgo de maneiras elegantes Álvares Cabral – primeiro aportou em alguma das praias de areias alvas do município de Touros (hoje com uma população de 31.089, quase todos descendentes da miscigenação entre indígenas nativos, brancos europeus e negros africanos).

Além de fontes documentais, Lenine Pinto – que é sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico e da Academia Nortteriograndense de Letras – também usa cálculos náuticos para embasar sua teoria. Ele esclarece que Álvares Cabral utilizou-se da corrente marinha subequatorial para fazer a travessia entre o Golfo da Guiné, na África, e a costa potiguar, num percurso que durava entre 28 e 29 dias – o mesmo tempo que João da Nova levou quando veio à sua procura, já em 1501. “Como Cabral pode ter ido até o sul da Bahia nesse tempo?”, indaga, referindo-se à distância entre Touros e Porto Seguro, que é de quase dois mil quilômetros – ou mil milhas náuticas. “Ele precisaria, no mínimo, de mais uns cinco ou seis dias para fazer esse trajeto.”

PORTA FENÍCIA

Bifurcada na altura do Cabo de São Roque – dali originando a corrente das Guianas, que segue para o oeste, e a corrente do Brasil, que vai até o sul da Bahia –, foi essa mesma corrente subequatorial utilizada por Cabral que, segundo outra teoria, teria trazido os – acreditem – fenícios a Touros.

O arqueólogo Ludwig Schwennhagen esteve na região em 1927, realizando pesquisas e escavações e chegou à conclusão de que os fenícios teriam usado Touros como porta de entrada para desbravar o Brasil, fixando-se, depois e principalmente, no Piauí e no Maranhão. Os indícios comprobatórios da presença fenícia em Touros foram registrados pelo austríaco no livro *Antiga História do Brasil*, cuja primeira edição foi publicada pela Imprensa Oficial de Teresina, em 1928.

A civilização dos fenícios, baseada numa cultura comercial marítima, floresceu entre os anos de 2300 e 65 a.C., período em que cidades como Cartago, maior ri-

val de Roma na Antiguidade, e Tiro, foram fundadas. Uma das teses sobre a origem do nome *Touros* vem dessa última – cujo nome original era Tyrus ou Turo.

Outras denominações da cidade natal do menino Lorrani são creditadas aos habitantes nativos, os tupis, e aos navegantes europeus. Ambas têm como origem uma imensa barreira de pedra, localizada onde hoje é a praia do Tourinho, que se fazia imponente tanto para quem estava na praia como para quem a via desde o mar. Atualmente, graças à constância secular das ondas, a barreira está reduzida a pequenos blocos. Os indígenas a chamavam de *Suaçu-Guaçu* – ou *Uguaçu* –, que na língua morta nheengatu significa *veado grande*. Segundo o escritor e memorialista tourense Nilson Patriota [1930-2008], autor do livro *Touros, uma cidade do Brasil* (2000), “os índios se reportavam com um misto de respeito e medo” à barreira. “Tratava-se de uma itacoatiara, ou pedra grande configurada, algo para eles um tanto sagrado”, continua Patriota, que

foi também poeta e jornalista. “É por isso que, antes de se embrenharem na mata em busca de alimentos, eles praticavam seus rituais diante dela na suposição de que a mesma lhes facilitaria a tarefa, suprindo a aldeia com abundância.”

O termo Suaçu-Guaçu caiu em desuso no fim do século 17 com a consolidação do povoamento e da colonização. A partir daí, quando eclodiu a Guerra dos Bárbaros, o município passa a se chamar definitivamente Touros. Isso porque, assim como o que inspirou a toponímia em tupi-guarani, os navegadores europeus à época do descobrimento, das expedições, das explorações e, finalmente, da colonização da Capitania do Rio Grande, também enxergaram na barreira de pedra a configuração da cabeça de um animal, no caso um touro, batizando-a de *touro grande*.

PORTA DOS MILAGRES

Foi então, na terra firme onde hoje vive Lorrani, que em 7 de agosto de 1501 os portugueses fixaram o marco de posse da coroa portuguesa sobre as terras descobertas no ano anterior por Álvares Cabral (a data foi instituída como fundação do Rio Grande do Norte através da Lei 7831, de 31 de maio de 2000, de autoria do ex-deputado estadual Valério Mesquita e sancionada pelo então governador Garibaldi Alves Filho). O marco, que mede 1,62 metro de altura, 32,5 centímetros de largura e 25 centímetros de espessura em pedra lioz, traz no seu primeiro terço a Cruz da Ordem de Cristo (Cruz de Malta) e, abaixo, as armas do rei de Portugal. Ele foi trazido pela expedição manuelina liderada por André Gonçalves e Gaspar de Lemos, que contava ainda com a presença do cosmógrafo florentino Américo Vespúcio.

Depois de muitos anos dado como “perdido”, o marco foi redescoberto no final do século 19 pelo historiador pernambucano José de Vasconcelos, que registrou seu feito no livro *Datas célebres e fatos notáveis da História do Brasil*, publicado em 1890. Tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Cultural, em 1976 ele foi retirado do seu local de origem pelo representante do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no estado, Oswaldo de Souza, e trazido para

o Forte do Reis Magos, onde se encontra exposto à espera de voltar para a praia do Marco com a segurança indispensável para sua preservação. Explica-se: a transferência para Natal ocorreu diante da sistemática danificação promovida por parte da população, que lhe atribuía poderes milagrosos. O assunto foi tema da monografia *A construção imaginária do Marco de Touros a partir do misticismo religioso*, realizada por José Willians Simplício, graduando em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Simplício apresenta em seu trabalho o caráter divino que o padrão colonial teve sobre os habitantes locais. Segundo ele, até meados da década de 1970 o culto religioso em torno do marco era muito intenso. “Ele contemplava promessas, celebrações, rituais de casamentos, rezas, fitas coloridas, peças feitas em madeiras simbolizando partes enfermas do corpo humano, oferendas, ex-votos etc.”, especifica o estudante tourense de 27 anos. Muitos foram os moradores que tiravam lascas da pedra para fazerem o “chá santo” – ou *teriaga*, medicamento de composição complexa que, segundo a antiga crendice popular, serve de antídoto para diversos males.

Segundo Luís da Câmara Cascudo (1898-1986), os marcos portugueses – cujo primeiro foi chantado na foz do rio Zaire, na África, em 1483, pelo navegador Diogo Cão –, além de significarem a autonomia do rei de Portugal sobre as terras conquistadas, também tinham como finalidade a difusão da fé cristã. O que, de fato, consolidou-se e perpetuou-se não apenas em Touros, mas em todo o Brasil, maior nação católica do mundo.

PORTA DA FÉ

Apesar de alguns adeptos de umbanda e candomblé, e de uns poucos que professam a fé judaica (talvez remanescentes dos cristãos-novos, vindos da península ibérica já no século 16, que, mesmo às escondidas, continuaram praticando o judaísmo), hoje é mesmo o cristianismo que predomina em Touros. Além da grande maioria católica, as igrejas pentecostais a cada ano vêm arrebanhando mais fiéis. Há dez anos, existia apenas uma igreja da Assembleia de Deus – hoje são 12, apenas na cidade-sede.

Outra aglomeração evangélica é a Congregação Cristã no Brasil. Mais conhecida na cidade como a Igreja do Véu, pelo fato de as mulheres usarem a indumentária durante os serviços religiosos e orações, ela tem vários adeptos em todo o município. Entre eles está a família de José Ronaldo e Ivani Buaz da Silva e seus dois filhos, Wagner, 12 anos, e Rebeca, 7. Apesar da simpatia da caçula, é o primogênito quem demonstra maior conhecimento e prazer em satisfazer a curiosidade sobre sua igreja. Extremamente bem-educado e atencioso, Wagner começa falando sobre a origem da religião no país. “É uma comunidade cristã fundada nos Estados Unidos, no final do século 19, pelo ítalo-americano Louis Francescon. Ele trouxe a igreja, que tem templos em vários países, para o Brasil, em 1910, quando realizou os primeiros batismos na cidade paranaense de Santo Antônio da Platina.”

A rotina do menino consiste em, pela manhã, ir à Escola Estadual Maria Isabel da Penha, onde cursa o 7º ano do ensino fundamental, e, à tarde, atender à freguesia da sorveteria aberta pelo pai, mototaxista de 33 anos, e pela mãe, concluinte do ensino médio aos 32. “Ela parou de estudar quando ficou grávida de mim. Está retomando os estudos agora”, esclarece o clarinetista Wagner, que toca o instrumento durante os cultos de sua igreja. É bem próximo à casa-sorveteria da família Silva que está o maior e mais importante templo católico: a Igreja Matriz do Senhor Bom Jesus dos Navegantes, cuja história remonta ao final do século 18, quando um caixote aportou sob a ponte do rio Maceió, no centro da então vila, e foi achado pelos pescadores locais, que pensaram ter vindo do mar depois de desprendido de algum navio naufragado. Forrado com veludo carmesim e perfumado com incenso e mirra, o seu interior guardava uma imagem em tamanho natural de Jesus Cristo envolvida em linho branco. Logo os moradores já lhe atribuíam milagres, e a notícia não tardou a chegar à Cúria Episcopal, em Olinda, que determinou a sua transferência para Pernambuco. Um grande movimento se formou por parte da população, contrária à determinação do bispado, que findou cedendo ao clamor popular. Não sem uma condição: construir uma capela para servir de abrigo à imagem.



Marco Touros

Sensibilizados com o fervor religioso dos moradores do povoado, o casal Manuel Dias de Assumpção e Joana Tavares da Costa, proprietários de grandes extensões de terras na região, doaram, em 1798, o terreno onde a hoje imponente Igreja Matriz começou a ser erguida com a mão de obra voluntária de seus habitantes. Concluída em 1800, a igreja passou por várias reformas, o que alterou suas características arquitetônicas originais em estilo colonial português. O frei Serafim de Catânea e seu assistente, o lendário frei Herculano, foram responsáveis por uma dessas reformas, em 1879: elevaram a cimalha e o frontal, e adicionaram soleiras de cantaria, ombreiras, portadas de baixos-relevos, cornijas e capitéis de estilo clássico, objetivando dar-lhe mais imponência. Hoje, o altar – que acredita-se já tenha sido totalmente em estilo barroco – é adornado por diversas imagens sacras esculpidas por artesãos portugueses, pernambucanos e mineiros, além da original achada pelos pescadores.

Hoje, a qualquer hora do dia que se visite a Matriz do Senhor Bom Jesus dos Navegantes, lá estará o seu guardião, Luiz Lourenço de Oliveira, ou *Brisa*, como é conhecido pelos tourenses. Dos seus 69 anos, mais de 50 são dedicados à igreja. “Comecei aqui como coroinha, lá pelos meus 12 anos de idade, auxiliando as missas no tempo em que eram celebradas em latim”, rememora o dedicado Brisa. Diante da pergunta se fala latim, ele responde com uma gargalhada: “Que nada, era tudo ensaiado.”

Funcionário público municipal aposentado, casado há mais de quatro décadas e pai de quatro filhos, que lhe deram quatro netos e dois bisnetos, é ele quem conduz os visitantes pelo tesouro arquitetônico, artístico, cultural e religioso de Touros. Entre as curiosidades estão os túmulos de personalidades que tiveram destaque na comunidade à época em que eram enterradas no “sagrado”, dentro das igrejas – como os de Anna Thereza de Jesus, célebre por sua paradoxal benevolência com seus escravos, falecida em 1836; o do seu marido, o senhor de engenho Antônio Francisco Vieira, em 1837; e o do padre Amaro José de Carvalho, sexto vigário da então freguesia do Senhor Bom Jesus dos Navegantes do Porto dos Touros, em 1877, “o ano crucial da grande

seca”, informa Brisa, que, quando jovem, acompanhou frei Damião em suas andanças pela região “lá pelos idos da década de 1940”.

PORTA DO COMÉRCIO

É Brisa quem também toca os sinos da Igreja Matriz, anunciando eventos como missas, falecimentos e comemorações religiosas – como a do padroeiro, que acontece de 22 de dezembro a 2 de janeiro e costuma reunir mais de 40 mil devotos. Entre eles está Vitória Monteiro de Oliveira, que quase na totalidade dos seus 62 anos participa dessa festividade. Ela preside a Associação dos Idosos de Touros, que existe há 27 anos e conta hoje com 142 cidadãos tourenses acima de 50 anos. Desses, 15 são as labirinteadas do município, que produzem estolas, toalhas de mesa, colchas, panos de prato e para bandejas, almofadas e outros artesanatos, vendidos na loja da própria associação, no centro da cidade, e em feiras promovidas pelo Senai e Sebrae em todo o Estado.

A associação também promove palestras e reuniões festivas – como as apresentações folclóricas executadas pelos próprios associados: a *lapinha* (dança religiosa existente no Brasil desde o início da colonização) e a *bandeirinha* (dança característica do ciclo junino). Além dessas, outras manifestações culturais locais também fazem parte do *Mapeamento da Cultura de Touros-RN*, o mais completo levantamento histórico, artístico e cultural da cidade, realizado em 2006 e coordenado por Elias Luiz de França, Maria Edmária Alves Martins e Ruth Jerônimo Albuquerque em parceria com alunos e professores das redes municipal e estadual de ensino.

Um dos personagens mais emblemáticos do mapeamento é, sem dúvida, Antônio Soares da Silva – o *Maré Mansa*, como era conhecido. Nascido em Cupira, Pernambuco, em 1939, vendedor ambulante desde muito jovem, Maré Mansa percorria as ruas de Touros ofertando seus produtos – basicamente tecidos, confecções e calçados. Com um tino comercial apurado, já na década de 1960 reuniu alguns amigos ambulantes, que passaram a vender suas mercadorias industrializadas na cidade. Em 1984, antes de falecer,

doze anos depois, Antônio Maré Mansa recebeu o título de cidadão tourense pela sua contribuição para o desenvolvimento econômico da cidade.

Hoje, seu nome é lembrado como o precursor da feira livre de Touros, fundada em 1977 e que continua a ocupar as ruas ao redor do Mercado Municipal da cidade, atraindo comerciantes e compradores de toda parte. Todas as terças-feiras os pecuaristas Cícero Firmino, de 71 anos, e seu neto Marcos Antônio, de 31, estão por lá. Diante das perguntas sobre sua mercadoria, o patriarca de uma prole de oito filhos logo pergunta: “Vai querer comprar?” – mas, muito solícito e bem-humorado, não se recusa em explicar a diferença entre as duas espécies de caprinos à venda: “A ovelha é a irmã do carneiro. É mansinha e gosta de comer capim. Já o encrinqueiro bode é irmão da cabra e gosta mesmo é de rama.”

E quanto custa? “A pessoa que vem comprar se engracha do bicho, aí a gente bota o preço. Que varia entre R\$ 100 e R\$ 120.” E vende bem? “Às vezes tem semana boa; às vezes tem semana ruim. Depende, sabe?” E o que os fregueses fazem do animal? “Ora, ou cria, ou mata o bicho para comer. E é muita comida boa, viu! Pode fazer a carne assada ou cozida. Pode fazer também a buchada, o sarapatel.”

Também solícita, a sexagenária Francisca Martins da Silva atrai sua clientela com cordialidade, bom humor e, até, intimidade. Boa vendedora que é, ela costuma discursar sobre a qualidade e as propriedades do seu produto – frutas como mangaba, acerola e cajá, típicas da região – antes de propor a venda e, quase sempre, conquistar o freguês. Mesmo obtendo êxito, ela se queixa da queda nas vendas, que a cada ano vêm diminuindo. Diz que não está valendo a pena tanto trabalho para tão pouco lucro e que às vezes é obrigada a pagar as ajudantes – uma filha de 36 anos e uma neta de 14 – com frutas. “Eu ainda estou aqui para não perder o ponto”, confidencia, agora com um pouco de desânimo. Mas logo uma risada retorna à sua bem-humorada conversação: “Tem horas que a gente fica aqui só sendo bonita, distribuindo simpatia. Três mulheres numa banca chamam a atenção, não é mesmo?”

PORTA DOS SABORES

As mulheres de Touros, diga-se, chamam atenção não apenas atrás de uma banca de frutas, mas também comandando um dos mais sofisticados restaurantes do litoral norte do estado. É o caso de Gislane Gomes da Silva, 37 anos. Chef do Resort do Siri, *Boneca* – como é conhecida graças ao apelido dado pelo pai quando criança – já cozinhou para várias celebridades, entre elas Ana Maria Braga. “Quando ela esteve aqui e me conheceu, disse que já tinha ouvido falar muito sobre mim e sobre a minha comida através de turistas portugueses. Ela é muito simples e simpática. Tornamo-nos amigas. Olhe ela ali”, diz, apontando uma fotografia emoldurada na parede da sala de estar de sua casa, na qual aparece abraçada à apresentadora do programa *Mais Você*. Para a celebridade global, *Boneca* preparou dois pratos que “fizeram a mamãe do Louro José chamar os cachorros e passar por debaixo da mesa várias vezes”, diverte-se. O primeiro – “simples”, segundo ela – foi uma lagosta cozida na água do mar. A descrição do segundo – mais elaborado – vem acompanhada da receita: “Limpa-se uma cioba de 3 kg, apenas tirando as vísceras e as escamas. À parte, prepara-se uma base com 8 kg de sal e as claras de 16 ovos. Numa bandeja, faz-se uma cama com a base para deitar o peixe. Em seguida, cobre-se o pescado com uma camada bem grossa da base. Depois de uma hora, em média, quando a base estiver bem dourada, retira-se do forno e quebra-se, pois estará bem dura. Pronto. Aí, é só servir.”

Quanto aos homens, esses não ficam atrás no quesito gastronômico. O torresmo do ex-pescador e ex-marceneiro Ednaldo Maria dos Santos, 33 anos, é uma das iguarias servidas no popular Bar da Avenida, que oferece ainda caldos de cação, camarão e polvo, dobradinha e macaxeira frita. Frequentado por boêmios e jovens da cidade, o Bar do Naldinho, como é mais conhecido, dispõe de vários tipos de cachaça, cerveja, rum, vodca e uísque, sempre com preços moderados.

Variada no cardápio e preços moderados se repetem na Barraca do Marquinhos, em Carnaubinha, a três quilômetros do centro de Touros. O diferencial é a paisagem deslumbrante, paradisíaca. Cons-

truída à beira-mar e coberta com palhas de coqueiro pelo próprio dono, Marcos Tibúcio do Nascimento, de 46 anos, a barraca destaca-se pela sua rusticidade e pela beleza do cenário. Enquanto a esposa Niceia, 43, e os cinco filhos, entre 15 e 24 anos, dedicam-se ao atendimento e preparo dos pratos (à base de peixes, frutos do mar e carne de sol, e acompanhados por salada, arroz, pirão e tapioca), o atencioso Marquinhos ocupa-se em manter a higiene do ambiente.

PORTA DAS ARTES

Próximo à Barraca do Marquinhos – onde numa palhoça vizinha pescadores consertam suas redes num tecer paciente e silencioso – encontra-se o ateliê do artesão Otaciano Quirino de Assis, 26 anos e desde os 15 trabalhando com materiais naturais da região, como palitos de palha de coqueiro, cipós e cabaças, na produção de abajures e outros objetos de decoração. Ele também pinta – retratando figuras indígenas, flores e frutas da região – e nunca esquece o dia em que um português muito gentil o visitou, em 2006, acompanhado de várias pessoas. O homem que demonstrou tanto interesse pelos seus trabalhos, e chegou a comprar uma luminária, era o primeiro-ministro de Portugal, José Sócrates de Sousa, que deixou o cargo recentemente, e passou uma breve temporada em Touros a convite de empresários conterrâneos – são dos lusitanos os resorts do Siri, Tucanos e Perobas Beach, uma presença e influência que se reflete não apenas na economia e no turismo local, mas até mesmo nas letras.

A análise do ciclo de sonetos do escritor e poeta português Antero de Quental (1842-1891) foi o tema da dissertação de mestrado de Edvar Câmara França, concluído na UnP, onde é monitor de latim. Antes, ele cursou filosofia no Seminário de São Pedro, e hoje, aos 32 anos, divide-se entre o expediente diurno na Secretaria Municipal de Educação de Touros, a faculdade à noite, e a edição do jornal *Touros Melhor*. Abordando política, economia e cultura, a publicação conta com vários colaboradores, entre eles Lenira Barros Dantas.

Nascida há 56 anos na vizinha João Câmara, Lenira mudou-se definitivamente

para Touros em 1985. A cidade a adotou e hoje ela é um dos baluartes de sua história e de sua cultura. Há duas décadas vem realizando pesquisas para a cartilha *Conhecendo Touros*, que relaciona cronologicamente a evolução etnológica do município desde o limiar do século 16 até os dias atuais. Objetivando inseri-la como fonte de estudo nas escolas do município, Lenira Dantas espera a aprovação do projeto pelo Programa BNB de Cultura para publicá-lo. Confiante, enquanto aguarda ela dirige o Museu de Touros, que funciona no Centro de Turismo da cidade. Apesar da queixa do pouco espaço do ambiente, que já não comporta todo o acervo, ela pretende fazer uma grande expedição para garimpar peças espalhadas pelos distritos e povoados do município. “O problema é que as pessoas não querem doar, e, sim, vender”, lamenta. “Elas deveriam entender que nós [da Prefeitura] não disponibilizamos de recursos para isso. Resta-lhes a consciência de que aqui seus objetos e suas memórias estarão preservados e seguros.”

Dentre as muitas relíquias que fazem parte do acervo do museu, está um exemplar da primeira edição do já citado *Antiga História do Brasil*, de Ludwig Schwenhagen; uma série de réplicas de mapas dos séculos 15, 16 e 17, doada por Lenine Pinto; e uma miniatura do avião Savoya, com o qual os pilotos italianos Carlos del Prete e Arturo Ferrarin cruzaram o Oceano Atlântico num voo sem escalas que durou mais de cinquenta horas. O feito pioneiro, que repercutiu mundialmente à época, teve início em Roma, no dia 3 de julho de 1928, e término em Touros, dois dias depois.

Outras peças, igualmente testemunhas da história tourense, são os três canhões expostos no pátio da Igreja Matriz, inicialmente instalados no alto da barreira de pedra do Touro Grande – a itacoatiara Suaçu-Guaçu indígena – a mando de Dom João VI, após sua chegada ao Brasil, em 1808, para proteger o litoral da colônia de seus inimigos, especialmente do francês Napoleão Bonaparte. Lá, permaneceram virgens de qualquer disparo até 1956, quando foram transferidos para o atual local, providência que evitou a sua completa corrosão pela ferrugem.

Já o prédio da Escola Estadual Coronel Antônio do Lago, construído em 1927, não resistiu à degradação do tempo. Em 2004, foi interditado, por apresentar condições inapropriadas para o funcionamento escolar. Segundo Edja Bezerra Trigueiro, doutora pela Universidade de Londres e professora do Departamento de Arquitetura da UFRN, a edificação possui elementos do art nouveau e art déco, característicos dos anos 1920. O prédio passa por uma restauração completa, com término previsto para 2012.

A instituição homenageia o militar Antônio Manoel Jerônimo do Lago, tourense que chegou a general e que participou da Guerra do Paraguai ao lado de outro conterrâneo: o também oficial do Exército Trajano Martins de Castro. Ao regressar da guerra, no final do século 19, Trajano de Castro mudou o sobrenome para Patriota. Um de seus muitos descendentes é o tetraneto Antônio Nilson Patriota, que dá nome à Biblioteca Pública Municipal de Touros, cujo acervo em grande parte foi doado pela família. Nilson Patriota – nunca é demais lembrar – é autor de um importante ensaio biográfico sobre o poeta Ferreira Itajubá (1877?-1912) – *Itajubá esquecido* (1981). Nele, defende o município de Touros como o verdadeiro lugar onde nasceu Itajubá – “Em seus versos dá-nos a impressão de ter mesmo nascido num desses pequenos povoados litorâneos”, observou. E sugere uma explicação: “É bem possível que por complexo de inferioridade, [...] não tenha jamais mencionado o lugar exato de suas origens. Talvez não haja superado essa fraqueza de se considerar inferior por ter nascido pobre, onde o posto mais alto era o de bodegueiro ou pescador.”

PORTA DAS LETRAS

Livros também são uma das suas principais atrações da pousada, restaurante e cachaçaria Urca do Tubarão, de Edson Nobre de Oliveira. Aos 45 anos, Oliveira já foi policial militar e professor de Química em várias escolas privadas de Natal até decidir se mudar para a praia de São José – a 17 quilômetros do centro de Touros – em 2001, e iniciar a construção do seu “espaço gastronômico, ético e cultural” – segundo sua própria e acertada definição. Nenhum desses três itens está

ali à toa. A esposa Lila é responsável pelo cardápio – e entre os pratos criados por ela, destacam-se o camarão com mel de cipó, a moqueca de arraia e o camarão com molho de tomate e cachaça.

Aficionado pelo poeta paraibano Augusto dos Anjos – do qual tem quase a obra completa decorada e cujos versos costuma recitar para os clientes e amigos – o ex-policiaI conserva coleções de rádios e radiolas valvulados, máquinas registradoras, fotográficas e datilográficas, cédulas e outras antiguidades, a maioria doada, e também mantém uma diversificada biblioteca e uma não menos valiosa discoteca, que conta com mais de quatro mil títulos, exclusivamente no formato LP.

Já na sua adega, que conta com 16 barris de madeira, ele armazena a matéria-prima para produzir a “Cachaça da Urca”, cujo engarrafamento é uma atração à parte graças à sua performance marcada por rituais e trejeitos. Por essa atividade extra, Oliveira recebeu o título de “Ministro da Cachaça de Touros”, concedido pela Ordem Praieira do Rio Grande do Norte, entidade fundada pelo jornalista Roberto Patriota em 1996 para valorizar personalidades que preservam e divulgam a cultura tourense.

Anualmente, o ex-professor promove dois eventos que já entraram para o calendário lítero-musical potiguar. O primeiro acontece a cada 14 de março, tradicional Dia da Poesia, com um sarau onde autores potiguares e de outros estados recitam e autografam suas obras. O segundo, sempre no dia 25 de setembro, Dia do Rádio e da Radiodifusão, quando promove o “Radioterapia”, uma série de apresentações musicais que já contou com nomes como Pedrinho Mendes, Geraldo Carvalho, Carlos Zens, entre outros.

PORTA DO FUTURO

Muitos desses nomes também fazem parte do repertório do tourense Paulo Hélio da Cruz, que nos seus 56 anos já foi pescador e marceneiro. O conterrâneo do maestro Eduardo Medeiros (parceiro do poeta Otoniel Menezes na “Serenata do pescador”), quando perguntado sobre quais gêneros seu público ouve, inicia: “Ah, eu toco choro, samba...”

E o que mais? “Quando me apresento, não podem faltar ‘Doce de coco’, ‘Carinhoso’ e ‘Aquarela do Brasil’”, relaciona, ressaltando um repertório vasto e eclético. “O baião ‘13 de Dezembro’, de Luiz Gonzaga, também não pode faltar. É muito bonita essa música.” Homem esbelto, que faz caminhadas diárias pelas ruas de Touros nos finais de tarde, ele herdou seu gosto musical e aprendeu a tocar vários instrumentos de corda – como bandolim, cavaquinho, violão e guitarra – com seu pai, o autodidata João Clemente, de 85 anos. O talento para a música dos Cruz já chegou à terceira geração.

Dois dos oito filhos de Paulo Hélio – João Paulo, 28, e Bruno Jeferson, 16 – tocam profissionalmente em bandas que se apresentam com frequência em Touros e cidades vizinhas. Outro, dedica-se às tintas e aos pincéis: com nome de pintor renascentista, Rafael, 20, iniciou-se nas artes visuais aos sete anos, desenhando com lápis grafite o que via pela frente. Começou a pintar de fato aos 13, tendo como temas imagens religiosas, naturezas mortas e retratos. Em seus murais e em suas telas um elemento se destaca: o Farol de Touros. Também conhecido como Farol do Calcanhar – pelo fato de ter sido construído na ponta homônima – o cartão-postal de Touros é muito mais que um instrumento de orientação para a navegação, sendo fonte frequente de inspiração para artistas, pintores, músicos, poetas.

Localizado no ponto da América Latina mais próximo da África e da Europa e

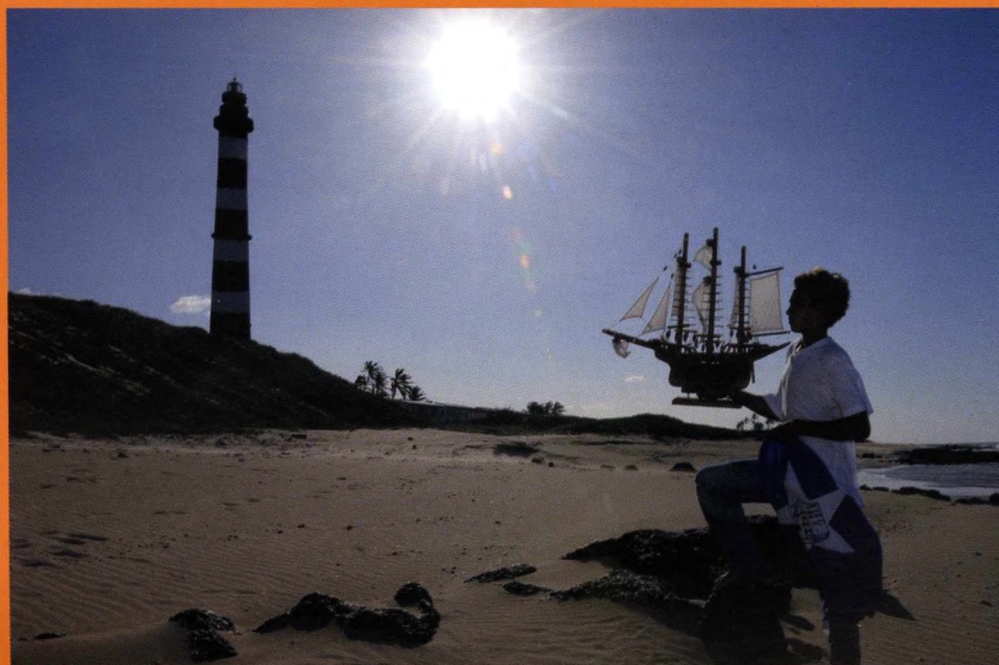
inaugurado em 1908, caracteriza-se pelas listras horizontais em preto e branco, pela estrutura em cimento armado na forma de uma torre cilíndrica com quatro laterais gigantes de reforço, e pelos seus 298 degraus.

Ao final de um dia, os faroleiros que se revezam na função terão vencido quase 1.200 degraus, entre as subidas e descidas, pela manhã cedinho e ao final da tarde, para apagar e acender novamente sua luz. Medindo 62 metros de altura, seu lampejo atinge 22 milhas náuticas, orientando quem passa pela costa brasileira ou quem ali aportará.

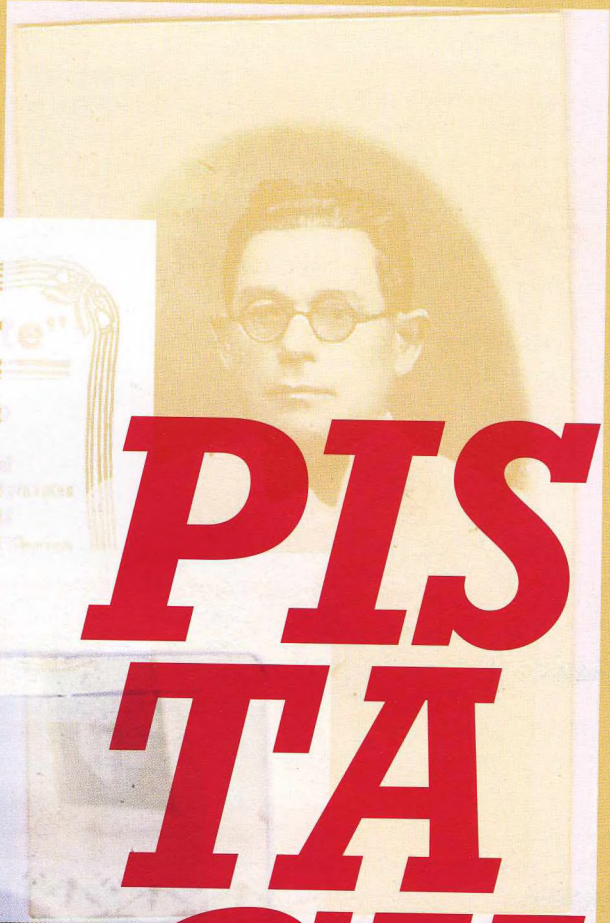
E é dali, da cidade de Lorrani e de todos esses personagens, que o errante navegante pode trocar o mar pela terra e percorrer o Brasil de norte a sul através da BR-101 – também conhecida como Translitorânea. É ali que se encontra seu marco zero, lembrado por um monumento criado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, e ponto de partida para se cruzar o país, 4.542 quilômetros que passam por 12 estados – e oito capitais, entre elas Natal –, findando bem próxima ao extremo meridional brasileiro, em São José do Norte, no Rio Grande do Sul.

Se Touros foi, no passado através de seu litoral e hoje pela BR-101, a porta para se adentrar o Brasil, Lorrani e seus conterrâneos e contemporâneos têm na mãos algumas das chaves para o futuro do país.

Silvio Santiago é jornalista.



"A Sandalia Forte"
DE
João Medeiros Santiago
DE
Fabrico de sapatos e artefactos de couro em geral
Cintos, bolsos, sandalias, graxas para sapateiros e etc.
AVIAMENTOS EM GERAL PARA SAPATEIRO
A Casa que vende mais barato na cidade
Rua Frei Miguelinho, 91 - NA
RIO G. DO NORTE



PIS TA CHE



♦ h o r i z o n t e



MUITO ALÉM
DO MAR

Por Geraldo Edson de Andrade | Foto Dimetrius ferreira

Sempre lá. Sozinho. A olhar a paisagem com olhos de primeira vez. Ao longe, o horizonte do qual chegava um vento que uiva como se estivesse vindo pelas ondas que, lá em baixo, na praia, chegavam em grossas espumas brancas para remexer as areias e voltar sem antes bater nas erosões de pedras negras.

Um panorama lindo que, por mais que o descortinasse, parecia-lhe inédito. O vendedor de poli já o conhecia de tanto vê-lo ali, sentado, contemplando o infinito. O que pensaria ele? Não parecia interessado em nada a não ser vender sua mercadoria.

O velho, não; vinha porque queria, porque a paisagem o atraía, porque ali, nas horas em que passava sentado nos degraus da balaustrada, o pensamento viajava e o levava a lugares nunca dantes navegados.

– Linda...

– O quê?

– A paisagem... Esta paisagem! Não me canso nunca. Não acha?

A pergunta do velho assustou o vendedor de poli. Ele nunca o abordou a não ser para cumprimentá-lo quando chegava e partia.

– Falou comigo?

– Contigo mesmo, amigo.

– Me desculpe a curiosidade: vejo sempre o senhor sentadinho nos degraus, uma mão segurando os queixos, a contemplar o mar lá adiante, como se estivesse esperando alguém.

O velho não respondeu. Deixou o vendedor olhando-o, perplexo com o silêncio, só quebrado pela intensidade do vento nordeste que vinha do mar e que para o mar certamente retornaria.

Esperava, sim, não podia negar, estava na expressão do rosto, que não queria perder nada, e que ia muito mais do que o olhar transmitia.

Tinha razão de sobra para estar ali, sozinho, sem ninguém que pudesse compartilhar seu pensamento. Os olhos que ousavam penetrar naquele infinito de águas verdes iam diretamente à outra parte do mundo onde, certamente, outras pessoas estariam banhando-se nas praias esverdeadas que se misturavam com a alva espuma a procurar ansiosa as areias, trazendo também a musicalidade do encontro mar-areia, a mesma que, embora tão distante dele, chegava-lhe abruptamente àqueles degraus tão acima de tudo.

– Sabe que além daquele horizonte existem praias? – o velho disse ao vendedor.

– Verdade?

– Estou te dizendo. Além daquela linha, indo-se sempre em frente, a gente chega à África, me disseram.

– Estranho... África? – o vendedor franziu a testa e olhou com interesse renovado aquele mesmíssimo horizonte de todos os dias.

– Isso mesmo, África.

Estranho era aquela verdade que ele jamais admitira. Quando foi mesmo que ele se foi? Lembrava-se vagamente do dia, mas do ano... Era verão, sabia, pois estava passando uns dias em Areia Preta, naquela casinha que Mariinha alugava do vizinho, seu Otilio. De repente ele chegou dizendo que comprara passagem num vapor e que se ia. Para onde? Para o Rio, respondeu com tanto resolução que apenas olhou para a mulher à procura de confirmação. Ela confirmou com ligeiro gesto de cabeça, lágrimas descendo discretas pelo rosto abaixo. Logo agora, filho, com tantos submarinos alemães por aí... A resposta dele foi um muxoxo rotineiro.

Então ele iria para o Rio de Janeiro, me dizia, para melhorar de vida porque ali não teria mais aonde chegar. Chegar aonde? – perguntei, se não lhe falta nada em casa. Não, eu não entendia, retrucou, porque ficara sempre ali no mesmo lugar, sem ambição, funcionário público que um dia seria aposentado com uns poucos cruzeiros minguados

que não dariam nem para comprar uma casinha. Ele nem ligou quando disse que tinha tudo que queria: sua mãe, os amigos de sempre, um filho que, agora, sem qualquer preparação, vinha dizer que estava se indo. Indo para onde, meu Deus? Sem ninguém que pudesse acolhê-lo num Rio de Janeiro distante, mais uma paisagem na parede do que realidade, deixando para trás duas vidas que dele precisavam.

– Tem que ser agora? – perguntei, já sabendo de antemão que a resposta seria mais uma vez positiva. A mãe ainda o segurou pelo braço, como se quisesse retê-lo, mas ele logo se desvencilhou com um “besteira” quase brusco, e foi para o quarto, deixando-nos olhando um para o outro, tentando adivinhar os motivos daquela resolução súbita.

Segui-o até o quarto e o vi jogando roupas na mala. A testa franzida demonstrava preocupação. Parei na porta. Seria hoje, a partida, pensei, sem querer acreditar, o que me fez abraçar minha esposa com força, um gesto de ternura que há muito tempo não praticava.

– Vai querer poli? – o vendedor perguntou.

– Hoje, não.

– O senhor gosta...

– Pois é...

Pois é, ela me disse, o menino confessou ter comprado a passagem há um mês com um dinheirinho juntado quando trabalhou uns meses no armazém de seu João Manuel. Me fez prometer não contar nada a ninguém, nem a você, que ele mesmo diria quando chegasse a hora.

A hora é amanhã, à tarde, num vapor da Costeira. Vai com mais dois amigos da rua, você precisa entender suas razões, é um menino danado para surpreender. Lembra-se quando pegou aquele trem e foi bater na casa de minha irmã em Goianinha, lembra-se? A gente ficou como doidos sem saber o que fazer pensava em tanta coisa ruim que poderia ter acontecido com ele e o danado estava lá, tranquilo, minha irmã aperreada como quê, só porque queria tomar banho de açude e a gente proibiu. Mas ele tinha somente onze anos,

sei muito bem, um menino “buchudo” ainda, como tantos outros da rua que se aventuravam sozinho por esse mundo de Deus. Então, amanhã, à tarde, ele pegaria o navio. Vai nos deixar como se a gente nem existisse. Vai nos deixar cheios de preocupações só por que... Sei muito bem como esse desejo de mudança vai-se à medida que o tempo avança e como, um dia, o que se deixa no passado volta correndo.

– Hoje não entrou nenhum vapor, não foi?

– Hoje? Sei não! Prestei atenção, não...

– Gosto de ver vapor chegar. Todos passam por aqui, vindos ninguém sabe de onde...

O sorveteiro não respondeu. Duas meninas do Ateneu Feminino, certamente, aproximaram-se e pediram polís. Mas ele não tinha mais de graviola e elas ficaram indecisas. Sentaram-se nos degraus da balaustrada para trocar confiança. Nem sequer olharam a paisagem.

– Vapor aporta à noite?

– Sei não... Quase não ando pelas bandas da Ribeira. Gosto de ver o mar daqui. Começa a ficar escurinho, pego minhas coisas e tomo caminho de casa.

– Longe?

– Nas Quintas.

– Muita areia até lá - o velho disse.

– Acho não. Empurro a carrocinha por aquela ladeira, pego a Rodrigues Alves e vou em frente.

Um silêncio deixou cada um com seus próprios pensamentos.

O velho então remexeu os bolsos do paletó, retirou um jornal amarelado pelo tempo e ficou indeciso se devia ou não entregar ao vendedor. O horizonte o atraía, mas o jornal nas mãos não o deixava que ele o amarrotasse

– Leu este jornal? – ele perguntou.

Sem jeito, porque mal sabia ler, vendedor pegou o jornal, procurou os óculos nos bolsos antes de começar a leitura.

– É do tempo do bumba, amigo – ele disse, estranhando – Peraí, “A República” de 1942... Mais de dez anos...

Um sorriso envergonhado esboçou-se nos lábios do vendedor.

– Leu as letras grandes? – o velho insistiu – Por obséquio, leia alto.

O vendedor ajustou novamente os óculos e leu balbuciando.

– “Navio brasileiro torpedeado por submarino alemão na costa de Sergipe...”

E voltando-se para o velho:

– O senhor quer dizer...

– Ele estava naquele vapor.

– Ele quem?

– Meu filho... Ele estava naquele navio. Como era mesmo o nome do vapor... Ele estava nele, meu menino...

– Ah! – o sorveteiro exclamou de surpresa.

Nem sabia que submarinos estiveram nas costas de Natal, pensou. E, parado, a sobranalha franzida em sinal de preocupação, os olhos tentando, como os do velho, ir muito além do mar, tão longe quanto aquela espera por alguém que, num dia de verão de 1942, impetuosamente embarcou num navio.

E nunca mais voltou.

Geraldo Edson de Andrade é crítico de arte e escritor.

♦ e n s a i o

PREA

Por Dorian Gray Caldas

MARINAS

The image is a cover for an article. It features a painting of a beach scene. In the foreground, a person is lying on the sand, their body rendered in dark, expressive brushstrokes. The middle ground shows the ocean with waves breaking onto the shore. The sky is a pale, hazy blue. A dark blue horizontal band runs across the middle of the image, containing the title 'MARINAS' in large, white, serif capital letters. The overall style is that of a modernist or expressionist painting.





dancy/99





♦ v e r a n e i o

Do sertão ao mar: a descoberta da praia como lazer e moradia

Por Joane Luiza Batista | Fotos Dimetrius Ferreira



Como surgiu o desejo de morar na praia, um lugar antes relegado aos trabalhadores braçais do porto, com suas vestes mínimas, território proibido para mulheres e homens da classe abastada? Afinal, até o início do século 18, as cidades litorâneas européias não apenas davam suas costas para as praias, mas também nelas jogavam seus dejetos.

Os autores que se debruçam sobre o tema da ocupação do litoral explicam que esta mudança de visão, de espaço *desprezado* a espaço *desejado*, coincide com mudanças sociais, “resultado da emergência de valores, hábitos e costumes que transformam o mar, o território do vazio e do medo, em espaço atraente para a sociedade contemporânea”, nas palavras do geógrafo Paul Claval, que também explica o conceito de *maritimidade*:

Maneira cômoda de designar o conjunto de relações de uma população com o mar – aquelas inseridas no plano das preferências, das imagens e das representações coletivas em particular.

É através do conceito de maritimidade que podemos entender como se deu e vem se dando a ocupação do território litorâneo, bem como sua urbanização, através do que aqui será chamado de prática marítima moderna e sua principal representação – a *vilegiatura marítima*.

Se a prática marítima tradicional é a relação do homem com o mar através da pesca e atividades relacionadas ao porto, práticas essas datadas desde o período das grandes navegações, a prática marítima moderna, principalmente no Brasil, tem início no final do século 19 e início do século 20, e compreende as novas formas de relação que as elites estabelecem com o mar. No início, esta nova relação se dava enquanto prática terapêutica – Alain Courbain exemplifica como começou, três séculos atrás, essa “história do desejo da beira-mar, dos prazeres do passeio na areia, da contemplação emocionada da infinitude marinha e da invenção do veraneio, com a organização da natureza litorânea em balneários, marinas e belvederes”:

O banho de mar deve ser tomado durante o outono, um pouco antes do pôr-do-sol e à sombra, nunca no cáldo e fétido Mediterrâneo, mas nas águas geladas do mar do Norte e do canal da Mancha. O prazer nasce da água que flagela e, mais sub-reptício, da contemplação proibida dos cabelos soltos, pés nus e quadris marcados por calças justas das moças que se escondem em carruagens de banho.

Das recomendações ligadas diretamente à saúde passa-se posteriormente ao conceito ou ideal de *vilegiatura marítima* (com a espacialização da segunda residência), onde o ócio, o lazer e a recreação são os motivos primordiais para o novo desejo.

RAÍZES

Sempre é bom lembrar que, antes de almejar a beira-mar, o homem urbano tinha o sertão como objeto de desejo. O sertão representava a origem da produção que animava a economia da cidade e do porto: a ligação do urbano com o litoral restringia-se à relação portuária para escoamento das mercadorias do interior. Além disso, a necessidade de ir ao sertão para resgatar as próprias origens justificava a constituição da segunda residência, refazendo e invertendo o caminho dos ancestrais. (A segunda residência, de acordo com Seabra, é a “habitação cujo uso é eventual”, não constitui “suporte da vida cotidiana”, sendo utilizada, máximo, metade dos dias do ano, “considerando todos os fins de semana e o período de férias escolares”).

A necessidade de obter uma segunda residência, então, seja para fins terapêuticos, seja para o gozo das férias com a família, era latente no desfrutar do convívio com as raízes, com a terra, o rural, o sertão e toda a sua carga identitária de lembranças vividas ou sonhadas. E a sociedade detentora da segunda residência, caracterizada por uma classe abastada, com recursos excedentes, fundamentais não apenas para a construção e manutenção da segunda residência como também para o deslocamento até ela.

O processo de modificação desta lógica de valorização social dos espaços, com a transferência do sertão para o mar – onde o homem urbano que antes dava as costas para o mar agora passa a desejar vê-lo de frente –, se dá por imitação dos hábitos e costumes de uma aristocracia européia: cabia aos aristocratas imprimir modismos, que eram absorvidos pela burguesia no desejo de se igualar em importância, copiando seus hábitos e costumes.

Enquanto o historiador francês Marc Boyer aponta o século 18 como o início dessa mudança – com os britânicos sendo os pioneiros na prática do banho de mar e passeios na orla, com fins terapêuticos de início, e posteriormente para lazer e ócio –, estudiosos da ocupação do litoral nordestino identificam o mesmo processo no Brasil de cem anos depois, na virada do século 19 para o século 20: o novo olhar para a praia enquanto reflexo das necessidades de uma nova elite que, tendo acesso às informações do exterior e da capital federal, então no Rio Janeiro, e sob suas influências, passa a ver a praia como um lugar atrativo para curar os males do corpo e da alma, e, futuramente, para o simples prazer.

VILEGIATURA

Com o *morar na praia* – ou o desejo de – tornando-se moda, surge uma nova prática marítima moderna, a *vilegiatura*, bem explicada e exemplificada por Eustógio Dantas:

A vilegiatura marítima representa instauração de racionalidade associada à sociedade do ócio nos trópicos. Sua natureza consiste em deslocamento com o objetivo de estabelecer-se (fixar-se) em espaço privilegiado para seu exercício (zonas de praia). Incrementa-se, nesses termos, lógica dispare da preexistente, na qual esses sujeitos estabeleciam-se no sertão e nas serras, com suas famosas chácaras e sítios. O objeto de desejo desse novo vilegiaturista é a obtenção da segunda residência, construída nas praias das capitais nordestinas.

Antes morada de uma população excluída socialmente (pescadores, trabalhadores

do porto, e por vezes retirantes da seca) e ignorada pelas elites que voltavam-se para o interior, a nova ocupação da beiramar vai implicar no redimensionamento das cidades litorâneas. Essa mudança na mentalidade das populações autóctones – notadamente a elite, seguida pela classe média – provocará profundas transformações nas paisagens litorâneas, sobretudo com a construção de residências secundárias, substituindo os antigos vilarejos de pescadores e agricultores de subsistência existentes. Importante aqui dar voz novamente a Eustógio Dantas:

Desde suas origens, a vilegiatura é incapaz de conviver longamente com práticas marítimas de outra natureza. Onde ela se instala gera conflitos. “Os pobres tendem a ser expulsos, relegados a espaços menos valorizados, longe da praia e dos seus instrumentos de trabalho (sitos nos portos de jangada)”.

NATAL

Dentro desta perspectiva, podemos refletir sobre redirecionamento do núcleo urbano da cidade de Natal, que, no início do século 20, estruturalmente se dava nos bairros da Ribeira, Cidade Alta e Alecrim, com as tais residências para descanso localizadas em sítios, chácaras ou fazendas nos então distantes bairros das Quintas, Barro Vermelho e Cidade Nova (Petrópolis e Tirol), e cujos proprietários eram funcionários públicos, políticos, comerciantes bem sucedidos e fazendeiros.

A ocupação e uso do espaço da franja litorânea de Natal se realiza, então, de forma expressiva, dentro da lógica do lazer: a segunda residência é grande indutora da urbanização da faixa litorânea da cidade, que se inicia nas três primeiras décadas do século 20, nas praias de Areia Preta, do Meio e Redinha.

Com a implantação da vilegiatura virá toda uma infraestrutura, como estradas, transportes, fornecimento de água e energia, e serviços de telefonia, modificando expressivamente a paisagem ao longo de todo o século passado. A espacialização da vilegiatura marítima chega em Ponta Negra a partir década de 1940, e dá início a um extrapolamento da tessitura urbana da capital para os municípios vizinhos, como Parnamirim e Nísia Floresta, a partir

dos anos sessenta e com forte intensificação na década de 1980.

TIBAU

Outro exemplo concreto no Rio Grande do Norte, da transformação da paisagem litorânea, se deu na praia de Tibau, ainda no final do século 19, com as incursões empreendidas pelos mossoroenses. Um dos primeiros amantes do lugarejo e quem primeiro deu projeção à praia, ao frequentá-la com familiares e amigos, foi o médico e humanista Dr. Francisco Pinheiro de Almeida Castro.

Vingt-Un Rosado e José Lacerda Alves Felipe contam, em *Tibau, espaço e tempo*:

Henrique Castriciano desce para Mossoró, ouvir o doutor Castro, o oráculo na clínica da região. O médico aconselha-o a fazer uma temporada de praia. Fixa-se no Tibau, olhando o mar, coqueiros, praias, pescadores de jangadas, velhas fazendo rendas. Escreve muitos versos.

Em Tibau, Castriciano escreve versos durante os períodos de tratamento – “Abre as asas, meu sonho ascende tu, eu verso. E busca o céu tranquilo aberto sobre o mar.” E conta Câmara Cascudo:

Quando Henrique estava no Tibau, (1896) passeava uma tarde pela praia e avistou um pescador ocupado em esfurcar o dedo com uma faca de ponta. Contava-me rindo, que o homem dissera: estou aqui vendo se tiro este poeta. O “poeta” era o bicho-de-pé.

Além de fins terapêuticos, também havia um deslocamento de Mossoró para Tibau para o gozo do lazer e ócio: o farmacêutico Jerônimo Rosado levava todo ano sua família para passar temporadas na praia, mesmo diante da viagem de dois dias em carro de boi. E como passava até dois meses, uma professora acompanhava a família para que os meninos não perdessem as lições.

PAISAGEM

No entanto, essas primeiras viagens dos desbravadores e pioneiros para a prática da vilegiatura marítima não provocará mudanças significativas na paisagem,

que acontecem apenas na década de 1950, com os créditos e loteamentos diretamente ligados ao momento político e econômico então vivido pelo Brasil. O plano nacional desenvolvimentista e a implantação da indústria automobilística impulsionam a implantação e expansão da vilegiatura marítima. Nesse momento, ocorre também a ascensão de estratos sociais médios e urbanos, todos estes fatores propícios na implantação e difusão da segunda residência no Brasil, principalmente na faixa litorânea do Nordeste brasileiro.

Nas décadas de 1980/90, o turismo passa a influenciar ainda mais fortemente no processo de espacialização da segunda residência e a resignificar sua forma e conteúdo.

Em Natal, segundo Gomes, a criação do Parque das Dunas e a construção da Via Costeira acontecem concomitantemente a um projeto de implantação do turismo de massa e funcionam como vetores de urbanização da cidade. Ao abrir uma nova via de comunicação dentro da capital, aproximando zonas antes distantes, a Via Costeira intensifica não apenas o processo de urbanização como favorece e reforça a expansão da vilegiatura marítima no litoral, passando a se confundir com a atividade turística e ambas utilizadas pelo setor imobiliário no estado.

O desbravador do final do século 19 e início do século 20 – que descobria uma faixa de praia distante com o intuito de levar sua família, se deslocando de carro de boi ou dirigindo seu carro, e muitas vezes se perdendo nas estradas de terra – dá hoje lugar à especulação imobiliária, com seus agentes e promotores consorciados com a atividade turística e algumas vezes com capital estrangeiro. Esse consórcio vem promovendo uma forte urbanização litorânea e resignificando o conteúdo e forma da ocupação iniciada com a segunda residência dos pioneiros amantes da praia. Os condomínios de luxo, com tipologias muitas vezes alheias ao conforto ambiental exigido pelas características climáticas e geomorfológicas, intervêm no espaço de modo a exportar paisagens artificiais no padrão americano ou europeu. A demanda por este produto, atualmente, é local, nacional e internacional.

Diante desta nova valorização e ocupação – social, econômica e cultural – da beiramar, não são poucos os que defendem uma maior atenção do poder público e da sociedade civil para esta dinâmica que está sendo imposta. Tal prática já vem sendo vivenciada em outros países, como a Espanha, e sendo tratada como um problema para a população local e gestores, devido a sua sazonalidade, causando grandes gastos aos cofres públicos e profundas transformações no espaço.

Fica então, para reflexão, o relato do escritor e grande amante da praia de Tibau,

o escritor e jornalista Dorian Jorge Freire, em carta escrita a uma amiga:

Não poderei dizer, Maria, que mudou Tibau. Ou que mudei eu. Mudamos os dois. Eu porque envelheci e já não encontro o que, no passado, eram as grandes figuras do melhor Tibau do mundo. Tibau também envelheceu, porque vai sendo transformado, banalizado, empobrecido [...] Dizem-me que até as garrafas de areia de Tibau já não são autênticas... As areias estariam sendo... pintadas. Veja você o despropósito.

PARA SABER MAIS

Revista *Território*. Rio de Janeiro.

História do turismo de massa. Marc Boyer. Bauru: EDUSC, 2003.

O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental. Alain Corbain. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Natal: uma metrópole em formação. Maria do Livramento Miranda Clementino e Zoraide Souza Pessoa. São Paulo: Educ, 2009.

Maritimidade nos trópicos: por uma geografia do litoral. Eustógio Wanderley Correia Dantas. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

Tibau, espaço e tempo. Vingt-Un Rosado e José Lacerda Alves Felipe. Mossoró: Coleção Mossoroense, 1995.

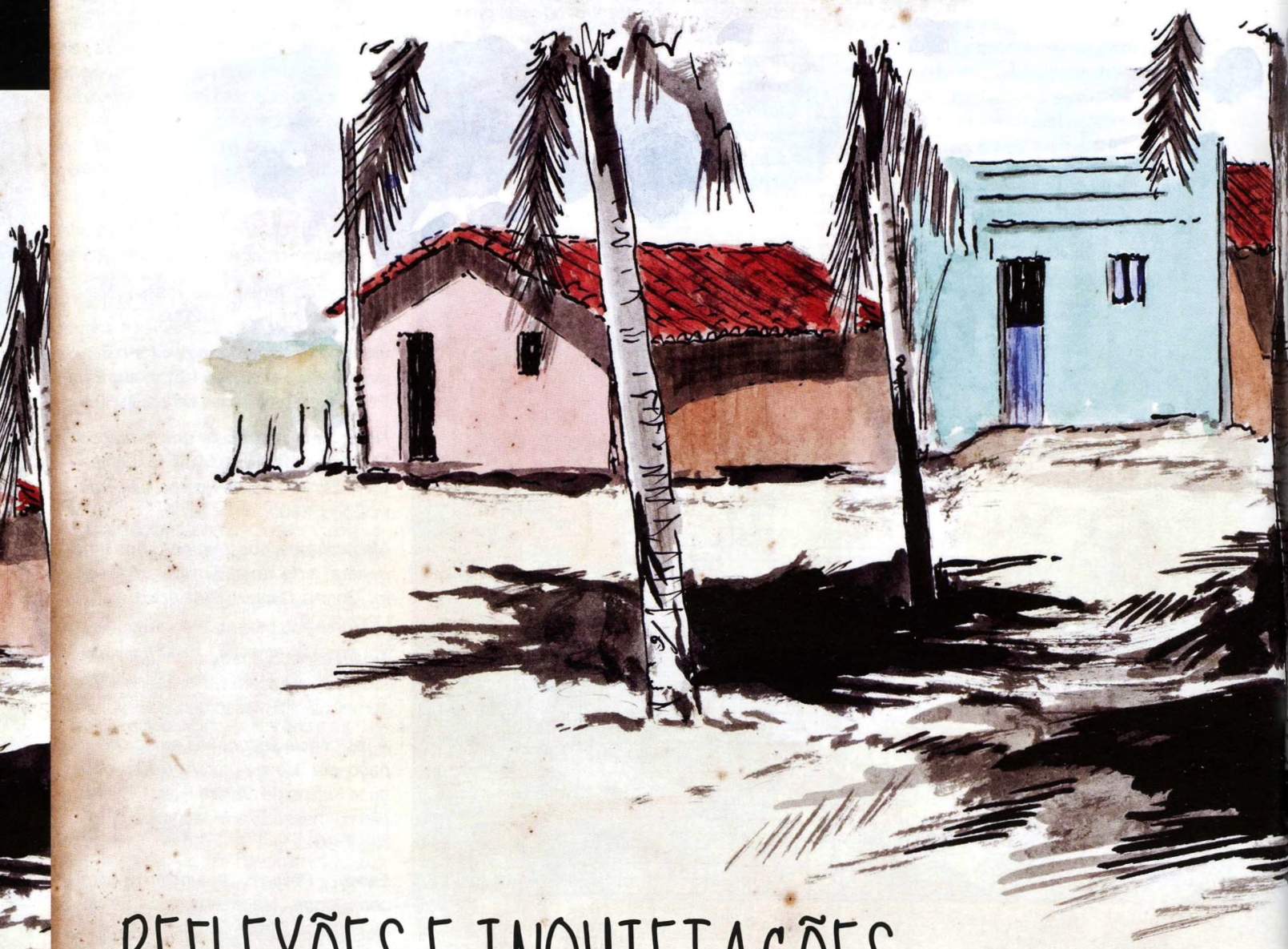
A residência secundária e uso do espaço público no litoral oriental potiguar. Kelson de Oliveira Silva. Dissertação de mestrado em Geografia, UFRN. Natal, 2010.

Espaço, Políticas de turismo e competitividade. Maria Aparecida Pontes da Fonseca. Natal: Edufrn, 2005.



Ilustração Erasmo Xavier

Joane Luiza Batista é bacharel em Geografia pela UFRN e mestranda na linha de pesquisa Dinâmica Urbana e Regional.



REFLEXÕES E INQUIETAÇÕES
SOBRE UMA POSSÍVEL ARQUITETURA
DE MAR E SERTÃO



Por Carito | Ilustrações Flávio Freitas

1. FUGINDO DO TEMA PARA ENCONTRÁ-LO

Quando Walter Salles viajou cerca de 400 quilômetros Bahia adentro para filmar *Abril despedaçado* não foi à toa. Ele precisava daquele cenário para realizar seu filme. Aquele sertão específico possui as características que o diretor então precisava: aquele céu, aquela luminosidade, aquela aridez, aquela vegetação da caatinga, aquele isolamento. Enfim, todo um cenário. E dentro desse cenário, claro, está também a arquitetura. A arquitetura específica daquelas casas de taipa e toda a arquitetura do seu entorno. A arquitetura da paisagem. A arquitetura cinematográfica.

O cineasta argentino, natural de Buenos Aires, Carlos Sorín, escolheu a longínqua Patagônia como cenário de seus filmes porque aquela paisagem dramática e sem fim, de longas distâncias entre os lugares habitados, traduz o que ele precisa para a trama das suas histórias e para a alma dos seus personagens.

*Por que não se instalam núcleos
Habitacionais menores
Pra haver maior descentralização
Para existir o verde
Pra haver espaço*

(Arnaldo Baptista, "Navegar de novo")

Nos extras do DVD do filme *A fita branca*, o diretor alemão Michael Haneke explica que demorou muito para encontrar uma locação capaz de reunir todo um cenário que melhor traduzisse uma aldeia no interior da Alemanha pré-Primeira Grande Guerra. Os primeiros conjuntos arquitetônicos que encontrou ou estavam em ruínas (sendo praticamente impossível sua reconstrução) ou já tinham sido revitalizados de uma forma que descaracterizou o conjunto original. Mas Haneke conseguiu encontrar o conjunto arquitetônico que precisava. E não foi à toa que, para isso, gastou muito dinheiro na pré-produção do seu filme.

A arquiteta paulista Ana Rosa Lombardi desenvolveu uma dissertação de mestrado sobre orientação do ordenamento territorial em áreas costeiras, onde menciona a importância da preservação da paisagem, e cita entre as alternativas econômicas para essa conservação o *turismo de observação de paisagem* – em todo o mundo, milhares de pessoas viajam todos os anos, atravessando oceanos em busca de um panorama específico. Único.

Tempos atrás, toda uma antiga e turística cidade européia se mobilizou contra a construção de uma ponte moderna que descaracterizaria a paisagem. A ponte não foi construída. Li numa revista. O exemplo não é isolado.

Feito esse primeiro brainstorming introdutório, cito uma frase de um meu antigo professor, da época em que fiz pós-graduação em Madri: "Você só começa a conhecer uma cidade quando nela se perde".

E sei que arrisco a perder-me no tema, pois é assim que tenho esperança de encontrá-lo – ou, pelo menos, parte dele. Assim como o mar, assim como o sertão, falar sobre a arquitetura desses lugares é um tema extremamente vasto e complexo.

Aliás, a relação entre cinema e arquitetura, na abertura deste texto, não é casual: porque, antes de falar sobre um tema, ao mesmo tempo tão específico e subjetivo, quero lembrar que arquitetura é *tudo isso* (ou está relacionada a *tudo isso*): texto, cenário, paisagem, turismo, cinema, artes plásticas, história, identidade, urbanismo, geografia, poesia etc. Porque arquitetura é... Vou dizer primeiro o que ela *não* é:

Arquitetura não é só a matemática espacial e financeira das construções, novos edifícios cada vez mais altos, casas em condomínios fechados, ambientações de apartamentos de luxo, habitações populares, prédios administrativos e shopping centers inteligentes. Ela está relacionada à qualidade de vida – desde a simples ida ao banheiro na casa onde você mora a *como* você vive em sua cidade.

Porque arquitetura é espaço – interagido, comungado, excomungado, assassinado etc. Depende da forma como essa intervenção é feita, de como é realizada essa *cirurgia*. Porque arquitetura é transformação.

Sendo assim, para falar sobre a arquitetura de mar e sertão, temos que falar sobre necessidades básicas da arquitetura como forma-função-conforto ambiental, bem como aspectos mais subjetivos pro-

vocados nessa longa e, talvez, perdida introdução.

2. EM BUSCA DA CRITICIDADE PERDIDA

Existe mesmo (ou deveria existir) uma arquitetura pensada, conscientizada, para o litoral? E para o sertão? Elas existem hoje e/ou já existiram no passado? Se elas existem/existiram, são/foram criadas de forma sistematizada ou espontânea? O que existe em comum e quais as diferenças entre elas e entre elas e outros estados de climas diferentes? O fator clima está sendo ignorado por essa "nova arquitetura potiguar"? Diante das novas tecnologias construtivas ainda é válido seguir um "roteiro para construir no Nordeste", como no antológico livro de Armando de Holanda?

A dita "dobradinha" *forma-função* sempre manteve um lugar de destaque nas conversas da faculdade de Arquitetura nos anos oitenta. (Como está isso hoje?) Lembro que Niemeyer era muito criticado e acusado de privilegiar a forma em detrimento da função. Por outro lado, entre as duas grandes guerras, arquitetos europeus influenciados pelas vanguardas estéticas faziam experiências de transpor para o espaço arquitetônico formas cubistas, buscando proporcionar novas sensações espaciais na "arte-tetura", acreditando assim em evoluções arquitetônicas.

Enquanto isso, na Cidade do Sol do século 21, modelos de arquitetura – não apenas *from* Miami como de outros lugares ainda mais distantes – são importados, e em todo o Rio Grande do Norte encontramos exemplos exóticos, como telhados verticalizados esperando a neve cair.

A esse ponto caberia nova pergunta: é possível transcender às "regras" impostas pela indústria da construção ou pelos modismos do momento?

São muitas perguntas e muitas respostas, provocando novas inquietações não apenas nos arquitetos, mas nos cidadãos. Faça algumas considerações:

- Teoricamente deveríamos sempre usar telha de barro, mais adequada ao nosso clima, seja no litoral ou no interior, e sem-

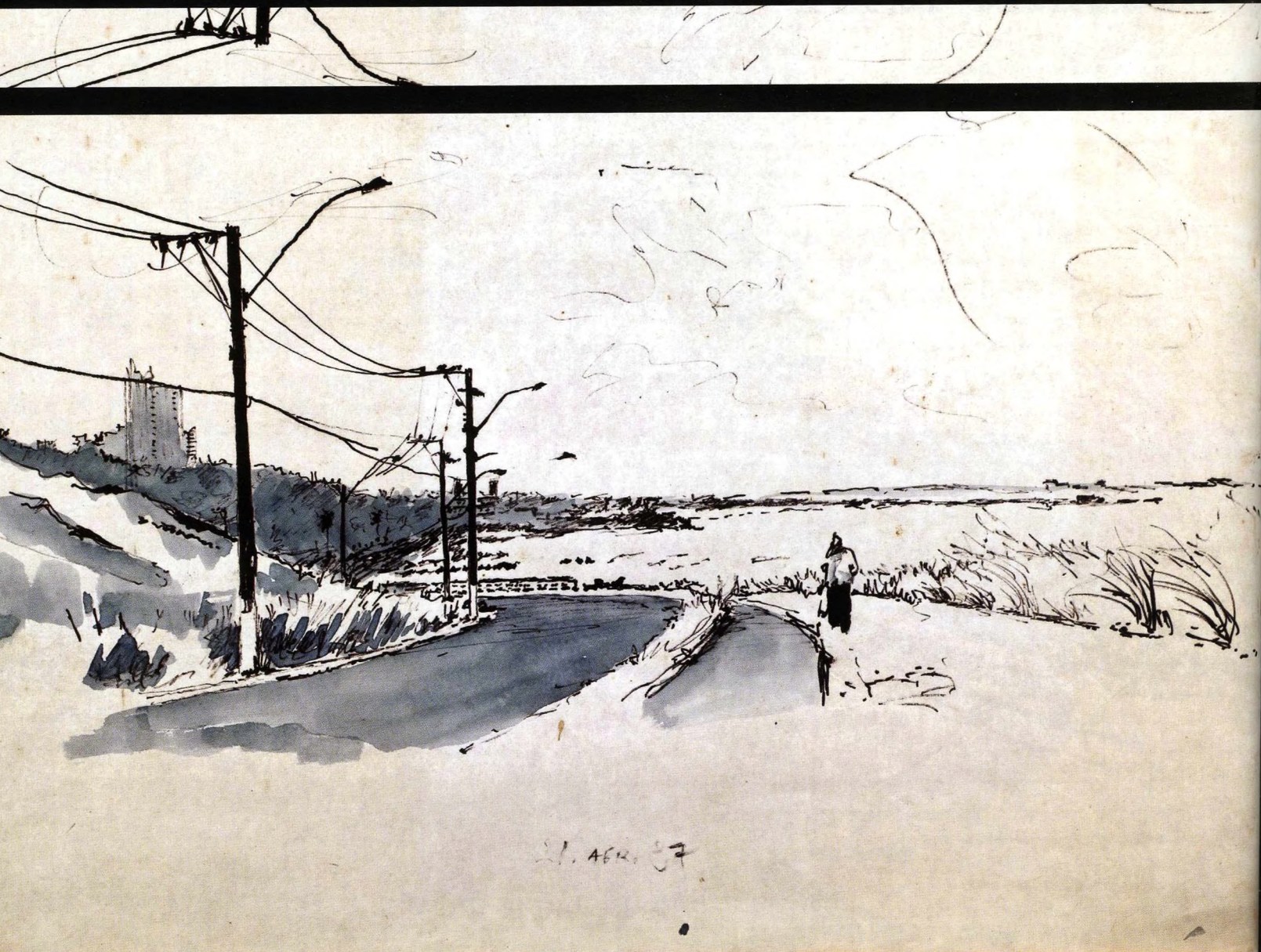
pre utilizar longos beirais para um melhor conforto ambiental. Mas também podemos explorar outras plasticidades (já que arquitetura é também *arte*), e temos hoje à nossa disposição novas possibilidades construtivas, que também são capazes de cumprir as funções de conforto ambiental, antes engessado a um determinado tipo de modelo arquitetônico, digamos, mais *regional*.

- Se em nome de uma arquitetura mais adequada a nossa região devemos abrir mão de certas estéticas, o que dizer das importantes casas antigas, sem beirais, com o telhado escondido e valorização decorativa do frontispício? São moradias sem proteção contra o sol causticante do Nordeste, presentes tanto em cidades do litoral quanto no interior, mas, isoladas ou em seu conjunto, representam um determinado e significativo momento histórico e traduzem costumes arquitetônicos da época em que foram construídas, revelando, pois, um pouco ou um muito de nós mesmos.

- Eu mesmo cresci em uma maravilhosa casa de primeiro andar, de moderna e bela arquitetura, com a polêmica telha de cimento amianto, mas com laje dupla formando um colchão de ar para um melhor conforto térmico, com peitoril ventilado, cobogós, ventilação cruzada, fachadas livres com amplas janelas e portas, lajes em balanço proporcionando leveza e proteção, jardins ao redor, e tantas outras soluções que são exemplos de uma perfeita combinação entre forma e função, estilo e conforto ambiental. Vivi ali grande parte







de minha infância e adolescência, até me formar na universidade. E nunca tivemos ar condicionado.

- Há muito o mundo é globalizado. O que mudou foi a velocidade do tráfego e tráfego de influências. Culturalmente também somos a somatória de influências – dos colonizadores europeus, da península ibérica moura, da nova colonização norte-americana. Isso é fato. Como também é fato a falta de bom senso e a falta de capacidade ou interesse em saber discernir o que é bom do que é ruim nessas influências que hoje se sucedem na velocidade da internet. Natal, infelizmente, tem uma vocação para inserir um *novo* de gosto duvidoso, destruindo o *velho*, cujo valor histórico é ignorado, desprezado.

- Sem um crescimento planejado, a verticalização sem limites, comandada por um setor imobiliário agressivo, provoca o caos urbano e o aquecimento da cidade, desrespeitando tradição e paisagem (cadê o Farol de Mãe Luíza? Sumiu, engolido pelos arranha-céus).

- O artista plástico Flávio Freitas veio recentemente do Arizona, nos EUA, onde constatou que, diante de reformas e reestruturas urbanas, até as novas cores das casas passam antes por uma aprovação oficial, em função de uma harmonia com a paisagem natural.

- Também nos EUA, ícone maior do chamado *capitalismo selvagem*, vemos automóveis antigos misturados aos novos, novíssimos modelos. Mas, especialmente em Natal, assim como parece haver espaço nas ruas – cada vez mais congestionadas – apenas para os últimos lançamentos da indústria automobilística, o mesmo parece acontecer com os modelos arquitetônicos das construções. Com a globalização veloz e furiosa dos novos tempos, parece ser assim também em qualquer cidade do interior.

- Não podemos nunca esquecer que um prédio (ou casa) não está sozinho: todo um entorno vai interferir no projeto – e o projeto vai interferir em seu entorno. Seja o em Natal, em Mossoró, Caicó ou Martins.

- Mesmo o projeto apresentando uma ótima ventilação cruzada, se não há vento nas ruas por causa do excesso de prédios que roubam o vento, se o asfalto im-

permeabiliza tudo, se não existem praças nem árvores para sombrear, e o calor, enfim, *tá de matar*, qual a solução? Além disso, todo mundo parece *querer* ter um ar condicionado. No quarto, na sala, na varanda – hoje, fechada, blindada.

- Também não se pode pretender inventar a roda, ou fazê-la girar contracorrente, porque as construtoras já têm sua forma e modelos próprios de fazer a máquina do mercado girar. Muitos clientes têm dinheiro, mas nem sempre o senso estético ou informação cultural, e impõem ao profissional um modelo, aparentemente sem saída: ou o arquiteto faz assim, ou eles procuram outro. Quem vai se dar ao luxo de cair fora? Sem falar que muitos arquitetos também *não estão nem aí*, porque eles mesmos não têm esse entendimento arquitetônico.

- Sem o perdão do trocadilho, depois que jogaram uma pá de cal em Marx, o que fazer com as tristes conclusões de David Harvey e Milton Santos? Para eles o espaço é transformado pelo e para o capital, e o espaço apropriado pelo modo de produção capitalista.

- Para quem prefere uma vida mais livre e menos artificial é fácil e até lógico criticar o sistema frio dos condomínios fechados (tendência atual nas cidades litorâneas como também do sertão). Por outro lado, todos querem o máximo de segurança em suas *prisões*. Eu mesmo tive que encerrar o romantismo de um projeto pessoal de vida e trabalho próximo à natureza, quando a pousada da qual sou sócio, e onde morei por quase dez anos (em Ponta do Mel, encontro do mar e sertão) foi assaltada mais de uma vez. Hoje, moro em um apartamento por questão de segurança, e se fosse morar em uma casa provavelmente optaria por um condomínio fechado. E não vai ser a arquitetura de forma isolada que vai reverter esse triste quadro. Há toda uma situação sócio-econômica-cultural que explica, e às vezes justifica. Os planos diretores, especificamente, e a educação e cultura, de uma maneira geral, têm papel fundamental nesse necessário e urgente processo de mudança.

- Independente de ser uma arquitetura do mar ou sertão, daqui ou de alhures, é preciso ter consciência crítica e discussão profissional constante, de forma ampla, holística.

3. CONVERSANDO COM AMIGOS ARQUITETOS

Preocupado com isso tudo, em busca da criticidade perdida, troquei idéias com alguns amigos arquitetos sobre essas inquietações. E, juntos, construímos, ou ao menos elaboramos o projeto, de uma casa ideal, utópica, de pensamentos. *Gracita Lopes*, ao lembrar o tempo passado, se deu conta que havia certa ingenuidade em nossas casas de veraneio, que escondiam o mar. *Paulo Araújo* vai além e lembra que, especialmente nas praias mais distantes da capital, a arquitetura é – era? – extremamente pobre, “em sua maioria construída e projetada por mestres-de-obras” e copiada da casa do vizinho. *Haroldo Maranhão* resume a dicotomia entre o ser e o ter, com o segundo aparentemente ganhando a parada. E se *Carlos Suassuna* continua acreditando em uma arquitetura que dispense “o uso de aparatos eletroeletrônicos”, *Nilberto Gomes* aponta para uma nova gramática imposta pela “nova arquitetura” – a *arquitetura do SPLIT*. Mas nenhum deles tão radical quanto *Canel Andrade* que, ao lembrar que “a arquitetura sempre foi e será o reflexo vivo e concreto de um povo”, conclui infelizmente que “estamos nos tornando um povo sem identidade porque buscamos *cem identidades*”.

4. ABRA A PORTA E A JANELA

... e venha ver ensaio, artigo, sol nascer – no mar e no sertão. É apenas o início, o mosaico está lançado.

ARQUITETURA DA INGENUIDADE

Eu nasci no sertão, numa casa geminada e comprida, com paredes grossas (que nos davam conforto térmico) e chão de mosaico frio, onde se escutava o galo cantar, o sino da igreja tocar e, às duas da tarde, quase se podia escutar o silêncio do mormaço.

Casa grande de duas águas escondida em uma platibanda *ecclética* (art déco?). Uma empena enorme sustentada por uma estrutura de carnaúbas, parecia palácio de malassombros ou morada de alma penada.

No litoral, as nossas casas também andam sumindo. Lembra? Tinham telhas, alpendres, salas da frente, quartos, e cozinha que dava para o fundo. As paredes eram branquinhas e o terraço tinha aquelas muretinhas que serviam de banco pra sentar.

Não eram adequadas ao litoral. Eram ingênuas com suas janelas altas e pequenas e não se via o mar de dentro da casa. Só agora percebo que eram casas do sertão na praia!

Nunca tinha pensado nessa ligação, e, só agora, escrevendo, percebi o quanto é sertaneja a nossa arquitetura. E se isso aconteceu no passado, espero, de coração, não esquecer agora. Que o ranger dos armadores perdurem por muito tempo em nossas casas. E já que temos um *interior* tão rico, que não precisemos mais sair em busca de referências vazias e que ele possa ser o fundamento do nosso trabalho.

[Gracita Lopes]

ARQUITETURA DO TRAGICIDADE

Em parte, esta arquitetura veio de lá do sertão para o litoral trazendo consigo o roteiro das construções tradicionais, suas longas águas e varandas. Isto há não muito tempo, pois a praia, então, era só para pescadores com suas casinhas de palha, lembram? As recentes tentativas de imitações promovidas pela “nova arquitetura” litorânea podem ser classificadas como *arquitetura do SPLIT*. Na “novalíngua” isto significa “simplesmente trágica”.

[Nilberto Gomes]

ARQUITETURA DO CAPITAL

A verdadeira arquitetura – enquanto construção do invólucro que abriga as atividades humanas, da pele que define uma porção do espaço retirado da natureza, seja aberto ou fechado, que separa o dentro e o fora – deve ser concebida em sintonia com o seu lugar local, apropriando-se das condicionantes geográficas, climáticas e culturais.

A lição vernácula construtiva das casas de palha dos ranchos de pescadores ou das casas de taipa dos sertanejos há muito foi esquecida pela arquitetura do capital financeiro e modal contemporâneos, incapazes de promover a adequação do seu processo histórico, tecnológico e cultural a um desenho de tempo presente, conjugado em capital humano, fronteiro a arquitetura de um desejável viver coletivo e sustentável.

A questão não é da forma nem da função da arquitetura, mas da banalização de um *modus vivendi* desejoso pelo lucro do ter e não de *ser*, que a projeta com um desenho desumano e mesquinho de estéril estética. Perdemos a dimensão da escala humana do viver, concebida como referência para a projeção das Cidades e dos seus edifícios, mortificados pela vaticínia lógica capital da construção de “lugares mercado”.

[Haroldo Maranhão]

ARQUITETURA DA IDENTIDADE

A arquitetura sempre foi e será o reflexo vivo e concreto de um povo. Sua produção demonstra ao longo de milênios o que o homem é capaz de fazer com pedra, concreto, barro, madeira e materiais afins.

No nosso caso, o nosso povo é altamente miscigenado e cada vez mais “recheado” de empresários de gostos duvidosos, de um funcionalismo público que galgou um novo status e quer mostrar através de sua produção arquitetônica este novo patamar que hoje ocupa.

Infelizmente, nossos colegas de profissão – ou por vaidade própria ou por imposição dessa clientela – importam sem nenhum critério um partido arquitetônico nada convencional ou adequado ao nosso clima. Em particular, falo do litoral, onde vemos muitos exemplos de uma arquitetura quadrada, cúbica, sem beirais, com enormes vidraças – que não controlam a ventilação, nem a insolação. São exemplos tirados de estados como São Paulo, onde o clima é outro e permite tal tipo de conceito. Aqui, torna-se uma grande estufa.

Passeando pelos arredores, descobrimos em nossas praias um misto de condomínio-flat ou sei-lá-o-quê com um gosto de Miami, que é a nova praia de veraneio dos nossos *new riches*. Aonde foi parar a verdadeira e autêntica arquitetura vernacular, feita pelo povo, para o povo e com materiais daquele povo? Infelizmente, com todo esse *progressio* que vivemos, não estamos tendo a sapiência de bem aproveitá-lo, estamos nos tornando um povo sem identidade porque buscamos *cem identidades!*

[Canel Andrade]

ARQUITETURA DA HARMONIA

Se analisarmos as residências predominantes nas praias mais distantes da capital, nos deparamos com uma arquitetura extremamente pobre, em sua maioria construída e projetada por mestres-de-obras ou pelo proprietário, inspirado que foi na casa do seu vizinho. Os grandes alpendres, resquícios talvez das casas de fazenda de outrora e tão adequados ao conforto térmico, convivem com uma repetitividade e uma carência estética impressionante. Esse retrato, de uma época em que a “casa de praia” era um espaço modesto, destinado à família passar um ou dois meses de férias, hoje tem outras cores.

Com a valorização absurda dos terrenos litorâneos – natural, posto que o litoral é finito – o poder aquisitivo dos proprietários cresceu, e a busca de profissionais especializados foi uma tendência natural. Nessa corrida pelo inédito, diferentes estilos pipocam também fora dos centros urbanos.

Não há nenhum problema em se construir uma casa modernista, cubista, kitsch ou do estilo que for, na praia ou campo. Mas os ensinamentos de Armando de Holanda ainda valem, sim. A integração e a sintonia entre a forma, o conforto e a racionalização do espaço podem e devem conviver em harmonia na construção – com o perdão do trocadilho – da arquitetura do sertão, da praia ou da cidade.

[Paulo Araújo]

ARQUITETURA DA AUTO SUSTENTABILIDADE

O clima de cada região é implacável e possui suas próprias características. Não há que se ignorar, por exemplo, o sol, o vento e a chuva do nosso litoral, assim como a neve e as baixas temperaturas do inverno canadense. Acredito que a arquitetura deva ser o reflexo de cada clima e proporcionar o máximo de conforto térmico sem o uso de aparatos eletroeletrônicos.

Portanto, em minha opinião, a questão é conceitual. Acho que devemos sim, incorporar as novas tecnologias e materiais à nossa arquitetura local, mesclando e criando novas tipologias, mas sempre respeitando as variáveis do nosso clima.

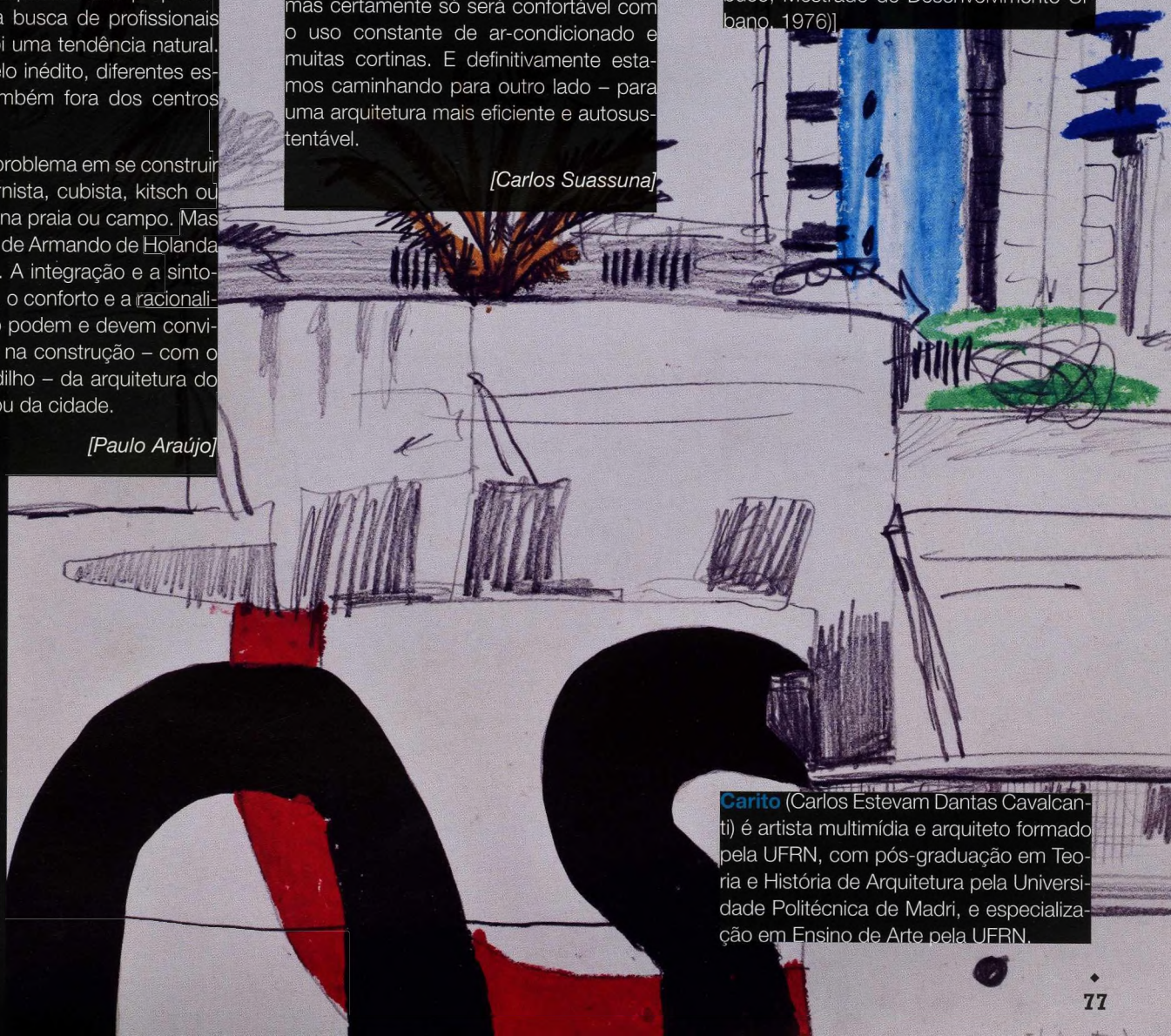
Um caixote de vidro importado da Europa, por exemplo, pode ser muito bonito, mas certamente só será confortável com o uso constante de ar-condicionado e muitas cortinas. E definitivamente estamos caminhando para outro lado – para uma arquitetura mais eficiente e autosustentável.

[Carlos Suassuna]

ARQUITETURA DA INDEPENDÊNCIA

Livremo-nos dessa dependência cultural em relação aos países mais desenvolvidos, que já retardou em demasia a afirmação de uma arquitetura decididamente à vontade nos trópicos brasileiros... Trabalhem no sentido de uma arquitetura livre e espontânea, que seja uma clara expressão de nossa cultura e revele uma sensível apropriação de nosso espaço; trabalhem no sentido de uma arquitetura sombreada, aberta, contínua, vigorosa, acolhedora e envolvente, que, ao nos colocar em harmonia com o ambiente tropical, nos incite a nele viver integralmente.

[Armando de Holanda, in *Roteiro para construir no Nordeste; arquitetura como lugar ameno nos trópicos ensolarados* (Recife, Universidade Federal de Pernambuco, Mestrado de Desenvolvimento Urbano, 1976)]



Carito (Carlos Estevam Dantas Cavalcanti) é artista multimídia e arquiteto formado pela UFRN, com pós-graduação em Teoria e História de Arquitetura pela Universidade Politécnica de Madri, e especialização em Ensino de Arte pela UFRN.

*ZONAS DE
FRONTEIRAS:
CULTURA VIVA ENTRE
O SERTÃO E O MAR*



Por Aparecida Fernandes, Pablo Capistrano e Suély Souza

A cultura popular potiguar é criativa e dinâmica, não está presa a uma tradição distante e imutável e não precisa ser resgatada. Reconhecimento, valorização, desvelamento são os termos mais apropriados para uma aproximação das expressões artísticas disseminadas, do sertão ao litoral do estado, da zona dos canaviais às cidades do entorno da Grande Natal.

Há uma cultura viva, que pulsa e se adapta, marcando a atualização da tradição no mesmo ritmo em que se incorporam novos elementos estéticos, formas visuais, tropos retóricos. Os artistas potiguares criam táticas de sobrevivência que garantem um mínimo de preservação e adaptabilidade de antigas tradições culturais, sem fechá-las às demandas do presente.

Mesmo acreditando que a memória cultural é preservada ao longo das gerações através de um *habitus* – para usar a terminologia de Bourdieu – sabemos que as manifestações artístico-culturais não são, necessariamente, representadas em sua forma “genuína”, pois é esse mesmo *habitus* que possibilita a renovação da história incorporada, tendo em vista que a cultura não é cristalizada, engessada, a ponto de ser repassada sem transformação alguma. Existe uma ideia, ainda recorrente e disseminada por esses quintais, de que a arte que se faz pelas cidades do interior é uma arte “de raiz”, onde “artistas da terra” mantêm intactas velhas tradições ancestrais. Esses artistas esta-

riam como que fincados em uma espécie de trincheira cultural, lutando contra um novo mundo, que entra pelos sertões e pelos velhos litorais arcaicos **assassinando** o sertão antigo e o litoral da memória.

Não foi esse o quadro que encontramos quando começamos a viajar pelo interior do estado ou pelas cidades do entorno da capital, registrando depoimentos de artistas, especialmente aqueles que permanecem no anonimato à margem dos holofotes midiáticos. Através da realização do Portal da Cultura Potiguar, vinculado aos Campi do IFRN-Santa Cruz e do IFRN-Zona Norte, descobrimos uma cultura viva, real, ativa e em constante diálogo com as demandas da modernidade. Quanto ao artista ameaçado de extinção, escondido do mundo em seu *bunker* de formas folclóricas e apegado a um passado decaído, talvez ele exista, mas não é a regra.

Romanceiras como **Dona Eudóxia Ribeiro**, de Santa Cruz, poetisas como **Hugo Tavares**, no Trairi, ou mesmo grupos de Cultura Popular como o **Boi Calemba Pintadinho**, de São Gonçalo do Amarante, e o **Congo de Guerra**, de Ceará-Mirim, não são peças de museu. Eles estão vivos, respondendo com sua arte às questões postas pela experiência das suas próprias vidas e do seu entorno, sem perder o fio da tradição. Têm os pés fincados na terra, mas sua criatividade está antenada com o horizonte.

NOIVA EM FUGA

A equipe do IFRN teve um exemplo dessa relação de fronteira, que sinaliza conexões entre a tradição e as demandas do presente, ao encontrar, ano passado, uma romancista nascida na Paraíba, mas que residiu em Santa Cruz desde a primeira infância. A nossa primeira surpresa, à época, foi que existia vida além da lendária Dona Militana – provavelmente não apenas o primeiro, mas o único nome que vem em mente ao ouvir a palavra “romancista”.

Infelizmente, **Dona Eudóxia Ribeiro** faleceu no último 9 de setembro, de falência múltipla dos órgãos, antes de completar 90 anos e antes de ser devidamente reconhecida. Permanece viva, no entanto, a impressão causada e sua trajetória de artista popular, espécie de portal para épocas antigas, canal de contato com as formas ancestrais da tradição, que repetem de cor velhas cantigas, ecos de um passado profundo que nos conecta com antigos mitos de origem, transportando-nos para a África negra, a Europa ibérica, o maghreb berbere, ou mesmo para uma América anterior à catástrofe da ocupação europeia. Mas, atenção: o romance de Dona Eudóxia, a despeito de suas formas poéticas tradicionais, com a métrica e a rima que caminham por séculos desde os romances medievais, não nos leva, exclusivamente, ao passado..

Em 1953, Dona Eudóxia, que nunca casou nem constituiu sua própria família, concluiu *As tramas da família Baianos*. Ao entrevistá-la, na casa humilde onde mora com a família de um sobrinho, mostrou-nos um de seus cadernos onde escreve poemas: entre as páginas, alguns recortes de revistas retratando cenas de casamentos, o que nos levou à inevitável pergunta – se ela se interessava por histórias de noivas. “Só quando fogem”, respondeu de pronto.

É este seu universo. Sem se contentar em repetir as canções que ouvia de outras romancistas, sem querer apenas reproduzir a tradição que nos conecta com o medievo ibérico, Dona Eudóxia criou sua própria narrativa – seu próprio mito particular, cheio de tropos tradicionais – marcada por histórias que emergem do universo do cordel e do largo inconsciente coletivo dos sertões nordestinos, povoado de histórias de ciganos ladrões de crianças, de moças raptadas para casar, da luta dos heróicos namorados contra as forças dos pais das donzelas que se opõem ao casamento – ou seja, os velhos tropos dos romances, mas que, aqui, aparecem em um mundo tecnológico, cercado de máquinas, aviões, viagens para o estrangeiro, ordens militares: todo um cenário que

vem do imaginário radiofônico e cinematográfico que invadia as cidades nordestinas nos anos 40 e 50.

Como aponta Marcos Cavalcanti, que prefaciou a única edição em livro do romance de Eudóxia (publicado em 2006, 53 anos após ter sido concluído e registrado em cadernos com caneta esferográfica, ilustrados por fotos e recortes de velhas revistas e jornais):

“A importância de Eudóxia, ainda, infelizmente não reconhecida e não valorizada, é semelhante à de Dona Militana, que é uma romancista muitíssimo conhecida e que teve a sorte de ser descoberta por um pesquisador do porte de um Deffilo Gurgel e que deu visibilidade a ela como intérprete de romance. Dona Eudóxia é do mesmo modo tão importante, porque é escritora de romance.”

Se Dona Militana mantinha o romance vivo através de sua voz, Dona Eudóxia faz o mesmo através da releitura de seus tropos retóricos, mantendo-os pulsantes e atuais, criando, em nossa modernidade, um espaço para a permanência, um local para a tradição se reencontrar e se reconfigurar a partir das demandas desse tempo.

INSTRUMENTO DE LIBERTAÇÃO

Essa renovação da tradição na cultura potiguar não vem apenas das formas literárias populares. Ela surge também com a assimilação do dedilhar das cordas dos violeiros e com a permanência, na nossa raiz sonora, do aboio arquetípico, que surge a partir de modos musicais berberes do norte da África e que tempera essa busca do artista pelo seu próprio povo, por sua identidade, ao mesmo tempo em que dá vazão a seus anseios de liberdade e lhe fornece as ferramentas para que ele responda aos desafios sociais e políticos do sertão do agora.

É nessa fronteira – a da busca pela liberdade criativa, marca estética da liberdade social e política dos povos sertanejos – que homem e artista se coadunam, que tradição e modernidade confluem. Nessa linha tênue, que delimita onde termina um e inicia o outro – homem e artista, artista e homem – percebe-se a não vocação de ambos para o cerceamento. É quando a alma e o corpo gritam.

É assim que constrói sua labuta artística o poeta e compositor paraibano **Hugo Tavares Dutra**. Nascido em Brejo do Cruz, em 1956, e hoje radicado na mesma Santa Cruz que deu abrigo a Dona Eudóxia, Hugo Tavares aos dois anos foi levado para morar em Catolé do Rocha, onde passou sua infância e adolescência e forjou-se na arte. “A música começou lá em Catolé, nas feiras, ouvindo embolador de coco, violeiros; ouvindo cantadores de feira, repentistas; ouvindo a rádio Alto Piranhas, de Cajazeiras; ouvindo a Rádio Rural de Caicó, a rádio Difusora de Mossoró: os meus primeiros contatos com música foram esses.”

Por adoção “potiguarano” – neologismo por ele criado e por meio do qual assume sua identidade potiguar –, Hugo percebe-se não como um artista, mas como “uma pessoa comum, um cidadão, preocupado com a juventude, com o Brasil, com a educação, com a saúde”. E que enxergou na arte o instrumento para encontrar seu espaço e se inserir na sua comunidade. A cartilha em cordel *Eu voto. Tu votas. Ele(a)s se elegem* é um dos frutos do seu projeto “Cidadania e Eleição”, que inclui ainda o CD *A fábula da formiga errante*, no qual os temas da política passeiam por vários gêneros musicais, do bolero ao baião, passando pelo coco.



Não é apenas no sertão do agora que se encontram essas zonas de fronteira, onde os ecos do passado se moldam ao presente através de novas respostas e roupagens para antigas tradições. Nas proximidades da umidade litorânea, as danças populares trazem, ao lado dos elementos da tradição, algumas ressignificações para o cenário cultural: o centenário **Boi Pintadinho**, folguedo nascido no Sítio Breu, na cidade de São Gonçalo do Amarante, às margens de um Potengi já cansado de guerra, mantém-se vivo. Pelas mãos do **Mestre Atanásio Salustino**, essa dança de origem Ibérica, surgida provavelmente no século 15 e profundamente ligada ao ciclo natalino, também se mantém viva – e em busca de renovação.

O Boi de Reis Pintadinho ganhou visibilidade quando estava sob o comando do **Mestre Pedro Guagirú**. Nessa época, o grupo teve participação de destaque no filme *Boi de prata* [1973], do diretor potiguar Augusto Ribeiro Júnior, filmado em Caicó, Natal e Rio de Janeiro.

Ao conversarmos com os atuais brincantes, agora comandados pelo **Mestre Dedé Veríssimo**, percebemos que eles convivem com essa manifestação cultural desde meninos. Em São Gonçalo, era comum os pais levarem seus filhos para feiras populares onde, sentadas em caixotes, as crianças podiam ver de perto a performance de artistas das mais diversas áreas: cantadores, sanfoneiros, ceramistas, louceiros, santeiros, mamulengueiros. Também iam atrás do Boi de Reis, dos Pastoris e Babelôs. Esses brincantes, hoje em sua maioria adolescentes, parecem não se dar conta das profundas transformações ocorridas na representação do Boi de Reis Pintadinho.

Enquanto muitos sentem que as mudanças no velho ritual – marcado pela ruralidade do entorno e que durava de dez a doze horas de música, dança, comida e bebida – são perdas irreparáveis do Boi, o interesse da comunidade, especialmente das crianças, pelo folguedo mostra que é possível repensar o lugar do Boi em um contexto contemporâneo, marcado pela urbanidade e pelo advento de novas formas de vida, cercadas pelo contato de novas mídias e de novas informações cênicas, poéticas e musicais.



Mestre Tião, do Congo de Guerra de Ceará-Mirim

“Eu mesmo não concebo o artista naquela história do trabalho – eu faço a música e vou vender... Eu nunca dei uma música minha a ninguém! Nem vou dar! Porque eu faço com um amor tão grande que aquilo é como se fosse um pedaço meu que vai”, afirma, convicto. Em que pese o discurso “eu não me defino como artista”, evidenciando uma suposta inconsciência do seu próprio fazer, o seu processo de criação revela um artista profundamente preocupado com sua produção.

Admirador incondicional e pesquisador da obra e da vida de Fabião das Queimadas, a quem rendeu homenagem com a composição “Fabião das Queimadas: poeta da liberdade”, Hugo Tavares é um artista que caminha na esteira da tradição musical nordestina – coco, baião, xote, embolada –, temperada pela estética da música de protesto. Sua temática é construída com os elementos da realidade cotidiana, especialmente naquilo que toca o cultural, o social e o político. É a sua vivência numa região marcada pelo coronelismo (o que já lhe rendeu uma prisão por ousar montar uma rádio comunitária)

que o leva a garimpar imagens que pretendem romper as várias formas de grilhões. Para Hugo, o novo está justamente ancorado no teor libertário que perpassa toda sua produção:

“Na música não tem mais nada de novidade – novidade é quando você pega um texto e nele você tem alguma coisa nova para ser dita.”

Mas, assim como para dizer o novo é necessário ter consciência do mundo, para contribuir e ser um instrumento de cidadania e transformação é preciso ser artista:

“A arte, por mais simples que ela seja, desde que contextualizada para o soerguimento do ser humano, principalmente, vai encontrar espaço em qualquer lugar. Cantar uns versos como ‘Eu nunca vi constelação de patente/ orientar navegante/ nem dar luz a cantador’ é muito forte, vai deixando alguma coisa na cabeça de alguém e estimulando a quem está entrando nessa seara a cuidar para que a obra dele não seja descartável, banalizada.”

Antes de preservarem o Boi como uma reminiscência, congelada em um molde folclorístico, marca morta de um mundo que se decompôs com o advento da urbanidade e das sociedades globalizadas, o Boi Pintadinho aponta para outro espaço da tradição do Boi de Reis em nosso estado.

MUDAR PARA PERMANECER

Espécie de teatro que exige da imaginação do espectador o cenário evocado – os reinos africanos de outrora – os congos apresentam enredos e denominações variadas (congadas, congados, pretinhos-do-congo), as mesmas raízes comuns do continente africano e, hoje, a evocação de um Brasil colonial, quando a Igreja e os senhores escravocratas aceitavam a eleição e coroação de um rei e uma rainha negros. O régio casal era escoltado por seus companheiros de senzala até a igreja onde acontecia a cerimônia, acompanhados de dança e música – toadas de viagens, louvores à Virgem do Rosário, louvações ao nascimento do Messias, cantos de chamadas de atenção aos moradores do lugar.

Seguindo essa tradição – que na verdade nunca existiu na África –, o **Congo de Guerra do Mestre Tião**, da comunidade Tabuão, em Ceará-Mirim, vem sendo apresentado há 300 anos – mas pode ter seu percurso interrompido. “Estamos perdendo uma batalha, o Congo de Guer-

ra está morrendo. É preciso que a nova geração siga o exemplo do embaixador, cantando com emoção”, informa o **Mestre José Baracho**, embaixador do Congo de Guerra e poeta do Vale do Ceará-Mirim, realista, mas ainda esperançoso ao acrescentar: “a velha Taboão há de ser lembrada”. **Mestre Tião**, o atual mestre, hoje com 96 anos, ceará-mirinense filho do antigo mestre João da Rocha, alerta:

“Um dia eu morrendo e também o grande **José Severino**, o congo perde roteiro, Ceará-Mirim perde a cultura, ficando só uma lembrança obscura, de dois velhos bem nordestinos.”

Baracho acrescenta:

“Talvez se acabem os congos guerreiros, mas as lutas dos dois congueiros ficarão gravadas nesta cidade.”

Para que tudo não permaneça apenas na memória, os mestres aceitam as mudanças, conscientes das transformações que já aconteceram ou que possam vir a ocorrer, desde que não se perca o fio condutor da narrativa. “Pode mudar as vestimentas, o lugar onde se dança, acrescentar fatos, assim como eu mesmo fiz, ao receber o Congo de Taboão do meu pai; ouvi notícias no rádio sobre movimentos revolucionários da década de 30, e acrescentei elementos a este auto, mudando inclusive o nome, passando a se chamar **Congo de Guerra**”, contemporiza Mestre Tião. “No entanto, a *jornada* [passos da dança] tem que ser mantida, pois esses elementos é que mantêm a tradição.”

Mestre José Baracho, poeta de Ceará-Mirim e embaixador do Congo de Guerra



CONVERGÊNCIA

Dos sertões aos litorais, o Rio Grande do Norte não é mais um refúgio isolado, esconderijo cercado de serras e dunas, marcado pela presença de um oceano onipotente, que nos afastava do resto do mundo. Os artistas potiguares, de nascimento ou coração, que escolheram viver e produzir sua arte nesses sertões ou nesses litorais, consciente ou inconscientemente, percebem viver em uma zona de fronteira.

Não são geográficos esses limites. Não são espaciais essas trincheiras. A zona de fronteira de nossos sertões do agora e de nossos litorais contemporâneos é uma zona de convergência temporal, em que o eco de uma memória coletiva que habita o corpo, a voz ou a linguagem de nossos artistas, tenuamente se mistura com as reverberações de um mundo em violenta e constante transformação.

Aparecida Fernandes, Pablo Capistrano e Suély Souza são professores do IFRN.

PARA SABER MAIS

Portal da Cultura Potiguar (<http://www2.ifrn.edu.br/culturapotiguar/>).

MÚSICA DA RAPTADA

Dona Eudóxia

Vou deixar meu lar paterno
O berço em que nasci
Vou me tornar eremita, papai,
Do mundo já desisti
Sou frustrada no amor, papai
Pois não posso ser feliz.
Eu só tenho meu avião
Sei bem ele dirigir
Vou viver pelo espaço
Num vôo eterno, sem fim
Vagando no infinito, papai
É a sina viver assim

TRECHOS DE A TRAMA DA FAMÍLIA BAIANOS

Dona Eudóxia

Toda natureza dorme
Eu não consigo dormir
Sereno da madrugada
Leva notícias ao sair
Pois estou abandonada
Por meu noivo Javaí.
Vento que sopra nos ares
Nuvens que correm nos céus
Leva notícias a meu noivo
Que ele de mim se esqueceu
Nesta triste solidão
Quem está sofrendo sou eu.

Despertei, mudei de roupa
Apanhei meu avião
E saí pelo espaço
Sem ter orientação
Passei no planeta Júpiter
E passei pelo Plutão
Passei no planeta Vênus,

Saí nesta direção.
Deixei o planeta Vênus
E saí pelo espaço
Cheguei na festa da Lua
Sem mais nenhum embarço

REBENTO POTIGUANO

Hugo Tavares

O meu sotaque é daqui, é soberano
O meu eu é soberano
É de pedra e de pó.
O meu sotaque é daqui, é potiguano
É tapuia, janduís, panatis e caicós
Eu sou o mar, as velas do Potengi
Lual de Ponta Negra
Coqueiros de Poti
Eu sou areia, Jacumã e Pitangui
Pipa, Forte, Tabatinga
Sou o céu de Pirangi
REFRÃO
Eu sou de fé, Santana no Seridó
Luzia em Mossoró, Rita lá no Trairi
Eu sou de sal, minha pele é de sol
Sou Felipe Camarão, meu sotaque é da-
qui
Rio Grande do Norte (3X)
Eu amo você
Sou Jesuíno, Severino, violeiro
Militana e Cascudo, Renato, Chico San-
telro
Eu sou Eloy, Jesiel e Fabião,
Auta e Nísia Floresta
Sou Eliino Julião
Sou Mipibu, sou Sabugi, sou Totoró
Sou Açú, sou Apodí, rio Curimataú
Eu sou Agreste, sou Central e sou Oeste
Matão Grande, litoral, meu sotaque é da-
qui.
Lerererê...

FABIÃO DAS QUEIMADAS: POETA DA LIBERDADE

Hugo Tavares
Ô ô ô ô ô ô...
Canta, canta, canta cantador (4X)
Do exemplo das estrelas
O escravo Fabião
Libertou o seu destino
E saiu pelo sertão
Rabecendo seu cantar
Juntando todo tostão
Pra poder alforriar
Um amor do seu patrão
Que era uma escrava
Que selou a condição
Do coroné Zé Ferreira
Ser o pai de Fabião
Redondo, Sinhá (8X)
Quem diz que fogo não queima
Que jurubeba não pega
Que lama não escorrega
Não é feliz no amor
O abc aprendi no meio do mundo
Vou dizer em um segundo
Sem diploma de doutor
Eu nunca vi constelação de patente
Orientar navegante
Nem dar luz a cantador (2X)
Canta, canta, canta cantador (4X)
Quando alforriei minha mãe
A lua saiu mais cedo
Pra clarear o caminho
De quem deixava o degredo (2X)
Adeus, Lagoa de Velhos
Que já foi de Santa Cruz
Adeus, fazenda Queimadas
Fabião tornou-se luz (2X)
Ô ô ô ô ô ô...



GRANDE SERTÃO ATLÂNTICO

A CULINÁRIA E A GASTRONOMIA DO RIO GRANDE DO NORTE

Por Maria Marluce Gomes | Ilustrações Fe Córdula

A culinária potiguar é uma sinfonia – um repertório extenso de iguarias, executadas por um grupo variado de etnias, tendo como primeiros maestros os nativos indígenas, os colonizadores portugueses e os escravos africanos. Muitos outros povos – holandeses, espanhóis, judeus – também vieram em busca dessas terras, e desses mares, um palco único iluminado pela estrela maior da natureza: o rei sol.

Cada um desses visitantes trouxe em suas bagagens instrumentos, alimentos e temperos, que adicionaram aos já existentes, formando um conjunto de sabor forrozeiro, impregnando de confusão, farra e desordem as glândulas gustativas desses comedores de camarão, que logo, logo, foram aprimorando o paladar e selecionando o que devia cruzar o céu da boca de cada potiguar. Uma seleção que ganhou forma e corpo, criando uma orquestra de iguarias com partituras próprias – onde se destacam o fazer da carne-de-sol do Seridó, o queijo de manteiga, o pirão de leite passado, a sopa de xêrem, o doce seco – e muitas, muitas outras.

As receitas da culinária do Rio Grande do Norte foram escritas em poucas notas pela mulher potiguar, muitas delas esquecidas e até abandonadas nos baús, malas e prateleiras empoeiradas. Os ingredientes são misturados aos conhecimentos empíricos e, hoje, com aqueles

adquiridos nos bancos escolares, novas partituras são criadas. No entanto, é bom lembrar-se de acrescentar o maior legado – “o conhecimento do povo”, que guarda na memória o fazer da sua dieta cotidiana, passada de geração em geração. Através do estudo da herança de crenças, hábitos, tabus, usos e costumes, de como se alimenta o norterriograndense, somos levados à descoberta de como viviam os primeiros habitantes da Capitania do Rio Grande, um laço que percorre a história e une a fusão tradicional de sabores europeus e africanos à nova culinária contemporânea.

Ao dedilhar a camerata da culinária potiguar, leva-se ao palato uma sinfonia de sabores: do massapé das terras do agreste, nos é ofertada a farinha de mandioca, o açúcar, a rapadura; das águas do oceano atlântico, que banha o nosso litoral, nos chega o sal, o camarão, o caranguejo; dos sertões de pedregulhos, cactos e marmeleiros do Seridó, se descortina o sabor incomparável das carnes-de-sol, dos queijos de coalho e de manteiga, da manteiga do sertão; do Oeste potiguar, que tem como adubo o “ouro negro” do petróleo, saltam aos olhos e paladares as carnes de ovinos e caprinos e a colorida fartura das frutas. É com essa orquestra de iguarias que se preparam os diversos pratos que fazem parte do cardápio do papa jerimum. Uma sinfonia alimentar também composta de adversidades, e

com uma generosa pitada da criatividade de um povo que, hoje, já entende a diferença entre culinária e gastronomia. Se a primeira – a arte de cozinhar – surgiu com o aparecimento do fogo, primeiro tempero da vida, a segunda é verdadeira ciência, ao observar os princípios, os desfrutes e os prazeres da mesa sem prejuízo à saúde.

Enquanto palco, a cozinha potiguar é bem parecida com as demais cozinhas brasileiras, com grandes ou sutis diferenças quanto à harmonia – do “como fazer”, por

exemplo, a carne-de-sol assada na brasa, e o preparo típico do churrasco gaúcho, que também vai ao braseiro; o preparo do queijo mussarela ou requeijão mineiro, e a arte do queijo de coalho ou queijo de manteiga; a maneira do batimento da nata para a fabricação da manteiga cremosa, e o processo de fundição da manteiga do sertão. São essas diferenças na preparação das mesmas matérias-primas que provocam reações diversas e únicas, e mudanças – às vezes radicais – na textura, no paladar e na apresentação final do que vai à mesa.

Para, enfim, compreendermos as diversas partituras da culinária e da gastronomia potiguar é preciso entender o paradoxal equilíbrio entre as longas estiagens nos sertões e as farturas quase infinitas das culturas litorâneas de um estado também Atlântico.

Maria Marluce Gomes é pesquisadora e estudiosa da culinária e gastronomia potiguar, autora da *História da gastronomia do Rio Grande do Norte*.

Foi na trempa ou no fogão
Que o sertanejo testou
Fazer suas iguarias
Que a todo mundo agradou
Assando carne na brasa
Que loucura de sabor.

[...]

Como é bom bolo da moça
Doce de leite e coalhada
Baião de dois, queijo de coalho,
Macaxeira com buchada
Pirão de peixe com batata
Sobremesa de cocada

Batata doce e fritada
É um cardápio indigesto
Sarapatel de porco e farofa
Panelada e caldo esperto
É de fazer qualquer banda
Tocar valsa sem maestro.

José Luiz Gomes – do cordel “A culinária do RN”





Fé. Corol



“QUEM SAI DA CIDADE DO NATAL PELO BAIRRO DAS QUINTAS E DÁ AS COSTAS PARA O MAR TOMANDO O RUMO DO SERTÃO – SEGUE A VELHA ESTRADA-TRONCO NA QUAL OS TÉCNICOS, DE TEMPOS EM TEMPOS, FAZEM A PLÁSTICA DAS CURVAS, DAS RAMPAS E DO PISO, BATIZANDO-A CADA VEZ COM SIGLAS OU NOMES ESTRANGEIROS ÀQUELES MUNDOS.

“RODANDO NO ASFALTO QUE SE ESPICHA LÉGUAS ADENTRO, COBRINDO OS PRIMITIVOS CAMINHOS DE TERRA SOLTA OU PIÇARRADOS, VAI-SE COMENDO CHÃO. PARA TRÁS, FICA O CHEIRO DAS VACARIAS E, DEPOIS, O DA MAREZIA DO POTENGI. DE BANDA VÃO FICANDO AS DUNAS, O RIO, OS TABULEIROS DE MANGABEIRAS, PARA MAIS ADIANTE SE CORTAR A CIDADE DE MACAÍBA. DAÍ, EM DIREÇÃO DE AS MARIAS, O CHÃO VAI FICANDO MAIS BARRENTO E MAIS TRANCADO COM A VEGETAÇÃO DO *AGRESTE* – É O MARMELEIRO, A SARJADEIRA, O VELAME E A MACAMBIRA FAZENDO A SAIA DAS RARAS ESSÊNCIAS DE MAIOR PORTE QUE ESCAPARAM, SÓ DEUS SABE POR QUE, AO GUME DO MACHADO E À COIVARA. OS FACHEIROS SE DESTACAM... DE AS MARIAS A BOM JESUS DE PANELAS É UM PULO. VEM DEPOIS CAIADA DE BAIXO E O CHÃO SE DESPINDO NA CAATINGA NOS ARREDORES DE SERRA CAIADA. A ENCRUZILHADA DE OUTRO CAMINHO FEZ NASCER RIACHO. SOBE-SE EM PROCURA DE SANTA CRUZ DO INHARÉ; ALI, EM QUILÔMETROS, A ESTRADA É UM CORREDOR DE PAREDES VERDES PELA COR DO *AVELOZ* QUE TAPA, LADEIRA ACIMA E ABAIXO, AS CERCAS DIVISÓRIAS. DA ESTRADA SE AVISTA O AÇUDE DO INHARÉ, 17.600.000 M³ DÁGUA SALOBRA

REPRESADA; DIZEM POR LÁ QUE “NEM MARIBONDO BEBE E, DE SABÃO, NELA NINGUÉM CONSEGUE TIRAR ESPUMA...” O ASFALTO TERMINA; A ESTRADA CONTINUA EM PIÇARRA – AQUI E ACOLÁ UM CATABI – ENLADEIRANDO-SE CADA VEZ MAIS E DE VEGETAÇÃO MAIS RALA, ESPINHENTA E CONTORCIDA.

“ADIANTE É SEMPRE BOM TOMAR FÔLEGO, POIS DEPOIS SE ESBARRA NA SUBIDA DA *SERRA DO DOUTÔ*. AS LÉGUAS FICAM MAIS COMPRIDAS PELO CANSAÇO DAS CURVAS E DAS LADEIRAS – GANHANDO EM HORIZONTES QUE DESTAMPAM EM MAIOR ALCANCE, ATÉ O ALENTO DA CHÃ DA SERRA ONDE A *CRUVIANA* AFAGA A CANSEIRA DA SUBIDA. É O ESPINHAÇO DA *BORBOREMA*, REFRESCADO PELA MAIOR ALTITUDE (500 M), COLORINDO EM VERDE OS MATOS DA CAATINGA, ABRANDANDO O CLIMA, AS CULTURAS, OS PASTOS E APARTANDO AS DUAS REGIÕES. MAIS PARA DIANTE, ENTRE AS NASCENTES DO RIACHO DOS ÂNGICOS QUE CORRE PARA ESTE E AS DO MULUNGU, QUE DESCAMBA PARA OESTE – A ESTRADA ENLADEIRA-SE, DE CABEÇA ABAIXO, PISANDO OS CHÃOS DO *SERIDÓ*. A SERRA ACEIROU O QUE FICOU PARA TRÁS. O VENTO AMORNA, O CHÃO SE ENLADEIRA DE QUEBRADA EM QUEBRADA, COM A NATA DA TERRA LAMBIDA PELA EROSÃO, ESTAMPANDO *LAJEDOS* E *SERROTES* ONDE DOMINA O *ESPINHO*; E MAIS RALA É A CAATINGA, JÁ QUE AS RAÍZES CARECEM SE ESPALHAR NA SUPERFÍCIE PARA SORVER A MINGUADA UMIDADE QUE, NA *PEGADA* DAS CHUVAS, ALIVIA E ESTOURA EM VERDE A PAISAGEM CINZENTA.”

[Oswaldo Lamartine, início de *Conservação de alimentos nos Sertões do Seridó*, Recife: IJNPS, 1961]

◆ p o e m a s



Por Márcio de Lima Dantas | Foto Giovanni Sérgio

NÊNIA PARA OSWALDO LAMARTINE

Qual anho se dando
em imolação,
cujo deus morava
no dentro pelágico.

Livrou-se do fardo
de si, ao atirar bala
precisa no peito:
alívio das alvas.

Dos dias compridos
(estirões), cachetes,
criados, jornais
dizendo o de sempre.

Não há que carpir,
pois foi opção clara:
carta na manga, ás,
que todo homem traz.

CISMAS NOTURNAS DE OSWALDO LAMARTINE

Agora estes dias
são para que o tempo
teça a mortalha,
com pouca fazenda.

Esquálido corpo
encerra uma alma
ampla de inúteis
saberes versada.

Dias enfadonhos,
arrastados tédios,
ocos como tocos
no relento, secos.

Tanto siso, tanto
tento, tanto tino,
de nada valem,
pois o corpo finda

Márcio de Lima Dantas é poeta, autor entre outros do inédito *Rol da feira*.



O que nos
restou de
civilização

Fazenda Pitombeira, no município de Acari

DE COMO O SERIDÓ POTIGUAR
REPRESENTA UM MUNDO ONDE
NÃO HÁ LUGAR PARA A BARBÁRIE
E, POR ISSO MESMO, É PARA
ONDE SEMPRE VOLTA O FLUXO E
REFLUXO DA MEMÓRIA AFETIVA

Por Paulo Araújo | Fotos Paulo Araújo

Levantada do chão numa espécie de arrebatamento logo que vencemos a subida da Serra do Doutor, entre Santa Cruz e Currais Novos, nossa visão acostumada com a civilização dos homens fracos do litoral fita o começo do Seridó Potiguar. Não se trata de um espaço delimitado por fronteiras geográficas, com este rio ou aquela montanha a dizer aqui começa ou ali acaba, mas, nas palavras do escritor Oswaldo Lamartine, ele próprio a encarnação do sertanejo talhado nas memórias, “o que nos restou de civilização. O resto é barbárie”.

Mas afinal, o que é o Seridó? O que o faz diferente do Agreste, do Oeste, da zona salineira? Que mistério há escondido por trás dos flancos de serra de onde se avista o vazio? De que maneira construiu-se no inconsciente coletivo do povo dessa região uma noção de civismo tão forte a ponto de beirar o bairrismo? Por onde se perdem e se acham os ritos da vida privada que fazem um seridoense reconhecer o outro em qualquer lugar?

Só o tempo, magistral condutor do fluxo e refluxo da memória, e o afastamento, dolorida condição desencadeadora da saudade, podem nos conduzir à resposta. Tal qual numa das cenas mais magistrais do filme *Lavoura arcaica* – obra de arte em forma de acetato feita por Luiz Fernando Carvalho para o romance de mesmo nome escrito por Raduan Nassar – vamos revolver nossos pés em folhas

secas, envoltas em terra molhada, como faz o filho pródigo interpretado por Selton Mello, para elencar as respostas.

No Seridó, o dia começa cedo, por volta das duas horas da manhã. Impassíveis ao frio cortante da madrugada, os homens do campo saem em busca do curral – guardemos esse elemento tão importante para a geografia das fazendas como uma metáfora – para cuidar do gado. Que outra atividade trazida para o Brasil pelos portugueses pôde se configurar mais desgastante do que a pecuária? Senão, vejamos: não tem o deleite visual e a sazonalidade que impõe o ócio da pescaria no litoral, para ficarmos só num exemplo. Mesmo assim, o seridoense é antes de tudo um criador de gado. Adora o campo. Faz dele sua segunda morada. Deixa ali toda sua fortuna, mesmo sabendo que vem a seca e leva tudo. Muitos, mesmo tendo conhecido as condições de luxo e riqueza, sentem prazer em dormir embaixo de árvores frondosas como um juazeiro.

No Seridó, trabalha-se, e trabalha-se muito. As crianças, imunes por natureza própria às vozes que se levantam contra o trabalho infantil, acompanham seus pais desde cedo ao currais, aos roçados e aos pastos. Pegam em bisacos de couro para apanhar algodão, ferindo as pontas dos dedos nos capuchos ressecados cheios do “ouro branco”, e fazem-se homens aos oito, nove anos. Muitos vivem vidas

inteiras sem nunca sair dali, certos e certos em achar que o mundo é o Seridó.

As meninas, por sua vez, descubrem logo cedo a importância da assepsia da casa, das diferenças de sabores entre a umbuzada feita com leite fresco e o biscoito de alfenim. Não sabem, mas fazem por instinto natural herdado de gerações, que o bordado bem feito está para a roupa e o lençol da cama, assim como os alpendres estão para as frentes das casas. São os ornamentos. Os detalhes. Os arremates que marcam as varandas das redes explicam o Seridó.

E as casas seridoenses, verdadeiras aulas de aproveitamento arquitetônico das condições geográficas de um lugar? Engenheiros civis por natureza, os seridoenses sabem para que lado corre o vento mais fresco e para lá direcionam seus alpendres. Erguem cumeeiras que facilitam a circulação do ar e a entrada de luz. Difícilmente entraremos numa casa de fazenda sertaneja e, mesmo nos picos de calor, sentiremos desconforto. Não há fogão de lenha desativado. A fumaça que sobe da água sempre a ferver marca as paredes grossas de tijolos feitos no fundo de casa. Na noite de queima da caieira, o Seridó é todo luz, e festa.

Passemos às mesas, geralmente com mais de quinze lugares, pois as famílias são grandes, barulhentas entre si, contritas e educadas para o mundo externo.



Na austeridade dos móveis, a elegância. Interior de fazenda em Caicó

Feitas de madeira recolhida em serrotes por artesãos exímios, elas ocupam o centro da vida social do seridoense. Está sempre repleta, no raiar do dia, de delícias como o cuscuz com leite, a carne de sol, a coalhada, os ovos passados em manteiga de garrafa, o café com leite servidos em canecas de ágata encimadas por marcas de nata.

O almoço se faz sempre em grande, apesar de cerimonioso, composto do necessário para fazer o corpo seguir em frente na luta do dia: come-se feijão macacá, arroz de leite, carne assada, farinha e só. Saladas e sucos são invenções da modernidade que só aos poucos a nova geração se dispõe a somar ao cardápio. A rapadura ainda encontra seu lugar de destaque, mesmo em forma de mel, frente a delícias como o doce de coco, a goia-

bada com queijo de coalho, as cascas de laranja cristalizadas, as soldas...

No Seridó não se gosta do que é difícil, complicado, com falso de ar de sofisticado. As roupas são simples e elegantes, bem cortadas, jamais desajustadas ao tamanho do corpo, com defeitos ou encardidas. Cultuam-se e disputam-se costureiras como times de futebol. Jóias e objetos de decoração não resultam de novidades da estação. Sempre estiveram lá, não enfeitando, mas compondo um quadro em sépia de uma tradição que por não ter se perdido no tempo se faz tão moderna.

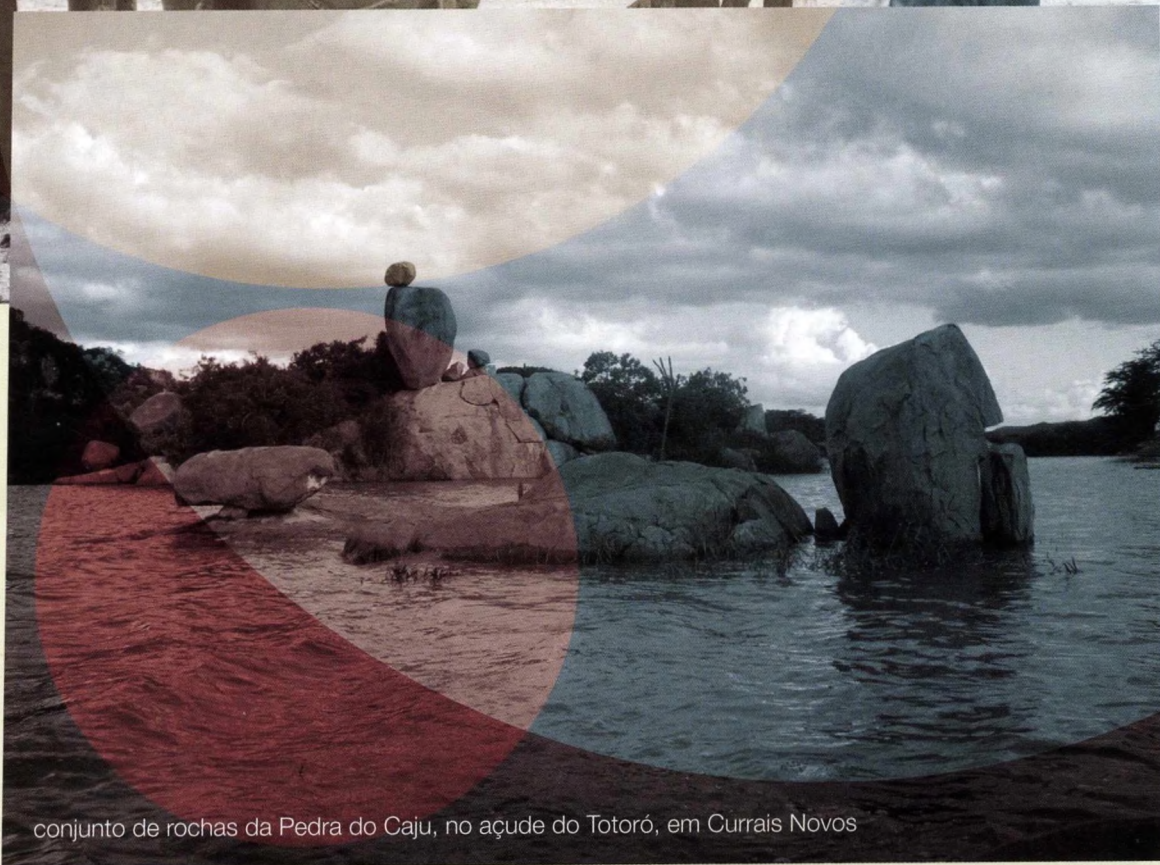
Ao mesmo tempo é dali, dessa região onde a palavra vale mais do que mil imagens, que surgem forças artísticas como a da escultora Luzia Dantas, capaz de transformar um tronco de imburana numa

Pietà do sertão, expressões de fé como a Festa de Santana, festas de apartação como a vaquejada de Currais Novos, vezes corajosas e realizadoras como a do Monsenhor Walfredo Gurgel e Dom Eugênio Sales, filhos que desbravaram o mundo das Minas Gerais, São Paulo, África e Ásia, e voltam, sempre voltam, tal qual a parábola bíblica do filho pródigo.

Paulo Araújo é jornalista.



O bailado dos vaqueiros numa festa de apartação de gado

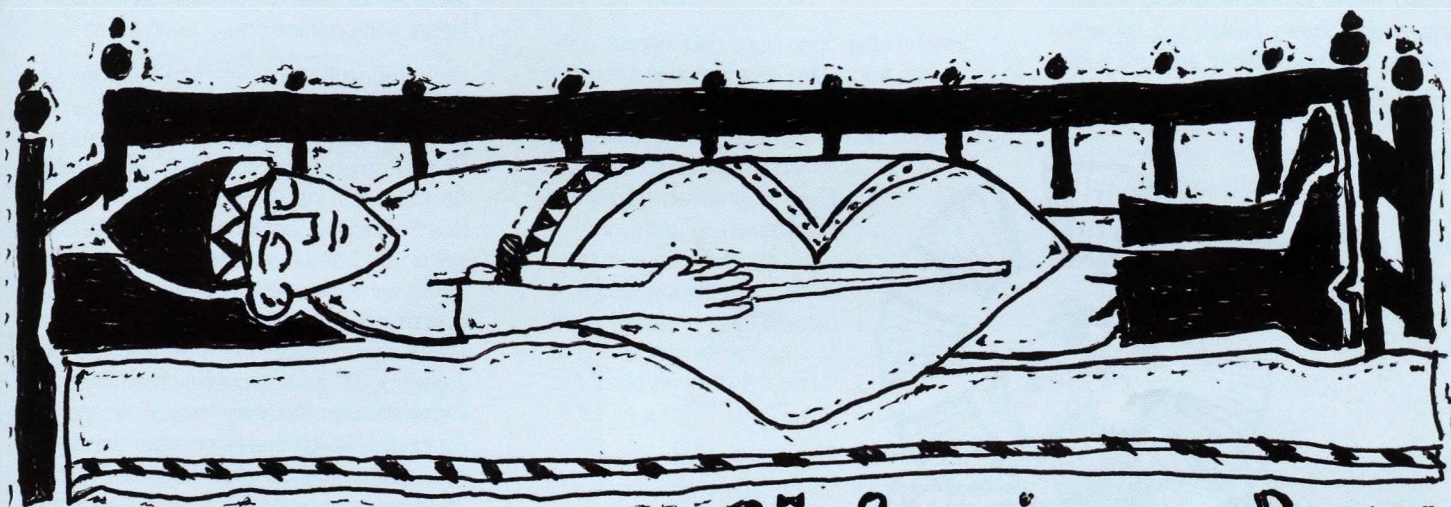


conjunto de rochas da Pedra do Caju, no açude do Totoró, em Currais Novos

O
SERTÃO
VAI
VIRAR
MAR



SANTO ANTONIO CONSELHEIRO



ZÃO ZEVERINO DOS RAMOS

Por Iaperi Araújo | Ilustrações Iaperi Araújo

Em 1898 haverá muitos chapéus e poucas cabeças...

Há de chover uma grande chuva de estrelas e aí será o fim do mundo.

Em 1900 se apagarão as luzes. Deus disse no Evangelho:

Eu tenho um rebanho que anda fora deste aprisco

e é preciso que se reúnam porque há um só pastor e um só rebanho!...

Em verdade vos digo, quando as nações brigam com as nações,

o Brasil com o Brasil, a Inglaterra com a Inglaterra,

a Prússia com a Prússia, das ondas do mar

D. Sebastião sairá com todo o seu exército...

E quando encantou-se afinçou a espada

na pedra, ela foi até os copos e ele disse:

Ades mundo! Até mil e tantos a dois mil não chegarás!

Antonio Conselheiro

Todos os loucos e alucinados do meu sertão nordestino tinham um tesão mal resolvido pelo mar. Mas que danado de atração irresistível é essa, por um mundão besta de água que depois que a gente conhece não enxagoa a saudade da terra seca das caatingas, da luta pelo cada dia, da crença no poder de Deus exatamente pela falta de um mar em nossas suas vidas? Onde já se viu um despropósito desse? E – tanta água se acabando na beira da praia e a gente no sertão se acabando de sede. Depois, descobri que essa água toda não tem serventia alguma. É sal puro. Deus a deu como presente, mas tratou de torná-la imprestável pra serventia. Mais valia tem a água do sertão, vinda do céu que nem uma benção divina e que vai enchendo riacho, botando correnteza de água onde antes só tinha caminho de areia, transbordando nos açudes e barragens e mudando a cor cinza do mato numa alegria de verde e vida. Mais valia tem a água do sertão que quando a chuva se vai ainda corre nos caminhos das caatingas e vai ficando guardada nos barreiros até sumir, mas vai deixando seu rastro nas cacimbas que o homem vai escavando para seu uso e de seus animais.

Uma das ameaças proféticas mais conhecidas do Bom Jesus Conselheiro falava que, um dia, o sertão seria mar e o mar viraria sertão. Seco, esturricado e pobre. Mas quem será que incutiu no

taumaturgo do sertão a visão do mar, ele que somente conhecia aquele mundão de Deus de muita penúria, seca e sofrimento? Sua trajetória nunca o levou ao litoral. Foi toda de sertão, mesmo, saindo do Ceará, ralando os pés nas terras do oeste da Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia.

Dizem que o santinho tinha estudo e até foi rábula, advogado dos pobres, criminosozinhos de merda que precisavam de alguém que falasse por eles diante da autoridade divina dos juizes. Talvez nesses estudos Antonio Conselheiro tenha encontrado o mar e, nesse encontro, deslumbrou-se com o poder daquela água toda, ali balançando pra frente e pra trás, enquanto o seu povinho sofria tanta precisão dela.

Nas suas alucinações proféticas, além de desancar a República e o casamento civil, ameaçava desapropriar a água do mar, trazendo-a para o sertão. Nem sabia que era tão imprestável pelo bastante tempero do sal.

Será que o Conselheiro (Antonio Mendes Maciel: Campo Maior, CE, 1830 – Monte Santo, BA, 1897) antevira a construção das barragens de Paulo Afonso e Xingó que acabaram encobrendo com as águas do São Francisco o Monte Santo de Canudos? E aí o sertão virou o mar de suas profecias.



Na verdade, Antonio Conselheiro queria um rei pro Brasil. Se fosse dom Sebastião, melhor, mas um rei, até mesmo dom Pedro seria o bastante.

Dom Sebastião foi a estampa de todas as bandeiras messiânicas no Brasil. Serviu ao reino das Pedras Bonitas no Belomonte de Pernambuco em 1838. Foi levada de Canudos, na Bahia (1897), à Guerra dos Pelados no Contestado de Santa Catarina, em 1913. Esteve com João Ramalho na serra de João do Vale em Jucurutu e com o beato Zé Lourenço, saindo do sítio Baixa d'Anta (1926) na entrada do Juazeiro do padim padre Cícero até o Caldeirão dos Jesuítas (1936). Lá, parecia que ia se embrenhar sertão adentro, mas acabou sendo o sonho de Severino Tavares no massacre de Mata-Cavalos na serra do Araripe (1936), onde finalmente o sonhador se vingou no tenente José Bezerra pela audácia de ter montado em Trancelim, o cavalo com que Zé Lourenço ia subir pros céus. Mesmo debaixo de bomba da aviação do Exército, Severino conseguiu fugir pra se acabar nas mãos do tenente Optato Gueiros na guerra dos caceteiros em Pau-de-Colher, em 1938, no extremo oeste pernambucano.

Ah, meu rei, meu rei, meu santinho. Não sei quantas vezes fostes morto de novo pra desatinar o sonho dos seus santos loucos. Não sei quantas vezes esses pobres sonhadores quase o trouxeram das bandas do mar sagrado pra salvar o seu povo.

Dessa crença apareceram outros santos pra tomar a devoção de el rei. São Francisco de Canindé e Padre Cícero no Ceará. São Severino dos Ramos na Paraíba. José Leão e as meninas das três covinhas no Rio Grande do Norte. Frei Damião pelo Nordeste todo.

Os santos populares do Nordeste são identificados com o rei Dom Sebastião pela necessidade de preservação da crença messiânica. Os que claramente defenderam sua volta, cruzando o mar e invadindo o sertão com fartura, paz e felicidade, foram duramente castigados pelos poderosos. As devoções aceitas como alucinação dos infelizes preserva a crença de que um santo local sabe e conhece as necessidades do povo do sertão e facilmente atende seus pedidos de apelo e socorro.

♦ v e r e d a s

U M

C E R T O

GUIMARAES

R O S A



Por Nei Leandro de Castro | Ilustrações Dimetrius Ferreira

Na metade dos anos 1960, Guimarães Rosa – morto em 1967 – já era um escritor de renome nacional. Mas havia alguns intelectuais que faziam restrições a sua obra, talvez pelo inusitado do seu estilo e linguagem. O baiano Adonias Filho não perdia uma oportunidade de criticá-lo. Em Natal, Veríssimo de Melo escreveu uma matéria em que apontava as razões por que não gostava do escritor mineiro. Talvez essas e outras críticas tenham me levado a adiar a leitura da obra rosiana. Foi a revista *Senhor* quem me abriu as portas e comportas da ficção de Guimarães Rosa. Nessa revista (1959 a 1964), a melhor publicação literária do país em todos os tempos, eu li o conto “Meu tio iauretê” e fiquei fascinado. A partir daí, li *Sagarana*, os dois volumes de *Corpo de Baile e Grande Sertão: Veredas*, com um entusiasmo cada vez maior. Em 1965, ao concluir a leitura desses livros, comecei a pensar numa forma de gravar, além da memória, meu fascínio por João Guimarães Rosa. E comecei a pesquisar a linguagem do romancista de Cordisburgo, particularmente a utilizada no seu romance *Grande Sertão: Veredas*.

Foi uma tarefa difícil, por muitos aspectos. Eu atravessava uma fase de dificuldades financeiras e vivia a amargura de um casamento condenado à ruína. À noite, ao voltar de dois expedientes mal remunerados, eu me trancava num quarto e me dedicava de corpo e alma à pesquisa da linguagem do *Grande Sertão*. Por um desses milagres sem explicação, fui respeitado em minhas horas de tra-

balho, fui poupado durante a tarefa que me consumiu três anos de pesquisa. Em 1966, com o livro já elaborado, mas ainda não concluído, fiz uma viagem ao Rio de Janeiro com o objetivo de mostrar os originais a Guimarães Rosa. Fui ao Itamaraty, falei com a secretária do escritor e chanceler, expliquei as razões da minha visita, e ela simplesmente me descartou, dizendo que o chanceler João Guimarães Rosa não tinha condições nem tempo para me receber. A frustração não me impediu de continuar meu trabalho e, em 1967, eu o concluí. Neste mesmo ano, obtive com o livro o Prêmio Mário de Andrade do Instituto Nacional do Livro, categoria ensaios.

No ano de 1968, o livro me proporcionou uma bolsa de estudos da Fundação Calouste Gulbenkian, para um curso de extensão universitária na Faculdade de Letras de Lisboa. Tive como mestres e orientadores os professores Lindley Cintra e Jacinto do Prado Coelho, dois dos maiores intelectuais da história literária de Portugal. Aproveitei observações sobre o meu ensaio, principalmente as do professor Cintra. Outro intelectual que leu os originais do meu livro e fez importantes observações foi Paulo Rónai, um dos homens mais inteligentes e cordiais que conheci. Por indicação de Rónai meu livro foi publicado em 1970, pela José Olympio, a editora mais conceituada do Brasil àquela época. *Universo e Vocabulário do Grande Sertão* reúne cerca de 1.500 vocábulos utilizados por Rosa em sua obra mais importante.

No Brasil há pouquíssimos livros sobre a obra de Guimarães Rosa. O meu *Universo e Vocabulário*, juntamente com João Guimarães Rosa: *uma travessia literária*, de Mary L. Daniel, é um dos pioneiros. O que me causa estranheza é que, passados 40 anos da edição da José Olympio, nenhuma editora se interessou em fazer uma nova edição do meu livro, apesar do prestígio de que goza a obra de Rosa no Brasil e no exterior. Há cerca de um ano, a Editora Alhambra mostrou interesse numa reedição. Enviei à editora um raríssimo exemplar do meu livro e até hoje não recebi nenhuma notícia nem a devolução do volume. Atitude de cafajuste.

Seguem, de A a Z, alguns termos extraídos do romance de João Guimarães Rosa, para mim o maior romancista da língua portuguesa de todos os tempos.

Nei Leandro de Castro é escritor e poeta, autor, entre outros, de *As pelepas de Ojuara* e *A fortaleza dos vencidos*.

ABIRADO:

FORMA APORTUGUESADA DE AB IRATO,
LOCUÇÃO ADVERBIAL LATINA: SOB INSPIRAÇÃO
DA IRA; POR IRA.



BALALHAR:

EXPLODIR OU PARTIR-SE
PELA AÇÃO DAS BALAS).



CARUJO:

AGLUTINAÇÃO DE
CARA + SUJO;
CARA DE DIABO.

ENTREQUANTO:

JUNÇÃO DE **ENTRE** E **QUANTO**, EMPREGADO
NO SENTIDO DE ENTRETEMPO.

DANÃ:

FORMA ABREVIADA
DE DANADA.



HAJANTE:

QUE HÁ OU EXISTE.

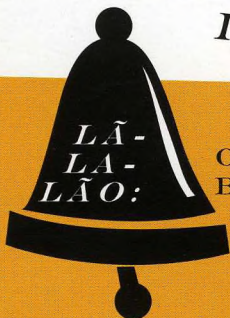
G A - G A Z :

MUITO GAGO.



F I F E :

FÍFIA; SOM AGUDO.



LÁ- LÁ- LÃO:

ONOMATOPÉIA DO
BADALAR DO SINO.

I S S I L V O

SILVO; SIBILO; SOM AGUDO.

JÓVIA

FORMA REGRESSIVA
DE JOVIALIDADE.

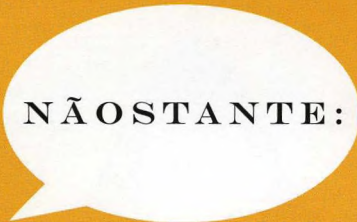




MAGOAL
QUE TEM MÁGOA;
PESAROSO; TRISTE.



OSSOSO:
OSSUDO



NÃO OSTATANTE:

NÃO OBSTANTE



PANCA:

FORMA APOCOPADA
DE PANCADA.



QUATREAR:
DIVIDIR EM QUATRO;
FORMAR GRUPOS
DE QUATRO.

R A S C A M P O

AGLUTINAÇÃO DE RASO E
CAMPO; CAMPO RASO.



SAFANO:
SAFANÃO; BOFETADA.

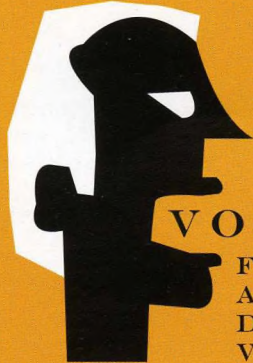


AGLUTINAÇÃO DE TESTA
+ ALTO, EMPREGADO NO
SENTIDO DE SOBRANCEIRO,
DE CABEÇA ERGUIDA



URJO:

SUBSTANTIVAÇÃO
DO VERBO
URGIR; SINÔNIMO
DE APERTO,
AFLIÇÃO.



VORAR:
FORMA
AFERÉTICA DE
DEVORAR OU
VERBALIZAÇÃO
DO ADJETIVO
VORAZ.



XAXAXO:
ONOMATOPÉIA DO RUÍDO
DAS ALPERCATAS.



ZANGARRA:
FORMA
SINCOPADA DE
ZANGUIZARRA -
TOQUE
DESAFINADO
DE VIOLA.

M O D A



E S T É T I C A



D O S E R T A O

Por Gladis Vivane | Ilustração Dimetrius Ferreira | fotos Alex Fernandes, Pablo Pinheiro

Quando vi pela primeira vez a emblemática fotografia das cabeças decepadas do bando de Lampião, muitos detalhes me passaram despercebidos. Foi preciso outros encontros com a imagem, e olhares mais atentos, para que o detalhe mais interessante fosse revelado: as duas máquinas de costura nos cantos superiores da fotografia. Uma imagem carregada de simbolismo, que diz muito sobre a realidade da época,

No sertão da primeira metade do século 20, a máquina de costura tinha a importância que a televisão tem nos lares de hoje. O modelo Singer, que aparece na foto, era o sonho de consumo das donas de casa. O sertão fechado, terreno inóspito, de chão rachado e tapetes de macambira, era o que os cangaceiros tinham para chamar de lar. E era onde se costurava, bordava e adornava.

A Singer vestia o cangaceiro para o combate, a criança para o batismo e a noiva para o altar. Cobria a viúva com o luto, e as moças com o colorido da chita. Marcava períodos, fazendo bermudas (que se chamavam calças curtas), para os meninos, e calças compridas, para os homens. Coisas de um tempo em que ostentar o luxo de comprar roupas prontas, trazidas de fora, era coisa para pouquíssimos.

CROMOTERAPIA

A estética do sertão é a estética da resistência. Da roupa usada até a fibra do algodão virar farelo. Do couro forjado em vestes para aguentar o peso da lida. Do vaqueiro com ares de cavaleiro medieval – não para se proteger de lanças de guerra, mas dos afiados espinhos da caatinga. Do aproveitar tudo até a última gota.

Muito ligado à natureza, o sertanejo carregava em sua indumentária as cores “puras”. O vermelho do sangue – para eles, o “encarnado” – lhes dava força. O branco das nuvens, a pureza. O azul, cor do manto de Nossa Senhora, também era a cor da água. E o homem do sertão tinha uma relação de verdadeira adoração com a água, sempre tão escassa, o que fazia com que o azul fosse a cor do acalanto, da serenidade. O amarelo, do ouro e da riqueza. Por vezes, todas as cores juntas, em combinações que *w w* a moda – aquela das passarelas – demorou a descobrir, mas que hoje não cansa de revisitar.

A herança estética que o sertão nos deixou é vasta. Rendas, bordados, estampas, materiais, texturas, artesanatos. Algumas dessas heranças mostram que a moda feita à mão tinha uma função social além da simples confecção das peças. O trabalho manual era momento de reflexão, era o divã das sertanejas. Quantas mães traçaram o destino dos filhos enquan-

to bordavam sentadas numa cadeira de balanço posta junto à janela? O olhar ora acompanhava a linha, ora se perdia no horizonte, mostrando que os dedos, de tão acostumados, já conseguiam seguir sozinhos, sem a supervisão dos olhos.

Outras vezes, o divã era coletivo. Uma espécie de terapia de grupo, onde as mulheres expurgavam os problemas familiares, dividiam experiências e falavam da vida de outrem – mais ou menos como fazem nas academias de ginástica de hoje. A “terapia de grupo” foi responsável por batizar um tipo de trabalho manual muito característico do sertão: o *fluxico*. Creio que não há quem não conheça, mas não custa explicar: são pequenas peças feitas de retalho, que se unem para formar blusas, colchas, toalhas, ou o que mais a criatividade permitir. A hora de costurar, era também a hora da fofoca. Ou do fluxico, como preferem os nordestinos. E assim ficou batizado.

BLINDAGEM MÍSTICA

O homem do sertão também era vaidoso. Comprar roupa nova para as festas de fim de ano e para o São João, era sagrado. Encontramos traços fortíssimos da vaidade masculina onde menos esperamos: entre os cangaceiros. Frederico Pernambucano de Mello diz em seu livro *Estrela de couro, a estética do cangaço* [2010], que “o bando de Lampião, sobretudo nos



aos cangaceiros, a pesquisa foi feita em cima da indumentária dos vaqueiros, dos samurais, e sobre Lampião e seu bando. Os gibões foram comprados em Fortaleza e aderçados no nosso ateliê de marchetaria.”

ARTESANATO E HANDMADE

A moda brasileira há muito flerta com o sertão. Ora de maneira mais tímida, ora através de uma paixão mais declarada. O primeiro cupido desse *affair* foi provavelmente a mineira Zuzu Angel. Antes de entrar para a história por ter usado a moda para denunciar os horrores da ditadura, Zuzu já fazia história ao misturar artesanato nordestino com alta costura. O primeiro passo foi tingir algumas rendas – que eram utilizadas somente em panos de cozinha – na mesma cor dos tecidos nobres, e usar os dois materiais juntos em vestidos de festa. Depois ela fez peças com chita, bordados, labirinto, renda de bilro e até vestidos de noiva feitos com toalhas de mesa nordestinas.

Outro aparecimento marcante do sertão na moda brasileira aconteceu em 2006, com a coleção “O sertão ri”, do também mineiro – e não acaso admirador do legado de Zuzu Angel – Ronaldo Fraga. A coleção foi toda inspirada na obra de Guimarães Rosa, especialmente em *Grande Sertão: Veredas*. Na apresentação do trabalho, o estilista afirmava: “O sertão é um só, e por não ter portas e janelas ele está em todo lugar.”

O sertão podia não ter portas, mas a moda brasileira tinha voltado a fechar algumas. Quarenta anos após Zuzu Angel, a desvalorização do artesanato nordestino havia voltado a ser uma pesada porta à espera de novamente ser derrubada. A renda de bilro era bonita para levar pra casa como lembrança das férias ensolaradas, mas para as passarelas – e para as vitrines mais refinadas – não servia.

O desfile de Ronaldo Fraga trouxe as cores e as texturas do sertão de volta aos holofotes. Nos anos seguintes, as próprias transformações sociais, que obviamente ecoam na moda, ajudaram a agregar valor e prestígio à estética nordestina. Começou-se a falar em economia criativa, sustentabilidade, e o artesanato ficou chi-

que – passou a ser chamado *handmade*. Fazer o quê se a moda precisa de um estrangeirismo besta para agregar valor ao que antes não enxergava como tesouro?

Assim, o sertão ganhou passe livre na alta costura brasileira. Entre uma coleção e outra, sempre aparece alguém tomando aquele pedaço de chão como inspiração. Mas o grande destaque dos tempos atuais, o sertão deve ao poder das novelas, como as maiores catalisadoras de tendências de moda do Brasil.

“Para mim o artesanato nacional sempre esteve na moda, mas é uma surpresa que uma novela de época tenha essa força. O nosso intuito ao conceber e realizar o figurino foi a busca pelas características de cada personagem para ajudar a contar essa fábula deliciosa de fazer e de ver”, pondera a figurinista de *Cordel Encantado*.

MEIA-LUA ESTRELA

Também têm um quê de fábula algumas coleções de estilistas potiguares inspiradas no sertão. Não por fugirem à realidade, mas por retratarem um sertão de lembranças.

A estilista Eveline Santos, da Avohai, fez uma coleção inspirada na natureza de Jardim do Seridó. As peças são cheias de

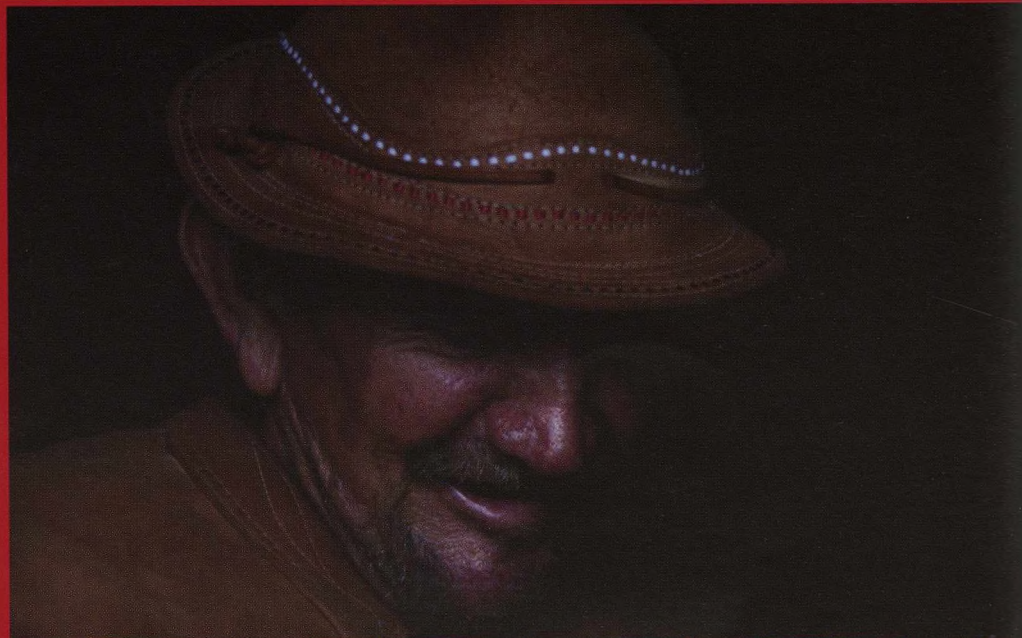
detalhes que estimulam a memória afetiva de quem cresceu no sertão.

Em Currais Novos encontramos a Ana Marcolina, marca de Luciana Mamede, sempre bebendo na fonte inesgotável de inspiração que é a região do Seridó.

Já o estilista Riccardo San Martini, acaba de lançar uma coleção intitulada “Asa Branca”, que tem inspirações que transcendem a localização geográfica, mas que usa materiais tipicamente nordestinos – e já faz sucesso com um bracelete de couro que vestiria tão bem um cangaço quanto um gladiador.

Enquanto isso, em Nísia Floresta, a poucos quilômetros de Natal, um homem sonha com um Museu do Vaqueiro. Guardião da estética sertaneja, o empresário, músico e pecuarista Marcos Lopes é um purista quando se fala em tradição nordestina. Ele mantém um espaço onde funciona o tradicional Forró da Lua. O evento acontece uma vez por mês, promovendo um típico forró pé-de-serra, iluminado, é claro, pela lua cheia.

Marcos Lopes tomou pra si a missão de manter vivas as tradições do lugar onde cresceu. Com recursos do Banco do Nordeste (BNB), ele conseguiu viabilizar um projeto que oferece oficinas de sanfona e de artesanato em couro para crianças





eu. Mesmo quem não tinha essas férias, mas que, ao menos uma vez na vida, foi recebido em uma casa sertaneja.

E aí pensei na força da estética do sertão. Porque sempre que se fala em uma imagem que represente o Nordeste, a primeira visão que nos vem é a do sertão e não do litoral. É admirável o poder de um ambiente cinzento e pobre, que consegue se sobressair à outro leve e próspero.

É a bela vitória da meia-lua com estrela sobre a vela da jangada.

Gladis Vivane é jornalista, pesquisadora de moda e editora da revista e do site Salto Agulha.

de Nísia Floresta. O mestre Júnior Souza vem de Cabaceiras, na Paraíba, ensinar a secular arte de trabalhar o couro, principalmente o couro de bode – o mais versátil e maleável. Durante as aulas são produzidos pequenos objetos como chaveiros, sandálias e chapéus em miniatura. A ideia é que com mão de obra especializada, o artesanato em couro possa vir a ser uma atividade econômica para a região.

O mestre explica que, em Cabaceiras, o couro é responsável por boa parte do dinheiro que circula na cidade. “Eu trabalho em uma fábrica de chapéus que fornece para o Nordeste inteiro. O couro é uma atividade econômica forte lá na minha cidade. Tem tradição, né, tem fama, aí todo mundo procura. Não falta trabalho pra quem quer e sabe trabalhar o couro. Já aqui a gente não vê esse tipo de trabalho”, compara.

Enquanto as crianças aprendem os mistérios do couro, é possível observar em cada canto da fazenda um pedacinho de história do Nordeste. Várias partes da indumentária do vaqueiro espalham-se pelo

espaço. É o acervo do futuro Museu do Vaqueiro, que, enquanto não tem espaço próprio, fica exposto ali mesmo. Muita coisa está na família de Lopes há anos. Outras tantas são doações de gente que conhece o trabalho dele. Há um projeto aprovado na Lei de Incentivo à Cultura Câmara Cascudo para a construção do Museu, mas os recursos ainda não foram captados.

Enquanto isso, Marcos vai catalogando as peças, e contagiando o máximo de pessoas que encontra pelo caminho com sua paixão pelo Nordeste. É assim, com um impressionante entusiasmo ao falar do museu, que ele consegue parcerias para colocar os planos em prática.

Fico imaginando como será quando o museu estiver pronto. Durante a curta, mas intensa “viagem” que fiz, olhando as selas, chapéus e gibões, penso que entrar nesse museu será como atravessar uma porteira de fazenda. daquelas fazendas que quase todo Nordestino tem na lembrança. Mesmo quem nasceu no litoral e visitava o sertão somente nas férias, como

*AS FOTOS QUE ILUSTRAM
ESSE ARTIGO SÃO DE
ALEX FERNANDES E PABLO
PINHEIRO E FAZEM
PARTE DO PRIMEIRO
PROJETO DA SÉRIE
“ENSAIOS POTIGUARES DE
FOTOGRAFIA”, INTITULADO
VAQUEIROS TRADICIONAIS
DO SERIDÓ, RESULTADO
DE UM ANO DE VIAGENS,
PESQUISAS, VIVÊNCIAS E
CONVIVÊNCIAS ENTRE OS
TRADICIONAIS VAQUEIROS
DAQUELA REGIÃO,
PARTICULARMENTE DO
MUNICÍPIO DE ACARI.*

◆ s e s s ã o

HARMONIA DE SÉCULOS



Por Cid Augusto | Foto João Maria Alves

Uns atravessam a vida e jamais sentem a força do Sol sertanejo abrindo a moleira para fortificar as ideias. Outros passam no mundo e se despedem sem purificar a alma na vazante da maré que, tanto sagrada, tanto profana, arrasta todos os pecados para as profundezas.

Quem nasce em Mossoró, onde o sertão vez em quando se arrepiava com o cheiro atlântico que o vento tange das entranhas de Tibau, Grossos e Areia Branca, escolhe livremente, a qualquer instante, se mergulha no destino das ondas ou se embrenha nas veredas da caatinga.

As tradições do sertão e do litoral, opostas nos dicionários da língua portuguesa, avizinham-se nos ensinamentos do meu avô materno, homem da cidade com jeito de país, cujo rio, no espaço de um aboio, rompe mangues, beira pirâmides de sal e penetra o mar da Barra.

Ora o patriarca estava na Fazenda Mororó, na lida com o gado quase sempre magro, no desafio quixotesco de extrair água razoável do subsolo salobro, à base de moinhos, e na ilusão de produzir frutos de sementes que a chuva, sem o menor tesão, recusava-se a fecundar.

Em janeiro, exilava-se entre o morro e o oceano, vizinho à Pedra da Sereia e ao Bar de Zé Chorão. A antiga casa de taipa com paredes caídas, janelas e portas amarelas, ladeada por sulcos de vertentes, era, à noite, à luz de candeeiros, o melhor observatório de estrelas.

Na fazenda, os heróis do mato reuniam-se no alpendre do vaqueiro Cesário para reviver as pegadas, as vaquejadas. Contavam de mal-assombros, o fogo do boitatá

na mata escura, a vingança do caipora contra aquele que se atreveu na caçada sem lhe ofertar fumo e cachaça.

Em Tibau, a “Morros Vermelhos” do navegador holandês Gideon Morris de Jorge, que por lá esteve no século XVII, paraíso terapêutico do poeta Henrique Castriciano, pescadores recém-chegados da lida das marés paravam a fim de vender peixe e narrar suas aventuras.

Dos homens do campo, inesquecível a saga de Chico Mouco, sobrevivente de três raios, um deles responsável pelas mortes do pai, do jumento e do cachorro da família. Havia juazeiros habitados por fantasmas, as burrinhas de padre, as almas penadas que revelavam botijas.

Entre os lobos do mar, Ananias desvendou o segredo do batalhão de soldados que viajava no coração das ventanias da madrugada. Tidó encontrou-se com o tinoso num heróico mergulho em alto-mar. Pirá, que era mecânico, garantia existirem elefantes na Praia do Ceará.

O leite morno amanhecia o curral ao bater o fundo das canecas, o café de Dona Terezinha, feito no forno a lenha e coado no pano. No almoço, paçoca de pilão, bode assado, maxixe, arroz de leite. A janta, no último claro da tarde, e a família em torno da tigela de coalhada.

“Olha o grude! Olha a tapioca!” Assim anunciava-se o dia no sopé do Morro das Sete Cores. Por volta das treze horas, peixada de cioba e pirão ou cavala frita. Feijão e arroz branco no acompanhamento de ambos. Aqui e acolá, taioba, siri. Vencida a tarde, o leite, o pão, a sopa.

Nos dois casos, as mesas enormes de madeira, o avô na posição patriarcal, à cabeceira, de frente para a imagem de Santa Luzia. Morreu cego, mas nunca perdeu a fé. A avó, ao seu lado esquerdo da fazenda e direito na praia, sempre insistia para todo mundo comer mais.

Meninos virgens pastoravam o amor dos bichos com instinto animal. A pressa dos galináceos. O cio das vacas, o fardo dos touros, mugidos, montas, orgasmos. As potrancas, como em versos de Olegário Mariano, sacudindo as crinas para o corcel que lhes erguia as patas.

Tais moços buscavam em vertentes afastadas, a nudez das praias, amores de Othoniel Menezes; e aguardavam, ansiosos, as tardes de domingo para testemunhar as evoluções de casais que se refugiavam nas alas secretas da formação erodida denominada Labirinto.

Montava-se em burro bravo, cavalgadas, fabricavam-se baladeiras com ganchos de pereiro e ligas de pneu, bois de osso, cabra-cega, bonecos de sabugo de milho... Empinava-se pipa, guerreava-se com torrões, pescaria, jacaré, enchiam-se garrafas de areias coloridas.

Há no espírito dessas Memórias, a ampulheta com todas as areias da região, dando o norte de que, acertadas as profecias do beato Antônio Conselheiro, sertão e mar, virados um no outro, permanecerão no mesmíssimo território, na harmonia de séculos. Ao menos aqui.

Cid Augusto é poeta e jornalista.

◆ c a u s o



DIABETES

Por Bartolomeu Correia de Melo | Ilustrações Isaías Ribeiro

A coisa foi piorando,
pro lado dos piorais...

Jessier Quirino

Depois do almoço, cotovelos na janela, Brás olhava o quintal sombroso; cigarro no canto da boca, cismando seus aperreios. Debaxo da pitombeira, entre os coados de sol, as galinhas se afincavam no cisca-cisca das folhas secas. Aquela lagartixona do muro, sempre bajuladeira, parecia adivinhar-lhe os pensares.

Daí que chupou fundo o final gostoso do cigarro. Meio que remorsado, ainda demorou o trago nos bofes, até quase entontecer. Soltou devagarinho a derradeira baforada, como suspirasse alguma perda. Atirando longe a piúba, cuspinhou enraivado o travo restante.

– Vai-te pro nunca-mais, desgraça!

No entonce, testa frangida, esfregou a dormência dos dedos arroxeados. E assim capiongo, espiava pra farra dos pas-

sarinhos na madurez dos mamões, asso-
biando uma valsinha impaciente.

Agora, muito a sério, Brás relembrava seu dito gaiato – “*Ora, parar de fumar, coisa fácil demais... Eu mesmo já deixei dúzias de vezes! Fhum!*”

Mas, dessa viagem, não tinha volta, não. Valia seu resto de saúde, palavra do doutor Francisco: – “*Finda em aleijão, veja bem; deixe disso, senão...*” Então mostrou-lhe, num livro grosso, figuras de gente cotó, dando um nome feio praquela doença. – “*Perda de dedos: dormência, isquemia, depois, necrose e amputação!*” – disse agourento. – “*E além de tudo, me entenda bem, caem outras pontas...*” – sorriu sem graça.

– Diacho de vício besta!... – Brás esconjurou, apalpando as partes.

Num canto do muro, a lagartixona concordava, toda sisuda.

Derna de menino-velho, se querendo homem-macho, tirante os engulhos e mareios do aprendizado, tirava prazeres do fumo. Isso, mais de trint’anos... Nesses ontens, ninguém falava, como hoje, nos malefícios do cujo. Com tanto tempo, essa mania lhe findara virada em pedaço de seu jeito, como coisa entranhada n’alma. Agora, de repente, esse dito malcostume, sem mais apelação, sendo-lhe assim esconjurado e desrançado... Naquilo lhe restava um pasmo vazio, algum vago remoer de injustiça, quase amargor de corno novato. A galinha pedrês parou de caçar beliscos e pôs-se quieta, espiando de banda, como apiedada. Ele, enraivado, quase que a mandava à merda.

Ainda nessa mesma tarde, na prosa da bodega, começara refugando beijações e cafezinhos. Mas ainda respirava fundo perante as fumaças alheias – seria pecado desejar o cigarro do próximo? E nada de avisar ninguém daquilo proposto. Por já quantas idas e vindas, lhe negariam qualquer crença. Logo ele, fumante fedorento a caipora que, tantas vezes, promessado a parar, findava fumando escondido... Porém, dessa feita, se jurava em briga triste e feia, reteima braba. Coisa mesmo de vida ou morte; que Deus o valesse e o Cão nem se metesse!...

– Hei de vencer!... – repetia leseiras assim, trincando dentes.

Doutor Francisco não lhe receitara nenhuma ajuda. Nem gargarejos salinos, nem emplastos de fumo, nem aqueles chicles de nicotina... Muito pelo contrário, até que os proibiu, pois que intolerar tal droga era justo a causa do seu mal. – **“Encare a luta, armado de vontade!”** – atçara risinho, mas toando duvidoso.

De um tudo já cuidara – doutor dizia que tudo valia – até reza-forte. Mãe Jurema lhe dera uma surra de galho verde, que nem curasse cobreiro brabo. Daí, recebeu banho de sal grosso em água de flor de tabaco e outras milacrias. Porém, condida em franqueza, a velhinha findara desconselhando cura ou abrandura praquela esquisita precisão: – **“Ora pois, meu fizim, se baforadas são portas de entrar e sair pro mundo dos orixás...”**

Se bem que uns chás disso e daquilo algum tanto lhe desansiassem – com capim-santo ou cipó-caboclo, até caía no sono – mas, haveria de trocar fumaça por sonho? Seguiu rebuscando um qualquer sanativo pra tal incômodo, que mais parecia um teimoso fervilhado no miolo do juízo.

– Viche, que agora danou-se!... – redizia impaciências.

Aquela vizinha querente, meio estranha, meio velhusca, versada em esoterices, ofereceu-lhe uns tratos com incensos, gemas e florais. Champrou a vizinha – que gozava gemendo mantras – mas nada de largar a droga do vício. Inda mais que, também fumante, ela cheirava a peixe defumado. Boa de começo, mas findava meio repugnosa.

Afinal, não era de ferro, não. Rejurava hoje, porém, logo amanhã, lá estava na janela do quintal, olhando os sanhaços na pitombeira; cigarro nos beiços e peso nos remorsos. Era mais fácil as galinhas ciscarem pra frente ou a lagartixona do muro balançar a cabecinha em negação.

– Ah, nó-cego! – **Fhum!**... – se ria triste.

Reparava nos dedos, mais e mais, roxos e dormentes... Até que, dia desses, notou que, entre os coados de sol, as pitombas amarelavam. Ora, pitombas... Aí até achou graça, revendo que, em menino, fora mesmo viciadinho nelas. Seguiu naquilo rematutando... Se isso de fumar – como dizia o doutor – era tanto vício quanto mania... Quiçá chupasse uma pitomba quando batesse vontade? Nesse engodo, se espaiçaria?...

– Não custa tentar prova... – assim animado, pensou falando.

Muito que lhe bem. Com pouco ensaio, não custou aquilo a dar certo; depois, pronto que valeu. No que lhe vinha fome de fumo; tome pitomba nela! Que nem milagre, se mitigava; logo-loguinho, tudo mudara. E nunca mais lhe sobejaram vontades nem lhe faltavam pitombas nos bolsos. A bem dizer, ganhara na troca. Até ensinou tal simpatia pra vizinha – que chupava gemendo mantras.

Mas diz-que toda boa arrumação tem um porém... Pois que então findou-se a safra de pitombas. Aí, pronto que bateu-lhe o mesmo triste aperreio... Como desconfiara, se descobriu dependendo das dadadinhas. Ora se, por fim, num cachinho chocho, dera preço de dúzia... Viciado, de-mesmo!

– Danou-se, que agora lascou tudo! – desesperançava.

Por que não eram como as bananas que nunca sumiam? Mas, com nenhuma outra fruta, não saciava aquela querência desinquieta. Daí, fora o jeito tornar aos cigarros. E neles recaíra de-com-força.

– **Fhum!**... Não fosse triste, seria engraçado... – relamentava.

Porém, com pouco, eis a rebordosa: haja dedos roxeando e adormecendo. De novo, na janela da cozinha; cigarro nos beiços, olhos no quintal... As galinhas

ciscavam, ciscavam e nada achavam. A lagartixona do muro semelhava redizer: – **“Pois é, pois é...”**

A vizinha, menos estranha e mais querente, lhe cochichava: – **“Ora, Brasinha, um tapinha maneiro não faz mal – tá ligado? Bagulho esperto, barato sem nicotina...”** Arrenegou a tentação, todo escrupuloso, mode suas temidas fraquezas. E seguiu, no mesmo sofrido jejum, tragando somente as defumações de incenso. Por vezes, quase que também gemia; pelos doeres dos seus desgostos.

Noutro dia, na bodega, Brás ganhou de troco umas balas de hortelã – regalo esquecido derna de menino. Loguinho, numa das vezes de desejo, chupou uma delas, intentando no mesmo efeito das pitombas. E deu certo, até demais! Daí avante, contentemente, enchia os bolsos de balas verdes – que chamava de **“minha munição”**. E naquilo inveterou; era findando uma e descascando outra. Feliz, feito pinto no xerém, pois confeitos não têm entressafra. E assim, foi...

Tempos adiante, aquela dormência reimososa passara das mãos pros pés.

– Ora, menos mal... – avaliara.

Nem gemas nem gemidos, nem florais nem catuabas, nem rezas-fortes... Aos poucos, quase sem tristeza, desanimou-se de pular o muro da vizinha. Agora somente rechupava suas doces balinhas de hortelã...

Até que, a vista ficando rombuda, sem querer, quebrara o copo da dentadura, na mesinha de cabeceira. E nem notara um caquinho de vidro restado no chão; nem sentira depois aquele pedacinho, fincado debaixo do dedão dormente...

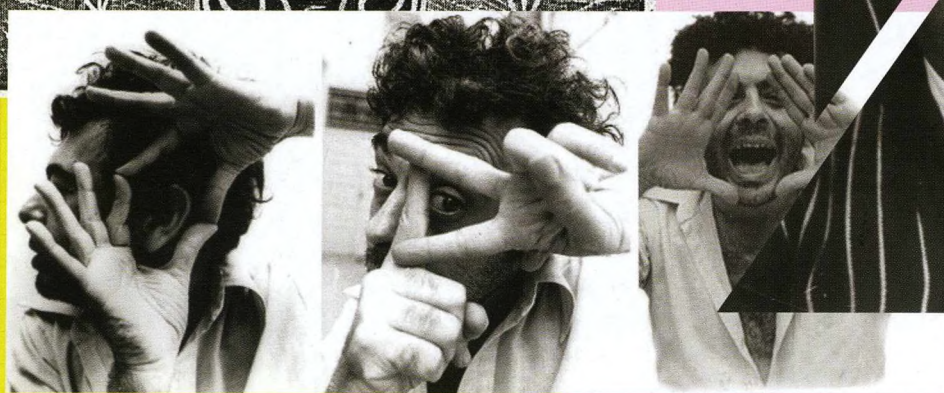
Semana depois, justo quando as pitombas voltavam, Brás finou-se de gangrena. Diz-que doutor Chiquinho culpou sua mania por confeitos.

No muro do quintal sombroso, a lagartixona seguia concordando.

Bartolomeu Correia de Melo, Ceará-Mirim, 1930, Natal, 2011, escreveu contos e romances.

◆ película

SERTÃO EM TRANSE



Por Augusto Lula

O anjo de Paul Klee, que de costas para o futuro observa os escombros do presente e tenta inutilmente acordar seus mortos, pode representar a imagem do sonho de um cinema brasileiro norterriograndense. Fazer – ou melhor, sonhar fazer cinema em Natal, reinventar a nossa época, visitar a nossa história, é fotografar esse tempo caótico, é tentar captar a angústia dessa ruína em movimento.

O sonho do cinema brasileiro norterriograndense sem sorte é Augusto Ribeiro Júnior e a visão de um boi de prata brilhante na terra do sol – e quinze, vinte e tantos anos sem filmar. O que se passou pela sua cabeça? Quantas imagens não concretizadas, não impressas no celulóide? Glauber Rocha, de quem Ribeiro Júnior tanto bebeu, morreu atravessando o Atlântico com uma dor sangrando no peito. Mário Peixoto forçou o limite ao verbalizar planos impossíveis para as condições de produção do cinema brasileiro. Godard lembrou que, no centenário do cinema, o que se comemorava era a primeira exibição pública e paga de um filme. O mito de Eisenstein e seus filmes trucidados pelo dano ao novo, um coração de película ardente como brasa adormecida. O grito de Jesuíno Brilhante ecoando no panorama de filmes não realizados, vidas secas e marginalizadas urrando na flor da tela, vingando os meninos da Candelária e os homens do Carandiru. Fazer cinema em Natal, no Nordeste do Brasil, é uma necessidade fisiológica, uma dor que nunca se apaga, andar nesta terra natal sob um sol que não é luz, imprimindo um plano de vida traçado por Deus e pelo Diabo num Nordeste sem futuro.

Augusto Ribeiro Júnior era marginalizado e chamado de maconheiro na terra de Felipe Camarão. O hotel onde se hospedava em Caicó durante as filmagens do *Boi de*

prata foi invadido pela polícia em busca de drogas. Walter Carvalho, que estreou na direção de fotografia com esse filme, me lembrou recentemente ter sido despertado com um cano na cara. Míope, não precisou de óculos para enxergar toda a violência e truculência de então. Ribeiro Júnior foi detido. Não chegaria a concluir o segundo filme – inspirado no romance de Raquel de Queiroz, *O Quinze*. Morto Augusto Ribeiro Júnior – e apenas para confirmar a regra –, teve início o ensaio das homenagens póstumas. Onde as flores em vida? Onde o apoio para novos filmes? É necessário homenagear os mortos e cuidar para que os vivos não morram à míngua. É necessário não esquecer. É necessário lembrar.

Que um dia, anos atrás, um cineasta chamado Augusto Ribeiro Júnior sonhou fazer cinema no Rio Grande do Norte. Um filme sobre a ocupação da terra e sobre a ocupação das mentes. Um filme sobre um jovem filho de coronel que, voltando ao sertão natal, se alia ao capital internacional para explorar a terra e os minérios da terra. Choque de colonização, choque de civilização. Urbanos colonizados contra sertanejos puros. Quando lutar de peito aberto é suicídio certo, somente a camuflagem da guerrilha poderia salvar a terra da exploração multinacional. Os chifres do boi morto não são mais abandonados sob o sol de uma cerca qualquer, mas se transformam em armas míticas que terminam por matar o jovem aculturado e entreguista. O grupo folclórico de Pedro Gaujiru e seu Boi Calemba como metáfora para os grupos de guerrilha armada. Contra a cocaína das grandes cidades, o vinho da jurema sagrada.

Augusto Ribeiro Júnior foi longe demais em seu sonho de fazer cinema no sertão do Caicó. Apropriou-se do sobrenome

Dantas, tradicional na região, para o personagem Elói, o que fatalmente desagradou os poderosos da época, que vestiram a carapuça. Talvez tenha sido este um dos motivos para o boicote ao filme, que chegou a ter noite de gala na estréia no Cine Rio Grande, com convites para a sociedade potiguar. Imaginem um filme patrocinado pelo Governo do Estado do Rio Grande do Norte e pela Embrafilme ser contra a exploração da scheelita pelo capital estrangeiro. Filho de família tradicional, que deve ter usado dessa condição para conseguir o apoio do governo para produzir o *Boi de prata*, o sonho do ainda jovem cineasta foi visto pelos coronéis como uma última cuspada no prato onde comeu. Uma traição à própria classe que levou Ribeiro Júnior a não mais ter o apoio do Estado, se transformando num marginalizado cultural.

É o caso de perguntar: seria Elói o próprio Augusto? Na sequência noturna onde o protagonista, nas ruínas do seu passado, usa do ferro de marcar gado, com a marca da família, na vagina da esposa bêbada e exploradora, é a lembrança edipiana que surge de maneira violenta; é a traição à sua origem que quase se revela (numa sequência cortada, apenas insinuada) no adultério da mulher com o seu braço direito. Sabendo ter origens entre os exploradores do povo sertanejo, o menino educado no Sul Maravilha volta homem à sua terra e filma a própria angústia. E reza, à moda do seu povo: *Minha Nossa Senhora, oraí pelos magros, filhos sem norte, antes que a morte venha*.

Augusto Lula é autor dos curtas *Ribeira velha de guerra* (1993), *Senhora* (1996) e *Poço. festim. mosaico* (1997).



estou nessa, meu caro editor. e eu nunca pensei em escrever minioromance. mas gosto de desafio. abç.

ser tão sertão ser tão – fragmentos de memória do professor e poeta José Jarbas Martins, nascido, à margem do rio Pataxó, em Angicos, no ano das graças de 1943, quando o inverno, como dádiva do padroeiro São José, enchia de esperanças o mundo e a guerra incendiava a Europa. crônica, minioromance, talvez roteiro de filme, a ser dirigido e montado pelo editor. escritos como que saídos da tisanada e infernal oficina do ferreiro Cazuza, que espalhava, no dia límpido e purificado, pelas águas bentas do padre Tavares, centelhas de fogo.

começamos, meu caro editor. aquilo é só título e a epígrafe do meu anjo torto, o Tristán Corbière. abç. e pra não perturbar as moscas do seu sítio, que a narrativa frua pelo eixo.

Meu grande e fraterno editor:

vou lhe enviar o primeiro fragmento da minha transnarrativa in fieri. Anacronismos, mixagens, hibridismos, tudo cabendo aí: a narrativa é de Jarbas Martins, persona de José Jarbas Martins, citando poemas seus e narrativa como “Transatlântico”, iluminada por Carito. Além de discursos do herói, ou anti herói, Capitão J. da Penha, antes de morrer na Sedição de Juazeiro do Santo Padre Cícero, e textos do profeta e educador Paulo Freire, cidadão angicano. E alusões a Newton Navarro, radicado em terras dos seus familiares, ao pé do Sertão do Cabugi, na fronteira mais distante do nosso Império, desenhando e pintando cenas e paisagens imortais. Há cenas do casal Berilo e Maria Emília, acenando, da Fazenda Santa Cruz, para os passageiros rumo à Estação Angicos. E, claro, a lembrança comovente do Cinema Paraíso de Geraldo Moura de Vasconcelos, pai da poetisa Carmen. Centelhas vindas da oficina suja do mítico Cazuza, o Vulcano da Caatinga. Aguarde. Sua tarefa, editor, é montar, desmontar e descartar essas cenas. Você é também o editor de imagens, diretor e produtor do filme. Estou às suas ordens. Abçs.

(e como logomarca o ferro da ribeira de Angicos, como está no livro de Oswaldo Lamartine.)

SER TÃO SERTÃO SER TÃO

Por Jarbas Martins.

Il fait noir, enfant, voleur d'étincelles!

(ou na minha distraída tradução: “É tudo breu, menino, ladrão de centelhas!”)

Tristan Corbière

Estação Angicos

Locus amoenus, ou nem tanto, meu umbigo, a origem, logos. A estação ferroviária, sua parede como um mural anunciando a data inaugural: 1933. Dez anos antes, nascera o poeta e professor Jarbas Martins, a persona de José Jarbas Martins, filho de Luiz de França Martins e Maria Lutécia Péres de Araújo, sobrenome esse sequestrado, depois, pelas leis do matrimônio civil caducas. No nome da minha mãe sinalizavam-se, portanto, a arrogância cartorial, que herdara do seu pai, Zacarias Antônio de Araújo, ex-tabelião em Macau, e a chegada tardia da República Nova. Forasteira ilustre, de passos lentíssimos, como engomando as ruas, numa indeterminada vila-com-ares-de-cidade ou cidade-com-ares-de-vila. Angicos, pobre e imortal, como no verso de Jorge Luís Borges, que acabo de reinventar.

segue o primeiro fragmento ou parágrafo para a revista preá. decidi que essas memórias deveriam ser adequadas à publicação de blogs, revistas ou jornal. o estilo escolhido, para esses meios, foi este. para livro, cinema ou televisão teria que inventar outros estilos. você tem todo direito de corrigir, arbitrariamente remendar, ou mandar o texto pra lixeira, caro editor. e descarte essa tradução de corbière, repetida logo após o fragmento inicial de ser tão sertão ser tão.

O VULCANO DA CAATINGA

Poucos os angicanos que viram de perto o ferreiro Cazuza, o Vulcano da Caatinga, na denominação mitopoética do professor Caracciolo, que estudara em Roma. Em sua oficina suja e misteriosa, um vulto cosia-se às paredes tisanadas, ao fole, bigorna, e ao martelo de onde extraía as fagulhas da sua invenção. Quem distinguiria Cazuza, naquela diuturna escuridão de breu? Emanava daquela caverna, diziam, com seus chuveiros belos de fogo como salivas, o germe dos milagres, da aura mágica que acompanhava a eficácia convertedora do padre Tavares, o andar franciscano da

beata Virgília, ou do beato Bernardo, carregando o andor da Santa Castidade, apesar de casado. A centelha da criação brotava, como água misericordiosa de cacimba, das mãos do ferreiro. Suas cintilações epifânicas já haviam inspirado os versos em latim do padre Xavier e das perorações, em hebraico, do padre Jocelyn. Bem antes, o congregado mariano Aluizio Alves, que alçaria ao posto de incontestável líder político, e provara o gosto afrodisíaco do poder, já havia relatado, em fulgurante estilo, a História da Vila de São José dos Angicos e a saga penitente de um santo: o padre Ibiapina. Desde a Antiguidade, a fábrica de prodígios de Cazuzá, o sem rosto, em sua servidão diária, fechara para o sagrado lazer.

segue mais um fragmentado capítulo de uma história épico-lírica, e hilariante, de políticos, fazendeiros, galãs, princesas, heróis, poetas, guerreiros e o escambau. estou com a mão coçando.

mano, eu te disse que quando estou afim de escrever ou atirar, o dedo coça. o bicho passou na frente, e não pensei duas vezes, mas só dei um disparo... só não sabia que você tava aí de butuca. tremendo vacilo, cara. mas trato é trato. comprometo-me reparar os estragos. escreverei outro texto, bem melhor, dia sim, dia não, mandarei mais parágrafos. e me ausentarei do espaço por umas semanas. abçs., beijos em M.E...

Editor, meu brother:

*Até terça-feira fico longe do computador. São os meus dias de Irani. Quanto ao Ser tão Sertão Ser tão, tudo bem, há que se preservar o ineditismo dos textos para a **Preá**. Procurarei evitar, ao máximo, as repetições de textos já escritos. Mas não posso de recorrer a eles: são fontes de inspiração, gosto de remakes e de mixagens também. Tem o "Transatlântico" que postei aí, e graças ao teu generoso incentivo, meu bom editor, ainda hoje eu o estou escrevendo e reescrevendo. E tem os comentários que deixei pelo teu sítio, que preciso reencontrá-los. No mais, o meu desroteiro narrativo fica aos caprichos de tua direção, que tem todo o direito de montá-lo, desmontá-lo e de descartá-lo. E fica submissa, naturalmente, à tua bela inspiração, sob o signo da tua musa M.E. Inspiração do fogo, faiscante, como que vinda da oficina de Cazuzá, o Vulcano da Caatinga da minha infância.*

E incandescente, como as "étincelles" que encantaram meu poeta Corbière, ladrão de.

FASES DE FRANCISCA

Enquanto isso, não muito longe da oficina infernal de Cazuzá, aproximando-se dos fundos da igreja, Francisca, como de costume, sentava-se em sua cadeira de palhinha. Procurava distrair-se e livrar-se dos medos que lhe causavam os terríveis segredos de Nossa Senhora de Fátima, prestes a serem revelados por padre Tavares aos angicanos e ao mundo todo. Até àquela incerta sexta-feira dos inícios do ano da graça de 1960, Francisca, a casta Filha de Maria, não demonstrara ainda ao povo de sua cidade sua fase de pássaros... Esperava o instante com o ardor de uma noviça. Francisca inclinou suavemente a cabeça para trás. Os olhos fechados aboliram a indiferente torre da igreja e a platibanda de uma casa em frente. Um canário belga aninhou-se em sua clavícula. E outros pássaros de cores e sotaques estrangeiros encurralaram-na. Com a lassidão de um amante de um bordel divino, entregara-se Francisca à lascívia de um pato que voara de um rio da China, suas asas molhadas de tempo. Mordiscou-lhe o ereto mamilo que irrompera de repente de seu seio. Crescera-lhe com o ímpeto e a vivacidade de uma gramínea no inverno sertanejo. Era jovem e vivera apenas dezoito janeiros e três invernos, em sua semi-árida cidade. Concrizes beliscavam-lhe os pés virgens que ignoravam caminhos. Um periquito australiano catava em sua cabeça lândeas e lendas inexistentes. O que atraía o excitado colibri na orelha sem brincos de Francisca? Olhos suavemente cerrados, o braço esquerdo caído e a mão imaginando flores na calçada de pedras quentes... Francisca iniciava-se em seus Mistérios Gozosos. Em súbita revoada, como uma fuga pesada de culpas, os pássaros deixaram, como um presente para ela, toda uma escala musical. Tons, semitons, melodias inaudíveis para os ouvidos dos mortais, prelúdios de um instante de múltiplos gozos.

INVERNO

Estrelas cadentes riscaram o céu de Angicos. Pareciam fagulhas escapadas da forja de Cazuzá, o sem rosto. Das distâncias do Clube do Forró da Lua, a sanfona de Ramos já anunciava a festa. De seu mágico instrumento, Ramos extraía um rasqueado e ondulante som, como um *S enorme*. De pronto, formou-se uma jovial procissão, de passos ágeis, rumo às cercanias do Alto da Favela... Espantavam-se à passagem da alegre romaria os mocós mal escondidos em suas moitas cheirosas. Sob as pedras a cascavel nutria sua insônia traiçoeira, e os vagalumes emitiam nervosos o seu S.O.S. de luz. Um coro inchado de sapos, como que agradecia aos céus a chuva que caíra intempestiva e desejada à tarde. Sem despertar suspeitas, o cinzento transformara-se no jubiloso verde da caatinga.

caro editor, fiz algumas alterações no ser tão sertão ser tão. a epígrafe de corbière continua, mas retirei a minha tradução. re-escrevi os fragmentos (sempre obedecendo o foco narrativo, que alterna realidade e imaginação). por ora, os fragmentos são: estação angicos, o vulcano da caatinga, fases de francisca e inverno. outros “capítulos” serão enviados, até você poder dispor de um certo material, para, a seu gosto, montar, pulverizar, fundir e descartar. já que este narrador é cria sua, não use da piedade, essa coisa que, segundo pound, tem poupado tanta coisa ruim na literatura. aceitarei também suas sugestões, meu jovem mestre.

ando pesquisando uns personagens angicanos: um velho primo de meu avô, que foi o último monarquista, morreu leal a dom pedro, trechos do político, herói republicano, orador e escritor jota da penha, as glosas fesceninas de édson péres, biografemas do professor e jornalista zacarias antônio araujo, meu avô materno... a fonte principal é a história de angicos, de aluizio alves, mas quero complementar estas narrativas, com informações orais de pessoas que ainda estão vivas, como um neto de josé da penha que mora aqui em natal. enquanto não concluo as pesquisas e os fragmentos (que cabe a você montá-los, descartá-los etc.) segue o texto do poeta jarbas martins, máscara de josé jarbas martins, o narrador de ser tão (fica melhor o título assim, não?). você pode pegar também o texto “transatlânticos”, que terá naturalmente uma ilustração de carito, certo? mãos à obra.

O POETA JARBAS MARTINS LEMBRA SOCORRO, A MAGA ANGICANA

Chegarei onde estiveres, amor meu, a Roma, ou a Castela com seu muro fortificado e sua torre, ainda que sobre mim caia uma chuva de sal, ainda que me impeçam as pontes desabadas, ainda que voltem-me as lembranças da infância terrífica de Angicos, o pio da coruja ao meio-dia, o redemunho, um estalido quebrado na caatinga. Com o meu verso tardo como escudo, uma rima de arrimo em teu socorro, rumarei contigo, amor meu, uma romã oculta no meu bolso, à Estação Angicos, num coche de égua ou água negra, sem antes descansar minhas barbas marfins em tuas pernas, por fim eternas. Uma lanterna, como um velho amor, iluminando.

caro editor, andei vadiando pelo facebook e encontrei velhos amigos da faculdade de direito: ilná rosado, pedro simões, sônia bandeira, e outros avôs e avós... seguinte: e se eu desistir do romance, que precisava de umas pesquisas impossíveis no momento? com o que eu mandei você pode juntar “transatlântico”... e se eu mandar uns repaginados e desconectados textos que têm a ilusória angicos como pano de fundo?

chefe-editor: abri o arquivo e o tesão de escrever voltou, não me lembrava do que tinha já escrito. olha, aquele simulacro de poema visual falando do cabugi pode entrar. vou entrar em contato agora, pelo telefone, com uma prima q mora em angicos. pra ela me contar, à maneira da minha avó, a lenda de damasinha, assassinada pelo marido. lenda mal contada pelo historiador aluizio alves no seu livro sobre angicos. em breve narrativa vou dar contornos shakespeareanos à essa história. até depois de amanhã, chefe-editor.

seguinte: enquanto pesquiso o drama shakespereano de damasinha, envio este fragmento que conclui o capítulo O POETA JARBAS MARTINS LEMBRA SOCORRO, A MAGA ANGICANA. assim:

Mas antes de retornarmos ao nosso Império de sol e castelos de cartas, nos perderíamos de amor por Roma... Amor por Roma, descobririas logo, nesse palíndromo, duas palavras como dois pequenos vagões, a mão ou uma peça unindo uma palavra à outra, em uma eterna viagem e torna-viagem. Vagaríamos pela Itália à procura de uma cidadezinha como a do poema de Ungaretti. Pernoitaríamos nessa cidade, tão estranha para nós, com suas quatro estações bem definidas. Tão diferente de nossa Angicos com sua única e ilusória Estação.

e por hoje é só, chefe-editor. estou no rastro do fantasma de damasinha. abs.

chefe-editor: no capítulo INVERNO, logo após, “... no jubiloso verde da caatinga.”, acrescente-se:

O magro e desajeitado José Jarbas Martins ajustava na cara a máscara do poeta Jarbas Martins, e intuía o primeiro poema pré-concretista da região semiárida: “reverdece”.

saudações.

O VALOROSO CAPITÃO JOTA DA PENHA E SUAS IDÉIAS FORA DO LUGAR

Se a República Nova chegou à modorrenta Angicos, cautelosa e velha, engomando as ruas, o mesmo não se pode dizer das idéias positivistas que animaram a Primeira República. Chegaram à vila angicana com o idealista e pragmático José Rufino, hoje monumentalizado com seu nome gravado no frontão do Grupo Escolar. Mas essas exóticas idéias só se propagariam – de Angicos para o Brasil inteiro – graças ao gênio do Capitão Jota da Penha, um corajoso militar, político, escritor, autor de livros sobre a arte da guerra, poeta, crítico literário e, por fim, herói e anti-herói. Morreria lutando, em Juazeiro do Norte, contra o ideário medievo-religioso do Padim Padre Cícero e seus seguidores – beatos, cangaceiros, coronéis, asseclas de toda estirpe e jagunços. Bustificado na praça central da sua cidade, Capitão Jota da Penha empresta gloriosamente seu nome àquele logradouro, onde nasceriam o historiador e político Aluizio Alves e o professor e poeta Jarbas Martins. A este coube a missão de cantar, por trás das grades de um soneto, as façanhas do quixotesco Capitão. Dedicou seu épico soneto a Aluizio Alves e ao jornalista e memorialista Woden Madrugada, fascinado pelas sagas sertanejas.

tem recebido as matérias sobre o ser tão? olha, meu chefe-editor, aquele teu belo poema visual sobre o cabugi (os sítios de maria emília) também entra, não? pelo menos como uma citação ou um prólogo. Abs

UMA MESTRA E NARRADORA QUE PAULO FREIRE NÃO CITOU

Além de professora leiga, que desasnou gerações de angicanos em sua escola particular, Maria das Chagas Martins foi a última narradora daqueles sertões. Deixou como discípulos dedicados, e zelosos guardiães da sua memória, dois netos – a professora e pesquisadora Vera Martins de Azevedo e o poeta Jarbas Martins. Essa enérgica figura feminina, flor de mandacaru, límpida água de ca-

cimba, chegara à cidade com seu marido Antônio Martins Sobrinho, que ali se estabelecera como pequeno comerciante. Deixaram em seu abençoado minifúndio, chamado Espírito Santo, um mundo onde os afazeres domésticos como que amalgamavam-se a lendárias histórias da Idade Média. Como a de Santa Marta, laboriosa dona de casa em sua messiânica Jerusalém de tantos sonhos. O educador Paulo Freire, com suas proféticas barbas de cristão e marxista, que chegaria a Angicos pela mão do governador Aluizio Alves e colocaria a cidade no mapa-múndi da moderna pedagogia, não conheceu Maria das Chagas Martins. A bíblica Maria, o alterego de Marta.

a trágica história de damasinha, que tem a dimensão trágica de ofélia, virá logo a seguir. abs.

A PAIXÃO DE DAMASINHA

Consta no imaginário do nosso povo que Damasinha, que se casara com Antonio Lopes, pertencente ao clã familiar que fundara a cidade de Angicos, foi imolada por obedecer fielmente aos seus princípios religiosos. Casara-se com um personagem trágico, de contornos shakespearianos, e a seu marido se entregara de corpo e alma, dedicando-se como a bíblica Marta a seus afazeres domésticos. Seguiu as lições evangélicas de uma santa submissão ao Esposo. Os fantasmas de uma paixão, porém, tomaram, de assalto, o coração e a mente de Antonio. Ameaçava a sua fiel e laboriosa mulher, e injuriava-a com o punhal diuturno da loucura. Da sua boca, nenhum sinal de queixume, mesmo diante da zelosíssima e venerada mãe. Resignava-se. Era o mandamento divino. Conta a professora Maria das Chagas Martins, a última narradora e intérprete da alma do povo sertanejo que, em certo dia de festa, em honra ao padroeiro da vila, fora o casal à igreja. Pressentira Damasinha, de volta à Favela, cercanias do povoado onde morava, que a morte a esperava sorrateira. Em casa, Antonio já prepara o leito em que a Esposa dormiria para sempre. Círios e flores o adornariam. Sucumbida pelo braço da morte assassina, entregara o seu corpo e sua alma a Deus. Um jato de sangue saído do seu corpo mancharia o corpo de Antonio, e uma chaga ali se formaria, como vestígios do crime e do castigo, para sempre. Sairia Antonio a casa de um vizinho, e comunicaria, em um poético delírio, o assassinato da mulher.

O delírio de Antônio, o algoz, faz-nos lembrar o delírio de Ofélia, a vítima de Hamlet, que buscou a morte em um es-

quife de águas e de flores. “Matei Damasinha, enfeitei-a de flores, estava tão bonita, parecia Santa Marta...” Os sinos da igreja, sem que ninguém os tocasse, dobraram por Damasinha, nessa hora. A mártir angicana cultuada pelos mais velhos. O historiador Aluísio Alves, em seu livro *Angicos*, baseado numa incipiente psicologia social, não soube explicar esse acontecimento trágico. A professora Maria das Chagas Martins, em seus medievos ensinamentos, narrou-o e explicou ao povo.

segue o texto sobre damasinha. enviarei mais dois: um sobre futebol praticado com uma bexiga de boi, e outro sobre uma viagem de trem para angicos... com aquele “transatlântico”, no qual você me descobriu como narrador, e aquele em forma de poema visual, sobre o cabugi, acho que dá pra encerrar, não? se quiser dar um retoque no estilo, tá autorizado.

abs. jm.

RUMO À ESTAÇÃO ANGICOS

Era um tempo de ódio e muita esportividade. Passávamos as férias, em Angicos, eu e meus irmãos Jailson (um craque que driblou o seu destino) e Jackson (que carregou, com a medicina, sua paixão futebolística para São Paulo). Viajávamos de trem. Jamilson (o desportista) e Jairo (médico e torcedor em São Paulo) só viajavam, por serem mais novos, com nossos pais. E minha irmã Lucinha, também, por ser mulher. E que ainda não sonhava ser professora de francês. Mas todos nós viajamos de trem na infância. Até hoje sinto uma enorme pena pelos que nunca viajaram de trem nessa idade... Especialmente pelos que nunca viajaram de trem rumo à Estação Angicos. O embarque era um ritual mágico que começava cedinho, ainda escuro, e tinha gosto de pasta de dente e de hálito de sono interrompido. A estação era belíssima, em seu estilo arquitetônico, e o detalhe que mais me fascinava era a catraca, por onde inevitavelmente tínhamos que passar. Os passageiros se dividiam em vagões de primeira e segunda classe. E nunca compreendi essa hierarquização. Chegar era o nosso destino. Mas antes tínhamos que nos deliciar com o grude de Extremoz, um maná caído dos céus. E com uma estação de uma cidade que a meus olhos e ouvidos parecia irreal: Ceará-Mirim. Outros nomes de cidade e de povoados se sucediam, como contas de um rosário: Baixa Verde, Massangana, Itapassaroca. No pino do meio-dia chegávamos a Pedra Preta, a caatinga com seu cenário assustador. Ramos esqueléticos de árvores, pedras e um silêncio causticante... Mas chegar à Estação Angicos era nosso destino.

ANGICOS, FUTEBOL E BEXIGA

Não era apenas o futebol que dividia a cidade. A política, de forma mais rancorosa, também. Nossa família era do partido da UDN. Um dia vi uma prima bonita, já moça, ostentando, de forma provocadora, sobre o seio em flor, a efígie de Getúlio Vargas. Presente de um namorado, disse-me, entre um sorriso e um piscar de olho, onde pude decifrar toda a malícia humana. O namorado era de uma família adversária. Guardei o segredo. Sabia que cairia sobre a sua jovem cabeça todas as acusações possíveis, bisavós trepidantes saindo dos túmulos para defender a honra e a integridade do clã.

Não havia ainda a literatura, nem Homero, nem Marx, nem Buñuel. O monumento de angústia e papel, erigido por Camus (que jogara futebol antes de ser escritor) não despontara ainda ante meus olhos. Jogávamos nos campos semi-áridos da cidade, despidos de grama e de qualquer outra forma de verde. E líamos, com muito humor, as disputadas folhas desportivas dos jornais, que chegavam com o trem. Um primo – na verdade, éramos uma só família – tinha uma coleção invejadíssima de uma revista: *A Vida do Craque*. Os nomes dos nossos heróis tinham uma sonoridade especial: Ademir, Danilo, Sabará, Dequinha, Rubens, Castilho, Píndaro e Pinheiro. Se não havia o marxismo, a poesia – que ainda não conhecíamos pelo nome – brotava, recôndita, como as águas das cacimbas.

Em uma tarde, metido na minha roupa dos domingos, surpreendi-a em sua modalidade épico-lírica. Lembro-me bem. Três meninos, da minha idade, jogavam bola ao lado do Mercado, chutando um objeto estranhíssimo. Era algo transparente, que boiava na tarde azul, uma película meio oval inflada de ar. Perguntei aos meninos o que era aquilo. “Uma bexiga de boi”, respondeu-me um dos garotos, sem compreender a minha ignorância e o meu espanto. Sem pedir licença, entrei no jogo, e outros meninos, igualmente endomingados, acompanharam-me. Não sei quanto tempo durou a inefável e bovina partida. Os meus chutes pareciam tocar o imponderável. Em nenhum momento pensei na hipótese trágica de que um boi havia sido sacrificado para satisfazer a atividade lúdica de um punhado de meninos.

Devia ser um janeiro inclemente, pois no céu não havia uma esperança de nuvens. Havia, é certo, um desejo esportivo disseminado em tudo: nas desavenças familiares, na rivalidade entre o Vasco e o Flamengo, na UDN e no PSD, no obscuro desejo de namorar as primas.

caro editor, creio que com este fragmento encerro a narrativa, denominada “ser tão” ou “estação angicos”. fica a seu critério o título, ou aproveitar todos os fragmentos, ou descartar alguns. se resolver publicá-los mande-me, por favor, o que vai incluir para fazer a revisão. ok? abs.

q
seio
erétil, q
denso rio invi-
sível ou filete a der-
ramar ternuras em su-
as encostas, meu cabugi, mi-
nhas nascentes de vulcânicas cin-
tilações, fulgurâncias e ânsias de ser
desaguadouro, foz, rio de larvas, e eterno mar

REVERDECE

antes que um rasgo de sanfona c-esse

TRANSATLÂNTICO

Não tenho intimidades com navios nem com o mar. Sou sertanejo, de Angicos, caatingueiro, terra banhada por um rio seco, o Pataxó. Referências ao mar, só nas histórias que Maria, minha segunda mãe, me contava. E ela nem conhecia o mar. Quanto a navios e barcos e canoas, nada. Em dia de festas, além do carrossel, havia as baleeiras nas quais me balançava só pelo prazer de me balançar. Não conhecia ainda o Moby Dick, de Melville. Como me imaginar em um barco, lutando contra o mar e as baleias? Perto da minha cidade, no entanto, havia um lugar que se diferenciava dos demais lugares da Região. Chamava-se São Miguel dos Marinheiros, fazenda dos ingleses, homens brancos, de língua estranha, de roupas e costumes diferentes. Ali estive algumas vezes, nos meus oito ou nove anos, com meu pai e um motorista que nos conduzia. Conversando com meu pai e um dos ingleses, um homem já meio velho chamado Seu Bilro, que muito tempo depois identifiquei como sendo o pai ou tio do poeta Newton Navarro. Era classificador de algodão, a riqueza que aqueles estrangeiros arrancavam do nosso solo. O povo chamava os homens brancos de marinheiros, e meu pai me ensinou o significado dessa palavra, e fez menção à outras – navio e vapor. Não me encantei muito com seus significados. Me encantava mesmo o Cabugi, bem pertinho daquele lugar. No inverno parecia sair do seu pico uns fiapos de névoa. Então o povo dizia que o Cabugi estava cachimbando. Somente agora é que eu faço uma poética analogia. No mar de raras águas da caatinga, o Cabugi era um enorme transatlântico. E me ponho, marinheiro encanecido, a navegar.

CAPITÃO JOTA DA PENHA A ALUÍZIO ALVES E WODEN MADRUGA

*Sobre a lua da sela a mão se deixa
e a mão, em inércia, há muito o que sonhar:
sua República de ciência e esgar,
positivismos, Comte e o que mais seja.*

*Em vigília, na noite sertaneja,
cofiava o duro queixo exemplar:
se uma Tróia não havia, por inventar,
qual Deus, ou Ideal, ou qual Igreja?*

*Em Juazeiro, a Eterna e Degradada,
antes que a aurora exsurja menstruada,
o jagunço desperto cobra a senha:*

*“... que Progresso, que Ordem e Augusto Comte?”
Feriu-o de morte. É a história (outro a recontei)
do Valoroso Capitão da Penha.*

◆ f j a & c i a

PREÁ

PÚBLICO EM SHOW DO AGOSTO DA ALEGRIA

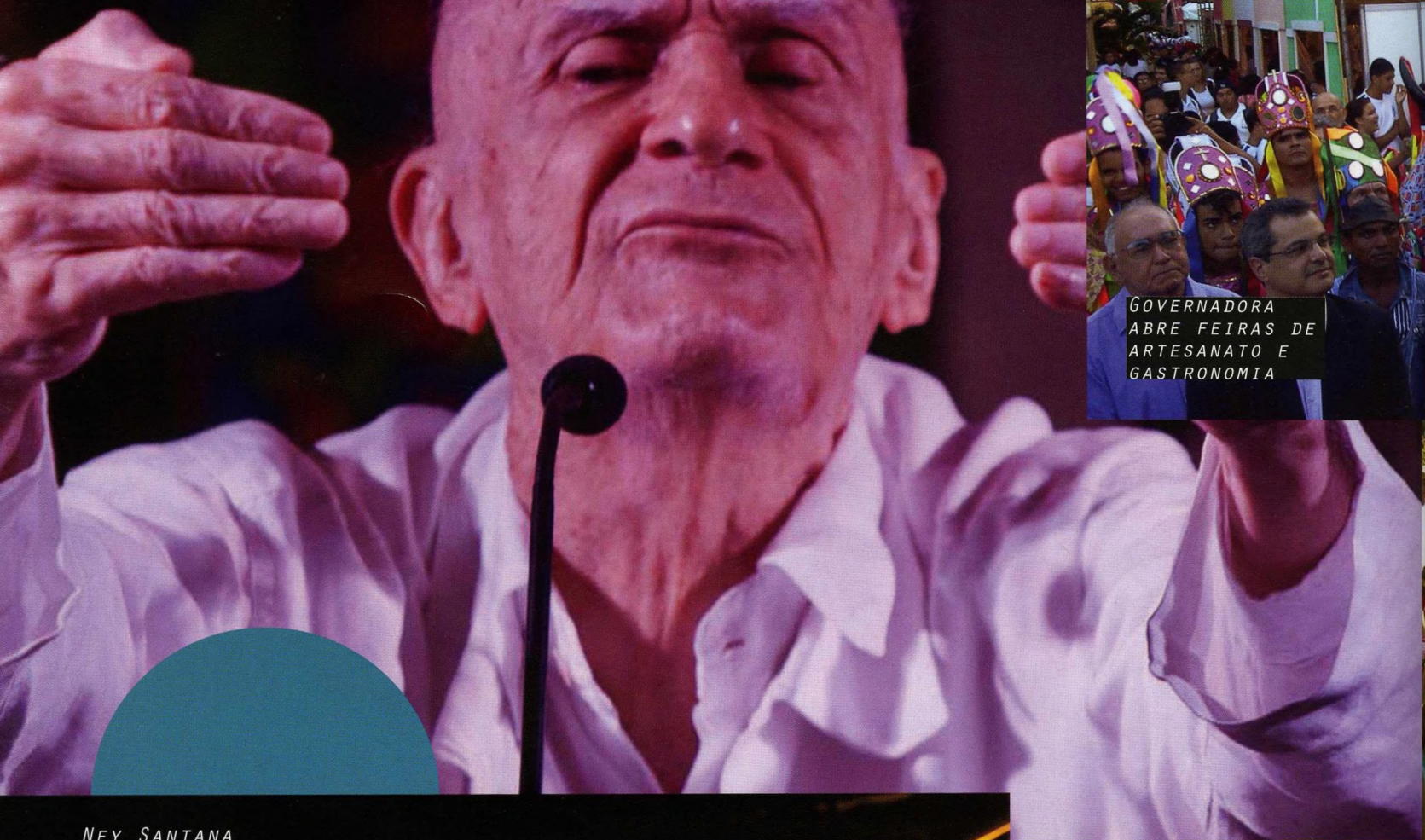
Fotos Assessoria FJA

AGOSTO da

ALEGRIA

SHOW ANTÔNIO NÓBREGA

ARIANO SUASSUNA



GOVERNADORA
ABRE FEIRAS DE
ARTESANATO E
GASTRONOMIA

NEY SANTANA



CARLOS AUGUSTO LIRA



FANTÁSTICO



DANIEL DE CHICO DANIEL



BRINCANTES DE TOFAS



FLORESCENDO A CULTURA

◆ f j a & c i a



ALÉM *DAS*
SOMBRAS



Por Sheyla de Azevedo ♦ Fotos Cláudio Marques

REGINA, 68. MARIA, 67.
CONCEIÇÃO, 60. TRÊS IR-
MÃS E UMA HISTÓRIA DE VIDA
DESENHADA NAS SOMBRAS – DA
PRIVAÇÃO, DA DOR, DO SO-
FRIMENTO. CEGAS DE NASCEN-
ÇA, DESDE PEQUENAS LEVADAS
PELO PAI, MANOEL DE SOUZA,
CIDADE ACIMA, CIDADE ABAI-
XO, CRUZANDO OS ESTADOS
DA PARAÍBA, RIO GRANDE DO
NORTE, CEARÁ, PERNAMBU-
CO E ALAGOAS, PARA CANTAR
NAS FEIRAS E CONSEGUIR AS
ESMOLAS QUE GARANTIRIAM O
SUSTENTO DE TODA A FAMÍ-
LIA, FORMADA POR MAIS TRÊS
IRMÃOS, QUE NÃO NASCERAM
SOB A CONDIÇÃO DE NÃO RE-
CONHECER A PRÓPRIA SOMBRA.

Regina, 68. Maria, 67. Conceição, 60. Três irmãs e uma história de vida desenhada nas sombras – da sinceridade, da ingenuidade, da alegria. Já nos primeiros segundos de contato com essas três senhoras, a limitação física imposta pelas origens congênicas se descortina em um novo mundo, paradoxalmente iluminado – e mais próximo ao universo das crianças – e recriado por elas nos mais simples gestos. Recentemente elas estiveram em Natal, onde se apresentaram dentro do Programa Agosto da Alegria, na mostra Cultura Popular no Cinema, no Teatro de Cultura Popular Chico Daniel.

“Maroca” (Maria), “Poroca” (Regina) e “Indaiá” (Conceição) tornaram-se conhecidas pelo Brasil, como “as ceguinhas de Campina Grande”, quando o diretor Roberto Berliner lançou em 2004 o documentário *A pessoa é para o que nasce*. O título vem de uma frase de Maroca – espécie de portavoz das irmãs, um pouco mais tímidas para falar – e que ela explica de outra maneira quando provocada: “Cada pessoa nasce com um destino. A gente não vê mas passa a mão”, diz, emendando com uma boa risada sem

dentos, seguida pelas outras irmãs, num mimetismo de cumplicidade constante entre elas.

“A vida é boa”. “A pior vida do mundo é melhor do que morrer”. “É!”. As frases são ditas em cadência, praticamente ao mesmo tempo, primeiro por Poroca, depois por Maroca e por fim, Indaiá, concisa. São as respostas à pergunta se elas são felizes.

São. Apesar das sombras. Por conta das sombras. “Nosso pai era agricultor. Mas não plantava muito porque a gente vivia viajando pra cantar nas feiras. E ele não se aprumava nunca, porque bebia muito. Nossa mãe [*Maria Oliveira*] era boa e não era. A gente já sofreu muito, *Afe* Maria, tinha muita gente ruim pelas feiras, botava papel e pedras na nossa bacia [*o recipiente para recolher as esmolas*], pisava na gente”, diz Maroca, novamente reiterada por Indaiá: “É!”.

A pessoa é para o que nasce inicialmente seria um curta de seis minutos. Berliner ficou tão impressionado com o que viu e ouviu que decidiu fazer o filme com elas, estreando como diretor de longa metra-

gem. No documentário, as ceguinhas de Campina Grande cantam com Gilberto Gil, num Festival de Música em Salvador – Poroca: “O povo diz que ele é um dos maiores cantores do Brasil e que ele sabe das coisas.” Naquele período, os convites para festivais e programas de TV lhes rendeu cerca de R\$ 40 mil. Com esse dinheiro, a moça que as acompanhava e que aparece no filme, Valneide, comprou uma casa para o filho dela. Regina, Maria e Conceição vivem até hoje de aluguel e moram na casa da única filha de Maria, que se chama Maria Dalva, no bairro Jardim Paulistano, em Campina Grande (PB). “Hem heim... a Justiça que eu quero é a de Deus. Depois que a gente ganhou o dinheiro e ela comprou a casa para o filho, ela vivia aborrecida com a gente, sem paciência. Morreu de câncer de mama. E a gente também não tem como tomar a casa do menino dela, ele é de menor”, resigna-se Maroca.

Depois do filme, elas contam que passaram três meses “só andando”, tocando seus ganzás e cantando as emboladas de coco Brasil afora. Depois, os convites rarearam mais. E não negam a satisfação



de sair de casa para se apresentar, quando convidadas. “Aqui foi bom demais. Tudo é bom. As pessoas são boas. O hotel era bom. Os *cantos* que a gente vai é melhor do que em casa, que tem muito barulho de menino”, diz Maroca.

Sempre unidas, as irmãs vez ou outra se procuram para trocar carinhos durante a entrevista. Estão novamente juntas há um ano, pois estiveram separadas nos últimos cinco, entre 2005 e 2010. Maroca foi morar com a filha, por conta de um acidente vascular cerebral. Quando relembram a separação, as três choram, sem reservas. “A gente não arenga não. Negócio de arengar presta não”, diz Indaiá, num raro momento de intervenção na conversa.

Maroca foi a única que se casou das três: “O primeiro marido era muito ciumento, morreu de uma carne de porco que comeu. O segundo era bom, mas foi assassinado pelo meu irmão. Uma briga besta por conta de um sofá. Não tenho coragem de perdoar meu irmão. Eu amava demais o segundo.” O segundo marido também era cego. Foi assassinado pelas costas.

“Matar um cego é o mesmo que tirar a vida de uma criança”, sentencia Indaiá, continuando, mais desenvolta enquanto as outras ouvem atentamente: “Sou adulta, mas me acho uma criança.”

A mais velha, Poroca, é a única que vai sozinha ao banheiro. E Maroca diz que antes do AVC que lhe roubou alguns movimentos das pernas e dos braços, lavava pratos e cuidava dos netos. Gostam de ouvir as novelas. “Uma novela boa é essa *Cordel Encantado*. Uma boa fofoca também é bom”, brinca Poroca, botando a mão na boca, numa autoreprimenda.

A conversa já está muito boa e todas se sentem à vontade. Maroca provoca a repórter a questionar Poroca sobre o que é “tetramizó”. E Indaiá se mete na conversa: “Você morre danada, e o tetramizó fica”. Poroca bota a mão na boca mais uma vez e desata a gargalhar. Unidas na escuridão, no ganzá e nas cantorias elas têm uma espécie de código para falar umas com as outras – conseguimos desvendar alguns: *Vinte* é “homem branco”; *Treze* é “carinho em mulher morena”; *fun* é “gente branca”, *Zinho* é “dinheiro” e *Tetramizó* é “bebida alcoólica”.

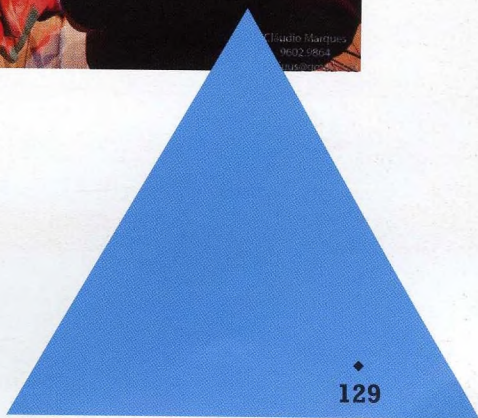
Já está na hora de partir para Campina Grande. Antes, porém, Valquíria, a moça que agora toma conta delas, recomenda que todas devam ir ao banheiro. Cada uma tem de ser conduzida pela mão até o lugar. Indaiá é a primeira a entrar. Enquanto a repórter e Poroca ficam sozinhas no corredor, esta cochicha: “Eu gosto de um tetramizozinho [*cerveja*], mas só tomo dois copos. Porque elas não gostam que eu beba. Mas não tenho uma dor numa unha. Só tomo remédio para dor de cabeça, mas é muito difícil.”

Na despedida, a repórter pede licença para dar um cheiro em cada uma. O consentimento e a retribuição vêm em forma de dois carinhos muito comuns entre elas: pegar na minha “caixa de fósforo” [*orelha*] e fazer o “treze” [*aparar o meu queixo com a palma das mãos*].

Sheyla de Azevedo é repórter e subcoordenadora de comunicação da Fundação José Augusto.



“**MATAR UM
CEGO É
O MESMO
QUE TIRAR
A VIDA
DE UMA
CRIANÇA**”



**A GENTE
ESPEROU
MUITO
POR ESSA
CHEGADA.**

**Aeroporto
Internacional de
São Gonçalo do
Amarante**

O martelo foi batido. E hoje o Rio Grande do Norte já pode comemorar mais uma grande vitória. Com vontade política, dedicação e determinação, o Governo do Estado fez acontecer e garantiu a realização de uma das obras mais esperadas pelos norte-rio-grandenses nas últimas décadas: o Aeroporto Internacional de São Gonçalo do Amarante. O Aeroporto será construído através de uma parceria público-privada, com investimentos da ordem de R\$ 650 milhões. Mas o principal valor dessa obra vai muito além das nossas fronteiras. Graças ao novo Aeroporto, o Estado vai ganhar uma ZPE – Zona de Processamento de Exportação, o que significa a atração de novos investimentos nacionais e estrangeiros, um novo impulso para a economia estadual e muito mais empregos para a nossa gente. É por tudo isso que agora não restam mais dúvidas: o Rio Grande do Norte está pronto para alçar voos cada vez mais altos.



**UM SONHO ANTIGO,
UMA NOVA REALIDADE.**

RN
**GOVERNO
DO ESTADO**

RECONSTRUIR E AVANÇAR

◆ s a i d e r a



Alexandre Gurgel é artista visual.